

Instituição: Instituto Politécnico de Portalegre

Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

Relatório Final de Estágio - Prática de Ensino Supervisionada

Mestrado em Educação Pré-Escolar

## **Brincar e Aprender ao Ar Livre na Educação de Infância**

Bárbara de Matos Agostinho Policarpo

Orientadora: Professora Doutora Amélia Marchão

Portalegre, outubro, 2022

# **Brincar e Aprender ao Ar Livre na Educação de Infância**

Relatório Final de Prática de Ensino Supervisionada apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Educação Pré-Escolar sob orientação científica e pedagógica da Professora Doutora Amélia Marchão, professora coordenadora da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre.

Bárbara de Matos Agostinho Policarpo

Portalegre, outubro, 2022

## **Constituição do Júri**

**Presidente:** Professor Doutor Joaquim Luís Rodrigues Bonixe

**Arguente:** Professora Doutora Evangelina Bonifácio

**Orientadora:** Professora Doutora Amélia Marchão

*“Quando for grande, não quero ser médico,  
engenheiro ou professor. Não quero trabalhar  
de manhã à noite, seja no que for. Quero  
brincar de manhã à noite, seja com o que for.  
Quando for grande, quero ser um brincador.”*

Álvaro Magalhães



## Agradecimentos

Desde o início do meu percurso académico até ao seu final, foram muitas as pessoas que estiveram ao meu lado, os que me apoiaram e que sempre “torceram” para o meu sucesso. Assim termina mais um capítulo da minha vida, o qual me fez crescer quer a nível pessoal, quer profissional e me permitiu alcançar este grande sonho de ser educadora de infância. Como tal, agradeço do fundo do meu coração a todos aqueles que direta ou indiretamente fizeram parte desta longa caminhada e que estiveram sempre a meu lado, incentivando-me e ensinando-me a nunca desistir e a lutar até ao fim. É com enorme alegria e orgulho que passo a expressar o meu agradecimento a todos.

Começo por agradecer, de um modo muito particular, **aos meus pais**, por nunca deixarem de acreditar nas minhas capacidades e confiar em mim. Obrigada por todo o apoio que me proporcionaram ao longo destes anos, por toda a educação e valores que me transmitiram e que fizeram de mim a pessoa que hoje sou. Agradeço por toda a força, coragem, encorajamento, persistência e determinação que me deram, e sobretudo pelo carinho e amor incondicional que, por ser manifestado de formas diferentes, esteve sempre presente de ambas as partes, sobretudo nas horas em que mais necessitava. Obrigada pelo vosso esforço, pois fizeram tudo o que estava ao vosso alcance para me ajudarem a chegar aqui e a concretizar este grande sonho.

A ti **mãe**, agradeço-te de forma mais especial, por seres a minha melhor amiga, confiante de todas as horas, por teres ouvido os meus receios e inseguranças, por todo o teu apoio, por teres sido o meu “braço direito” e por me fazeres acreditar que é possível chegar ao fim, apesar de todos os obstáculos que se atravessam no caminho.

**À minha madrinha**, que esteve sempre presente e disponível para me ajudar em todos os momentos deste meu percurso académico. Obrigada pela tua paciência, dedicação, carinho e força que sempre me transmitiste e por me fazeres acreditar nas minhas capacidades.

**Aos meus irmãos**, os meus tesouros, que, apesar das suas diferentes idades, me ensinaram a crescer e me deram ainda mais certezas de que ser educadora de infância era a minha vocação e o caminho que queria seguir. Tive a oportunidade de acompanhar o vosso crescimento e desenvolvimento, permitindo que fizesse parte das vossas vidas permanentemente. Grata por vos ter aos três na minha vida, pela cumplicidade, pelo amor e por estarem sempre presentes. O meu amor por eles é infinito, **Benedita, Margarida e João Pedro**.

**Aos meus amigos**, aos que fui conhecendo ao longo desta caminhada e aos que me acompanham há mais tempo, por toda a vossa amizade, lealdade, apoio e palavras de incentivo que sempre tiveram para me dar. Obrigada por todos os ensinamentos, aprendizagens, partilhas que trocámos e, sobretudo, agradecer pela grande amizade que criámos e queremos levar para a vida toda. Deste modo, quero expressar que todos eles ocupam um lugar muito especial no meu coração!

Não podia deixar de agradecer **a todos/as os/as professores/as** que atravessaram o meu caminho ao longo do meu percurso académico, por todas as partilhas, valores e conhecimentos transmitidos. Obrigada por terem contribuído para a minha formação. Agradeço por todos os vossos ensinamentos, pois contribuíram para o meu crescimento a nível profissional e pessoal.

**À minha orientadora, Professora Doutora Amélia Marchão**, por todos os ensinamentos, profissionalismo, colaboração, preocupação e disponibilidade e por toda a paciência e compreensão. Obrigada por me ter encorajado a fazer sempre melhor, por acreditar nas minhas capacidades. Agradeço do fundo do meu coração a sua amizade e dedicação.

**Às Educadoras Cooperantes**, o meu muito obrigado por me terem acolhido nas vossas salas e confiado em mim para partilharem as vossas práticas pedagógicas e os vossos grupos. Obrigada por todos os momentos de partilha de saberes, aprendizagens, experiências, conselhos e incentivos, que levaram sempre a uma prática reflexiva e constantemente melhorada.

Quero agradecer de uma forma muito especial **à educadora Graciela** pelo seu profissionalismo, dedicação, entreaajuda, apoio incansável durante o estágio, por me incentivar constantemente a fazer mais e melhor, por ter acreditado sempre em mim e por me ter ajudado a crescer e a evoluir a nível pessoal e profissional; sem ela nada teria sido possível. Obrigada por ter partilhado e vivenciado comigo momentos inesquecíveis, pelo companheirismo e pela amizade que desenvolvemos, a qual tenciono levar para a minha vida. Um enorme agradecimento pela sua amizade e cooperação. Também não podia deixar de expressar a grande admiração, respeito e carinho por si, foi um privilégio ter trabalhado consigo, pois tive a sorte de observar e aprender a verdadeira essência do ser educadora de infância.

**Às respetivas equipas pedagógicas**, o meu mais sincero obrigado por toda a disponibilidade, apoio e por me terem recebido sempre de “braços abertos”.

**Aos “meus” meninos**, agradeço do fundo do meu coração porque sem eles não tinha sido possível chegar aqui. Obrigada por tudo o que aprendi nos dias que passámos juntos e por me terem deixado entrar no vosso “mundo” e por termos vivido momentos únicos e de cumplicidade que se verificaram nos abraços, nas palavras e afetos e os quais ficarão

guardados para sempre na memória do coração. Agradeço por me fazerem feliz e desejo que a vossa caminhada seja repleta de conquistas e sucessos. Obrigada por terem contribuído para o meu crescimento pessoal e profissional. Obrigada por terem feito parte da minha história! E obrigada por me terem deixado fazer parte da vossa história! Com a certeza que existirá a saudade, mantenho a esperança de os reencontrar... pois terei sempre sorrisos, abraços e amor para lhes dar! Cada um deles terá um lugar especial no meu coração, pois juntos fomos felizes, juntos fomos crianças! Obrigada por terem marcado o início do percurso que aguardo percorrer enquanto educadora de infância!

**Aos pais, famílias e encarregados de educação**, agradeço toda a confiança, parecia e carinho que recebi ao longo desta caminhada com as crianças.

A ti, **minha estrelinha brilhante**, que me viste crescer e contribuístes para que hoje fosse a rapariga que sou! Partiste cedo demais, mas estejas onde estiveres continuas a olhar por mim e acredito que te sentes orgulhosa de ter chegado aqui, pois tu bem sabias o quanto eu adorava ser educadora de infância. Grata por tudo o que fizeste por mim, minha querida Zé.

Por último, mas não menos importante, o **meu especial obrigada a um grande amigo** que se tornou meu **namorado**. Obrigada pela presença, companheirismo e conselhos de incentivo. Obrigada pelo apoio, pelos sorrisos e olhares partilhados. Entraste na minha vida por mero acaso e quero que fiques para sempre. Obrigada pela pessoa única e maravilhosa que és.

**A todos, agradeço do fundo do coração!**

## **Resumo**

O presente relatório retrata o percurso vivido em contexto de Creche e Jardim de Infância no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Trata-se de um percurso de natureza qualitativa, centrado na metodologia de Investigação-Ação, dando maior importância à observação, reflexão e análise dos dados recolhidos, com intuito a melhorar a qualidade da ação educativo-pedagógica.

Sabendo que as crianças apresentam, constantemente, uma enorme vontade de brincar e explorar o mundo que as rodeia, promovemos experiências de aprendizagem na Creche e no Jardim de Infância direcionadas para brincar e aprender ao ar livre, tendo em conta o significativo valor pedagógico dos espaços exteriores. Estes espaços fomentaram novas descobertas, permitindo à criança interagir, escolher e explorar as diversas potencialidades dos objetos/materiais, proporcionando momentos de partilha, cumplicidade e descoberta ao longo de todo o processo. Algumas mudanças foram-se evidenciando nas práticas educativas, o que originou uma nova perspetiva sobre a importância do brincar ao livre.

Para além disso, foi fundamental escutar as conceções das educadoras cooperantes relativamente à importância que atribuem ao brincar ao ar livre no dia-a-dia da sua prática pedagógica. Para além das educadoras, escutámos as crianças, principais protagonistas, e ouvimo-las sobre as ideias que cada uma tinha relativamente ao brincar.

Revelou-se oportuno desenvolver este projeto com as crianças, pois permitiu-lhes oportunidades, escolhas e ações num ambiente rico, desafiador e cativante, onde são autoras do seu processo de aprendizagem.

Cabe aos adultos dar a devida importância a este brincar ao ar livre e estar em constante contacto com a Natureza, utilizando-o como uma estratégia empreendedora e alternativa para um melhor desenvolvimento e aprendizagem das crianças, constituindo-se como uma experiência intrinsecamente estimulante e recompensadora.

**Palavras-chave:** Educação de Infância; Brincar; Brincar ao Ar Livre; Aprender

## **Abstract**

This report portrays the journey lived in the context of Daycare and Kindergarten during the Supervised Teaching Practice of the Master's degree in Pre-School Education.

It is a qualitative journey, focused on the methodology of Action Research, giving greater importance to observation, reflection and analysis of data collected in order to improve the quality of educational-pedagogical action.

Knowing that children are constantly eager to play and explore the world around them, we promoted learning experiences in kindergarten and nursery school aimed at playing and learning outdoors, taking into account the significant pedagogical value of outdoor spaces. These spaces fostered new discoveries, allowing the child to interact, choose and explore the various potentialities of objects/materials, providing moments of sharing, complicity and discovery throughout the process. Some changes were evident in the educational practices, which led to a new perspective on the importance of free play.

In addition, it was essential to listen to the cooperating teachers' conceptions of the importance they attach to playing outdoors in their daily teaching practice. Besides the educators, we also listened to the children, the main protagonists, and we heard their ideas about playing.

It was opportune to develop this project with the children, as it allowed them opportunities, choices and actions in a rich, challenging and captivating environment, where they are the authors of their learning process.

It is up to adults to give due importance to this outdoor play and to be in constant contact with nature, using it as an enterprising and alternative strategy for a better development and learning of the children, constituting an intrinsically stimulating and rewarding experience.

**Keywords:** Childhood Education; Play; Outdoor Play; Learn

## **Siglas e abreviaturas**

### **Siglas:**

DQP – Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias

ESECS – Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

IA – Investigação-Ação

IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social

OCEPE – Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

ONU – Organização das Nações Unidas

PES – Prática de Ensino Supervisionada

PISC – Prática de Intervenção Supervisionada em Creche

PISJI – Prática de Intervenção Supervisionada em Jardim de Infância

### **Abreviaturas:**

Ed. C. – Educadora Cooperante da Creche

Ed. C1. – Educadora Cooperante do Jardim de Infância

Ed. C2. – Educadora Cooperante do Jardim de Infância

Ed. E. – Educadora de Infância Estagiária

S.d. – Sem data

S.p. – Sem página

Todas as figuras e tabelas são da autoria e responsabilidade da autora deste trabalho.

## Índice

|                                                                                                             |            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>INTRODUÇÃO .....</b>                                                                                     | <b>17</b>  |
| <b>Parte I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO .....</b>                                                                | <b>20</b>  |
| <b>1. Educação de infância em Portugal. Perspetivas pedagógicas e curriculares.....</b>                     | <b>20</b>  |
| 1.1 A Creche.....                                                                                           | 20         |
| 1.2 A Educação Pré-Escolar .....                                                                            | 27         |
| <b>2. O Brincar como fundamento da “Pedagogia da Infância” .....</b>                                        | <b>35</b>  |
| 2.1 A importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança.....                          | 35         |
| 2.2 Brincar e aprender ao ar livre .....                                                                    | 39         |
| 2.3 Brincar ao ar livre: o papel dos adultos no espaço exterior da instituição educativa.....               | 42         |
| <b>Parte II – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO.....</b>                                                         | <b>45</b>  |
| <b>1. Percurso e contextos de intervenção.....</b>                                                          | <b>45</b>  |
| 1.1 A Investigação-Ação como opção metodológica .....                                                       | 45         |
| 1.2 Técnicas e instrumentos de recolha, de tratamento e análise de dados.....                               | 49         |
| <b>2. Caracterização dos contextos educativos .....</b>                                                     | <b>56</b>  |
| <b>2.1 Contexto de Creche .....</b>                                                                         | <b>56</b>  |
| 2.1.1 Caracterização do estabelecimento educativo .....                                                     | 56         |
| 2.1.2 Caracterização da sala de atividades onde nos integrámos.....                                         | 58         |
| 2.1.3 Caracterização do grupo de crianças da sala da Creche .....                                           | 60         |
| <b>2.2 Contexto de Jardim de Infância.....</b>                                                              | <b>63</b>  |
| 2.2.1 Caracterização do estabelecimento educativo .....                                                     | 64         |
| 2.2.2 Caracterização da sala de atividades.....                                                             | 66         |
| 2.2.3 Caracterização do grupo de crianças.....                                                              | 67         |
| <b>3. Ação em Contexto .....</b>                                                                            | <b>71</b>  |
| 3.1 Análise e descrição das atividades incluídas no projeto de intervenção para a Creche.....               | 71         |
| 3.2 Análise e reflexão das atividades desenvolvidas em Jardim de Infância .....                             | 84         |
| <b>4. Entrevistas Semiestruturadas .....</b>                                                                | <b>118</b> |
| 4.1 Análise e interpretação dos dados da entrevista às Educadoras Cooperantes.....                          | 118        |
| 4.2 Análise dos dados da entrevista às crianças .....                                                       | 125        |
| <b>5. Reflexão global da ação educativo-pedagógica desenvolvida na Creche e no Jardim de Infância .....</b> | <b>130</b> |
| 5.1 Contexto de Creche.....                                                                                 | 130        |
| 5.2 Contexto de Jardim de Infância .....                                                                    | 132        |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>                                                                           | <b>138</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>                                                                     | <b>141</b> |

|                    |            |
|--------------------|------------|
| <b>ANEXOS.....</b> | <b>145</b> |
|--------------------|------------|



## Índice de Figuras

|                                                                                                                                                              |     |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 1</b> <i>Observação e exploração dos objetos/materiais presentes no cesto dos tesouros</i>                                                         | 73  |
| <b>Figura 2</b> <i>As explorações/descobertas realizadas pelas crianças</i>                                                                                  | 74  |
| <b>Figura 3</b> <i>Espaço exterior organizado para a exploração livre das caixas de cartão</i>                                                               | 75  |
| <b>Figura 4</b> <i>Exploração livre e interação entre pares</i>                                                                                              | 76  |
| <b>Figura 5</b> <i>Descoberta do livro "A Caixa", de Min Flyte</i>                                                                                           | 76  |
| <b>Figura 6</b> <i>Leitura e audição da história "A Caixa"</i>                                                                                               | 77  |
| <b>Figura 7</b> <i>Caixas de cartão pintadas com giz</i>                                                                                                     | 78  |
| <b>Figura 8</b> <i>Espaço exterior previamente organizado para a atividade</i>                                                                               | 80  |
| <b>Figura 9</b> <i>Momentos de interação e exploração livre na cozinha de terra</i>                                                                          | 80  |
| <b>Figura 10</b> <i>Fazer bolos de aniversário e lavar a loiça</i>                                                                                           | 81  |
| <b>Figura 11</b> <i>A preparação do almoço na cozinha de terra</i>                                                                                           | 81  |
| <b>Figura 12</b> <i>Momentos de muita brincadeira ao ar livre</i>                                                                                            | 82  |
| <b>Figura 13</b> <i>Brincar, explorar e descobrir ao ar livre... as vivências da Infância, tornam-se lembranças no futuro</i>                                | 83  |
| <b>Figura 14</b> <i>Apresentação e exploração de materiais da Natureza</i>                                                                                   | 87  |
| <b>Figura 15</b> <i>Sentir e utilizar os materiais da Natureza</i>                                                                                           | 88  |
| <b>Figura 16</b> <i>Explorar e experimentar – Pintura coletiva</i>                                                                                           | 89  |
| <b>Figura 17</b> <i>Momentos de exploração – Pintura Sensorial</i>                                                                                           | 89  |
| <b>Figura 18</b> <i>Pintura Coletiva</i>                                                                                                                     | 92  |
| <b>Figura 19</b> <i>Resultado final – placard alusivo ao Natal</i>                                                                                           | 93  |
| <b>Figura 20</b> <i>Diálogo e partilhas no espaço exterior</i>                                                                                               | 95  |
| <b>Figura 21</b> <i>Chuva de ideias alusiva ao espaço exterior</i>                                                                                           | 96  |
| <b>Figura 22</b> <i>Brincadeiras livres no espaço exterior</i>                                                                                               | 96  |
| <b>Figura 23</b> <i>Cada criança vivencia o espaço exterior de uma forma única e espontânea</i>                                                              | 97  |
| <b>Figura 24</b> <i>Exploração dos materiais e início da construção da maquete em pequenos grupos</i>                                                        | 98  |
| <b>Figura 25</b> <i>A maquete em construção, pelas mãos das crianças</i>                                                                                     | 99  |
| <b>Figura 26</b> <i>O entusiasmo, envolvimento e entreajuda do grupo durante a construção da maquete</i>                                                     | 100 |
| <b>Figura 27</b> <i>Produto final – Maquete alusiva ao espaço exterior construída pelas crianças de acordo com os seus interesses, ideias e criatividade</i> | 101 |
| <b>Figura 28</b> <i>Legenda da maquete – Representação do espaço exterior com a construção de novas áreas e a (re)construção das existentes</i>              | 102 |
| <b>Figura 29</b> <i>Eleição, em grande grupo, do nome para o projeto do espaço exterior</i>                                                                  | 103 |

|                                                                                                                                                |     |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Figura 30</b> <i>Momentos únicos e vivenciados que contribuem para um crescer e aprender feliz</i>                                          | 104 |
| <b>Figura 31</b> <i>Momentos de rotina – “calçar as galochas”</i>                                                                              | 105 |
| <b>Figura 32</b> <i>Regresso do espaço exterior – momentos de rotina</i>                                                                       | 105 |
| <b>Figura 33</b> <i>Espaço exterior, visto de vários ângulos</i>                                                                               | 107 |
| <b>Figura 34</b> <i>Balança</i>                                                                                                                | 108 |
| <b>Figura 35</b> <i>Parede sonora</i>                                                                                                          | 108 |
| <b>Figura 36</b> <i>Parede de água (destruída)</i>                                                                                             | 109 |
| <b>Figura 37</b> <i>Cozinha de lama</i>                                                                                                        | 109 |
| <b>Figura 38</b> <i>Brincar ao ar livre</i>                                                                                                    | 110 |
| <b>Figura 39</b> <i>Construção do autocarro, com a participação dos pais e crianças</i>                                                        | 110 |
| <b>Figura 40</b> <i>As primeiras explorações e brincadeiras no autocarro</i>                                                                   | 111 |
| <b>Figura 41</b> <i>Colocação e experimentação das cordas</i>                                                                                  | 111 |
| <b>Figura 42</b> <i>(Re)construção da balança com a colaboração da educadora cooperante e a mãe de uma das crianças</i>                        | 112 |
| <b>Figura 43</b> <i>(Re)construção e produto final da parede sonora com contributo dos pais e das crianças</i>                                 | 112 |
| <b>Figura 44</b> <i>Parede de água construída com materiais reaproveitados</i>                                                                 | 113 |
| <b>Figura 45</b> <i>Processo de (re)construção da cozinha de lama com a cooperação dos pais</i>                                                | 113 |
| <b>Figura 46</b> <i>Produto final – cozinha de lama construída e composta com materiais do quotidiano oferecidos pela educadora estagiária</i> | 114 |
| <b>Figura 47</b> <i>Momentos únicos – brincadeira livre</i>                                                                                    | 115 |
| <b>Figura 48</b> <i>Oportunidades para criar, experimentar e vivenciar</i>                                                                     | 115 |
| <b>Figura 49</b> <i>Descoberta e partilha nas experiências de aprendizagem</i>                                                                 | 116 |
| <b>Figura 50</b> <i>Mais um dos momentos de carinho, partilha, afeto e muita brincadeira que vivemos juntos</i>                                | 137 |

## **Índice de Gráficos**

|                                                                                     |    |
|-------------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Gráfico 1</b> <i>Dispersão das crianças por sexo (Creche)</i> .....              | 61 |
| <b>Gráfico 2</b> <i>Dispersão das crianças por idade e sexo (Pré-Escolar)</i> ..... | 67 |

## **Índice de Tabelas**

|                                                                           |     |
|---------------------------------------------------------------------------|-----|
| <b>Tabela 1</b> <i>Rotina pedagógica da Sala 1/2</i> .....                | 63  |
| <b>Tabela 2</b> <i>Rotina pedagógica da sala Jardim de Infância</i> ..... | 70  |
| <b>Tabela 3</b> <i>Identificação das crianças entrevistadas</i> .....     | 126 |

## INTRODUÇÃO

No âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrada no plano de estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Portalegre, emerge o presente Relatório, tendo como objetivo apresentar, descrever e refletir o trabalho desenvolvido ao longo do trajeto vivenciado em contexto de Creche e de Jardim de Infância. A ação educativo-pedagógica que realizámos estruturou-se no âmbito da Investigação-Ação (IA), procurando melhorar o processo de ensino e de aprendizagem realizado ao longo desse trajeto.

O projeto de IA iniciou-se com um período de observação, centrado fundamentalmente nas rotinas implementadas, na organização da sala de atividades, nas estratégias adotadas pelas educadoras cooperantes, nas oportunidades de aprendizagem desenvolvidas, e também nos interesses, necessidades e nas interações estabelecidas entre crianças e entre crianças-adultos.

Cientes da importância deste período de observação recorreremos a alguns instrumentos de recolha de dados que nos permitiram obter informações relevantes, e que muito nos ajudaram na tomada de decisão em termos científicos, pedagógicos e éticos.

Através da análise da informação recolhida, delineámos um conjunto de oportunidades de aprendizagem, responsivas às necessidades e interesses das crianças, respeitando o ritmo e espaço de cada uma, proporcionando aprendizagens significativas, despertando a curiosidade natural da criança, estimulando-a a participar ativamente e destacando a importância atribuída ao brincar na educação de infância.

A escolha da temática para este projeto baseou-se nas seguintes razões: o facto de termos ouvido falar bastante do tema durante algumas aulas de Mestrado em Educação Pré-Escolar; o facto de termos observado que o/a educador/a disponibiliza pouco tempo e espaços às crianças para brincarem de uma forma livre, quer seja na sala de atividades, quer seja no espaço exterior, desvalorizando assim a importância do brincar na infância; e o facto de termos participado em diversas formações *online* que nos despertaram ainda um maior interesse e curiosidade para investigar sobre o tema, acreditando nas potencialidades do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Entende-se que cabe ao ao/à educador/a promover oportunidades que permitam às crianças brincar, criando um ambiente organizado, desafiador, rico e que possibilite diversas explorações, através de materiais diversificados e versáteis que estimulem a sua imaginação e criatividade. Nesse sentido, deve proporcionar espaços e tempo de brincadeira, dando-lhe o respetivo reconhecimento visto que ao brincar as crianças adquirem inúmeras competências que são imprescindíveis para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Tendo por base estas ideias, emergiu a questão de partida: Qual o lugar da brincadeira ao ar livre<sup>1</sup> no currículo e na(s) pedagogia(s) da infância?

A partir desta, definimos os seguintes objetivos:

- Identificar o estatuto da educação de infância no sistema educativo em Portugal;
- Identificar e compreender as perspetivas curriculares e pedagógicas na hodiernidade da educação de infância;
- Identificar e debater a brincadeira ao ar livre enquanto estratégia para aprender na educação de infância;
- Identificar e discutir as opiniões das educadoras de infância e das crianças sobre o brincar ao ar livre no Jardim de Infância;
- Promover práticas pedagógicas que incentivem a aprendizagem através do brincar ao ar livre em contexto de Creche e Jardim de Infância.

Em contexto de Creche desenvolvemos práticas pedagógicas direcionadas para o brincar, essencialmente ao ar livre. A intencionalidade destas práticas ficou marcada pela possibilidade de permitir o contacto com texturas diferentes, materiais diversificados, num ambiente previamente organizado, apelativo, estimulante e seguro, no qual as crianças criaram as suas próprias brincadeiras, descobertas e explorações. Tal como refere Brites (2020), quando brincam todos os sentidos das crianças são estimulados, sendo “por meio de sons, cheiros e gostos que o bebé conhece o mundo (...) pois são os sentidos que nos ajudam a compreender o que se passa ao nosso redor a fim de tomar decisões com mais rapidez” (s.p.).

Em contexto de Jardim de Infância propiciámos momentos de grande exploração e de brincadeira livre no espaço exterior, criando oportunidades para que as crianças usufríssem deste espaço para aprenderem brincando. Com estes momentos possibilitámos aprendizagens significativas, alicerçadas em valores fundamentais para a sua vida, como por exemplo, o respeito pelo outro, a colaboração e a partilha. Tendo presente que as crianças aprendem melhor quando as experiências de aprendizagem são propostas de uma forma criativa, apelativa e lúdica, foi possível verificar que em todos os momentos houve um maior envolvimento e participação das crianças, quando as aprendizagens foram realizadas no exterior.

No que respeita à organização do presente Relatório, este encontra-se dividido em duas partes principais. A primeira corresponde ao Enquadramento Teórico do qual fazem parte dois capítulos: no primeiro focámo-nos na Educação de Infância em Portugal e nas

---

<sup>1</sup> Quando nos referimos ao brincar ao ar livre referimo-nos ao brincar no espaço exterior próprio da instituição.

perspetivas pedagógicas e curriculares; e no segundo enquadramos o tema escolhido para o relatório, apresentando a sua importância e particularidades, referindo a importância do Brincar para o Desenvolvimento e Aprendizagem da Criança, do Brincar e Aprender ao Ar Livre e do papel dos adultos no espaço exterior da instituição educativa. As concepções de diversos autores clarificaram e aprofundaram o nosso conhecimento, potenciando-nos uma visão mais abrangente sobre estas temáticas.

Na segunda parte deste Relatório apresentamos as opções metodológicas, ou seja: descrevemos teoricamente a metodologia de IA, a questão de partida, os principais objetivos, as questões orientadoras, as técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados bem como as suas formas de análise. Caracterizamos os contextos educativos onde decorreu a ação; refletimos sobre as oportunidades de aprendizagem desenvolvidas no âmbito da temática em estudo e apresentamos a análise e interpretação dos dados recolhidos através das entrevistas realizadas às educadoras cooperantes e às crianças do Jardim de Infância, com o intuito de sabermos as suas perspetivas sobre o brincar ao ar livre e a importância que lhe concedem. Finalizamos esta parte com uma reflexão global da PES, em que referimos os aspetos mais significativos do nosso percurso, evidenciado as aprendizagens adquiridas, bem como algumas inquietações sentidas.

No término deste Relatório apresentamos ainda as Considerações Finais, onde fazemos um balanço global sobre o percurso desenvolvido e a sua importância para a nossa formação pessoal e profissional, destacando os principais resultados. Seguem-se as Referências Bibliográficas, bem como os Anexos, que foram referência ao longo do percurso.

## **Parte I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. Educação de infância em Portugal. Perspetivas pedagógicas e curriculares**

O presente capítulo centra-se na Educação de Infância em Portugal, sendo esta entendida como a primeira etapa do trajeto educativo da vida das crianças, que inclui o contexto de Creche e o contexto de Jardim de Infância (Educação Pré-Escolar). Embora neste capítulo sejam evidenciados aspetos legislativos, identificamos também perspetivas pedagógicas e curriculares reconhecidas como as mais adequadas à educação das crianças entre os zero e os seis anos de idade.

Em Portugal, tem vindo a ganhar força a importância de uma Educação de Infância de qualidade que permita o bem-estar das crianças e lhes proporcione oportunidades educativas que vão ao encontro dos seus interesses, necessidades e espontaneidades (Marchão, 2021). Neste sentido, e de forma a contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, a Educação de Infância deve proporcionar-lhes experiências, desafios e as bases de que precisam para o seu bom desenvolvimento e aprendizagem.

O acesso à educação por todas as crianças é especificamente retratado na Convenção sobre os Direitos da Criança (Organização das Nações Unidas, 1989, Art.º 28 e 29), tendo como base a igualdade de oportunidades, independentemente da sua cultura familiar, nacionalidade, nível económico, entre outros fatores. Deste modo, a criança deve ser vista como uma cidadã, com direitos e necessidades, sendo que uma delas se centra no brincar, visto que “a infância só se vive uma vez, e por isso tem que ser vivida com toda a profundidade” (Neto, 2020, p.129). É através do brincar que as crianças realizam as suas próprias descobertas e aprendizagens significativas. A criança tem o direito de ser feliz e o brincar pode para isso contribuir.

#### **1.1 A Creche**

A Creche destina-se a crianças com idades compreendidas entre os zero e os três anos, sendo que surge como forma de complementar a ação da família, tornando-se fundamental estabelecer com ela relações fortes e perseverantes, incluindo-a em todo o processo educativo.

A Portaria n.º 262/2011, de 31 de agosto, foi publicada com o intuito de regulamentar o funcionamento da Creche, estabelecendo os seus objetivos e condições de funcionamento. Neste sentido, compete à Creche proporcionar o melhor começo de vida à criança, sendo assim definida como um “equipamento de natureza socioeducativa, vocacionado para o apoio à família e à criança, destinado a acolher crianças até aos 3 anos de idade, durante o período



correspondente ao impedimento dos pais ou de quem exerça as responsabilidades parentais” (Portaria n.º 262/2011, Art.º 3º, p. 4338). A Creche proporciona à criança um espaço de socialização e de desenvolvimento integral, baseado num projeto pedagógico adequado à idade das crianças, potenciando o seu desenvolvimento e respeitando a sua singularidade.

De acordo com a mesma Portaria, os objetivos da Creche são:

- a) Facilitar a conciliação da vida familiar e profissional do agregado familiar;
- b) Colaborar com a família numa partilha de cuidados e responsabilidades em todo o processo evolutivo da criança;
- c) Assegurar um atendimento individual e personalizado em função das necessidades específicas de cada criança;
- d) Prevenir e despistar precocemente qualquer inadaptação, deficiência ou situação de risco, assegurando o encaminhamento mais adequado;
- e) Proporcionar condições para o desenvolvimento integral da criança, num ambiente de segurança física e afetiva;
- f) Promover a articulação com outros serviços existentes na comunidade. (Portaria n.º 262/2011, Art.º 4º.)

Ainda na análise ao mesmo documento legal, constata-se que as atividades e serviços em contexto de Creche destinam-se a:

- a) Cuidados adequados à satisfação das necessidades da criança;
- b) Nutrição e alimentação adequada qualitativa e quantitativamente, à idade da criança, sem prejuízos de dietas especiais em caso de prescrição médica;
- c) Cuidados de higiene pessoal;
- d) Atendimento individualizado, de acordo com as capacidades e competências das crianças;
- e) Atividades pedagógicas, lúdicas e de motricidade, em função da idade e necessidades específicas das crianças;
- f) Disponibilização de informação, à família, sobre o funcionamento da creche e desenvolvimento da criança. (Portaria n.º 262/2011, Art.º 5º.)

A realização de um currículo na Creche exige um processo de escuta, observação, reflexão e planeamento que valorize e atenda aos interesses e necessidades das crianças de uma forma holística. Este currículo deve atribuir extrema importância ao brincar e às suas vastas oportunidades de exploração e experimentação variada que, por sua vez, estimulam e expandem o mundo da criança. Assim, é essencial que o/a educador/a inclua no currículo

oportunidades e experiências de aprendizagem significativas que estimulem e desafiem as capacidades das crianças, proporcionando-lhes momentos para descobrir, observar, explorar, experimentar, experienciar, criar, aprender e, sobretudo, brincar.

Importa ainda que o/a educador/a respeite e atenda à individualidade de cada criança, procure conhecê-la e compreendê-la melhor, agindo de forma a ir ao encontro das suas necessidades, tendo sempre em atenção o respeito pelas próprias crianças, famílias e circunstâncias de vida.

A Creche deve proporcionar tempos, espaços e materiais para que o brincar livre aconteça, permitindo desta forma alargar o mundo relacional das crianças, para que possam aprender umas com as outras. Assim, é responsabilidade do/a educador/a organizar ambientes que sejam dinâmicos, flexíveis, atraentes, acolhedores, calmos e ao mesmo tempo estimulantes, de fácil movimentação e descoberta. Tais ambientes devem oferecer experiências desafiantes e contextualizadas, criando momentos que permitam às crianças desenvolver as suas numerosas potencialidades e capacidades, possibilitando, assim, que estabeleçam relações com os espaços e materiais e os possam explorar de uma forma diversificada, livre e autónoma. As crianças implicar-se-ão com motivação e prazer nas diversas brincadeiras orientadas e livres, conduzindo-as a um processo natural de desenvolvimento global, contribuindo para que a sua aprendizagem e desenvolvimento ocorra de modo harmonioso e espontâneo. O/A educador/a deverá ainda ter em consideração as interações, uma vez que estas são extremamente pertinentes no desenvolvimento social e pessoal das crianças, apoiando as interações que estas estabelecem umas com as outras, e em grupo, o que envolve conhecer e ter em consideração a perspetiva do outro.

É importante que os/as educadores/as compreendam que nesta fase de vida das crianças os “aprendizes sensoriomotores aprendem através da utilização do seu corpo para investigarem o que os rodeia e através da interação com os outros: são aprendizes ativos” (Kruse, 2005, citado por Araújo, 2018a, p. 79).

Assume-se que a Creche tem como função cuidar e educar e é nesta fase da vida das crianças que as transformações, no que respeita o seu desenvolvimento e aprendizagem, sucedem de uma forma bastante acelerada. Por isso, torna-se fundamental o acompanhamento por adultos conscientes das suas ações e que encarem a Creche não apenas como um espaço e um tempo de cuidar, mas também como um espaço e um tempo de educar, favorável ao bem-estar e à aprendizagem. Na verdade, na Creche, o/a educador/a desenvolve um trabalho fundamental, centrando-se este num cuidar de forma adequada e atenta, oferecendo experiências de socialização positivas, aprendizagens significativas, no sentido do desenvolvimento global da criança.

Cabe, assim, ao/a educador/a cuidar e educar (educare = educuidar) as crianças. Este conceito (educare), na perspetiva de Baptista da Silva (2018), não pode ser encarado “como

uma soma de educar e cuidar, mas sim como um conceito autónomo, adequado e insubstituível para o desenvolvimento global e específico das crianças na Creche” (pp. 32-33).

Neste sentido, e na prática do cuidar, o/a educador/a deverá estar atento/a às necessidades de cada criança, de modo a compreender o que lhe interessa e o que esta pretende comunicar. Importa também que compreenda as suas necessidades de movimentação, relação e exploração, características e interesses, devendo assim certificar-se de que a criança obtém as respostas que necessita e que estas contribuem para o seu desenvolvimento a nível físico e psicológico.

Do mesmo modo, educar recai num processo que visa conduzir ao bem-estar e desenvolvimento das crianças, indagando que estas se sintam bem consigo mesmas, cognitivamente estimuladas e que adquiram sentimentos positivos em relação às outras pessoas e ao mundo que as rodeia. Em Educação de Infância, e muito em particular em contexto de Creche, importa que o desenvolvimento das crianças seja compreendido como um todo, em que as dimensões cognitivas, sociais, culturais, físicas e emocionais se interligam e atuam em conjunto (Portugal, 2017).

Ainda na esteira das ideias da autora citada, refere-se que,

a importância de relações fortes, securizantes, consistentes e agradáveis, ou seja, [que] envolve atenção à qualidade das relações entre adultos e crianças. Envolve ainda (...) espaços atraentes e confortáveis, tranquilos e, simultaneamente, estimulantes, facilitadores de movimentações amplas, descobertas e explorações diversificadas. (Portugal, 2017, p. 57)

Torna-se fundamental que as interações entre o adulto e a criança, e entre crianças, sejam positivas e calorosas, pois, é através destas que o seu desenvolvimento pessoal e social ocorre, sendo que crianças muito pequenas necessitam de cuidados redobrados. Neste sentido, é ainda importante que cada criança seja vista como um ser único com características e necessidades que devem ser respeitadas e, assim, a Creche deve atender às necessidades e interesses das crianças, mais concretamente: as necessidades físicas (alimentação, higiene, repouso e movimento); as necessidades de afeto (relações atentas e afetuosas); as necessidades de afirmação e reconhecimento (ser aceite, acolhido, respeitado, valorizado e escutado); as necessidades de segurança (limites, referências, confiança, conforto e proteção); as necessidades de ter valores e significados (relação com os outros e com o mundo que a rodeia) e ainda a necessidade de se sentir competente (procurar novos desafios e alcançar objetivos) (Portugal, 2012).

Na Creche pretende-se que seja concebida uma rotina dinâmica e flexível, de modo que esta atenda às características procriais do espaço, bem como dos materiais, em articulação com as necessidades individuais de cada criança.

De acordo com Araújo (2018a)

a organização de um horário diário e previsível e de rotinas geridas de forma tranquila e não apressada apoia a construção de sentimentos de segurança, continuidade e controlo pelas crianças, ajudando-as a construir confiança na sua capacidade para prever, antecipar e influenciar o curso dos acontecimentos. (p. 84)

Nesta linha de ideias, e de forma mais específica e particular, a previsibilidade e flexibilidade intrínsecas à organização temporal adquirem forma através das seguintes estratégias: organizar o dia em função de acontecimentos diários regulares e rotinas de cuidados; aderir a um horário diário de forma consistente; adaptar-se aos ritmos e temperamentos naturais e individuais de cada criança; e proporcionar transições suaves entre experiências em que a criança se envolva (Araújo, 2018a).

Torna-se, pois, crucial que o/a educador/a desenvolva uma prática pedagógica de qualidade para as crianças no contexto e, para tal, é necessário “requer oportunidades e experiências de aprendizagem significativas, remetendo para tudo aquilo que a criança faz, vê, ouve, saboreia, cheira, toca e sente” (Portugal, 2017, p. 57).

Nesse decurso, na Creche, é essencial proporcionar às crianças oportunidades para que possam aprender ao experimentarem, ouvirem, sentirem, provarem e cheirarem, educando assim pelo contacto e exploração, pois as crianças até aos três anos: “(a) aprendem com todo o corpo e com todos os seus sentidos; (b) aprendem porque querem aprender; (c) comunicam aquilo que sabem; e (d) aprendem no contexto de relações de confiança” (Post, Hohmann & Epstein, 2011, citado por Araújo, 2018a, p. 80).

Escutar e observar atentamente a criança, reconhecendo-a como ser ativo, competente e com direitos, permite ao/à educador/a conhecer e aprender melhor sobre cada uma na sua individualidade e, por isso, deve considerar as crianças como sujeitos ativos na planificação, dando ao grupo oportunidades de fazer as suas escolhas e de tomar as suas decisões, como também adequar a resposta às necessidades individuais da criança e sua família. Tal como consideram Folque e Bettencourt (2018), “só a observação atenta, verdadeiramente interessada em compreender cada uma, os seus interesses e formas de pensar e sentir, pode garantir que a sua voz é tida em conta no processo de decisão sobre o seu dia a dia” (p. 133).

Neste sentido, o momento da planificação é muitas vezes visto como um espaço em que cada criança tem liberdade para expressar a sua opinião, bem como intervir de forma

espontânea, sendo reconhecida e respeitada como alguém com direito à participação. Na perspectiva de Oliveira-Formosinho (2013), a participação da criança é vista como um direito, ao nível de todas as dimensões da pedagogia e muito especificamente no âmbito da planificação, execução, reflexão das oportunidades de aprendizagem e projetos.

Considera-se de extrema importância que as Creches possuam a capacidade de responder à diversidade existente, uma vez que cada criança apresenta características próprias. Contudo, é necessária uma pedagogia da infância baseada na equidade, sendo que se deverão cumprir os direitos de todas e de cada uma das crianças, tendo em vista uma aprendizagem de qualidade. Tal como refere Formosinho (2018), as pedagogias com nome são consideradas pedagogias participativas sendo assim tidas em consideração “como plurais e constituindo sustentação para as aprendizagens profissionais ao nível da formação inicial e contínua, e sobretudo ao nível da formação em contexto de trabalho” (Formosinho, 2018, p. 19).

No que concerne aos modelos pedagógicos para a Creche, e segundo Formosinho (2018), estes dizem respeito “a um sistema educacional compreensivo que se caracteriza por integrar um quadro de princípios e valores, uma deontologia e uma ética, saberes teóricos e investigativos para a ação quotidiana” (p. 23). Tais modelos baseiam-se num referencial teórico de forma a contextualizar a criança, bem como o seu processo educativo, constituindo ainda um referencial praxiológico que permite ao/à educador/a pensar antes, na e sobre a ação.

Hodiernamente presenciamos um enorme esforço por parte dos profissionais em desenvolver a qualidade da educação em contexto de Creche, ajustando deste modo diferentes modelos pedagógicos e/ou pedagogias educativas. Assim sendo, e segundo Oliveira-Formosinho (2016), a Creche deve ser vista como uma resposta de qualidade, devendo ter em consideração os seguintes fatores:

o desenvolvimento de uma imagem de criança com competências agência e direitos; a interação positiva família-creche e o envolvimento parental significativo; a organização do ambiente educativo que providencie segurança e bem-estar e visibilize aquela imagem da criança; a interação adulto-criança frequente, afetuosa e responsiva; uma intencionalidade educativa holística que integra o desenvolvimento social, emocional, cognitivo, corporal, promove a aprendizagem dos instrumentos culturais e integra o brincar e o aprender; a utilização de uma pedagogia participativa, monitorizada através da documentação pedagógica; um rácio adulto-criança adequado e por último um recrutamento adequado e formação específica do pessoal educativo da creche. (Oliveira-Formosinho 2016, citado por Formosinho, 2018, pp. 18-19)

Nesta linha de pensamento, Carvalho e Portugal (2017) referem que, para o contexto de Creche, existem três finalidades educativas básicas que permitem configurar um modelo pedagógico:

- Desenvolvimento de uma **Segurança e Autoestima Positiva**, relacionando com o sentimento de domínio sobre o próprio corpo, comportamento e mundo; sentido de identidade e pertença;
- Desenvolvimento da **Curiosidade e Ímpeto Exploratório**, que envolve o sentimento de que descobrir coisas é positivo e gera prazer;
- Desenvolvimento das **Competências Sociais e Comunicacionais**, associada ao desenvolvimento do autocontrolo, ao estabelecimento de relações positivas, ao sentido de cooperação, e ainda ao desejo e capacidade de partilhar experiências, ideias e sentimentos com os outros. (Carvalho & Portugal, 2017, p. 15)<sup>2</sup>

Também, e de acordo com a proposta pedagógica de Elinor Goldschmied, citada por Araújo (2018b), para a educação e cuidados em Creche, a centralidade das atividades baseia-se no jogo, que segundo a autora, foi desde sempre considerado como fonte de aprendizagem e um verdadeiro momento de prazer para crianças desta faixa etária. Deste modo, esta perspetiva pedagógica, evidencia a necessidade de fomentar a qualidade das oportunidades lúdicas em contexto de Creche, com o intuito de proporcionar à criança uma experiência agradável e incrementar o desenvolvimento da sua concentração e persistência.

As propostas de jogo, como o cesto dos tesouros e o jogo heurístico, têm como objetivo continuar estes fins, apresentando aspetos semelhantes:

a sustentação na atividade espontânea da criança e a sua potenciação; a criação de condições para que o adulto esteja disponível para apoiar a atividade da criança, o que promove uma atmosfera calma e tranquila favorecedora desta atividade; a criação de oportunidades para que a criança seja ativa, tenha autonomia e liberdade e prossiga ao seu próprio ritmo; a utilização de materiais não comercializáveis enquanto materiais de jogo; e a sua constituição enquanto situações educativas. (Majem & Ódena, 2011, citadas por Araújo 2018b, pp. 151-152)

Ainda nesta perspetiva pedagógica é também reforçada a importância das atividades no espaço exterior, não como mero espaço ligado aos centros educativos, como também em

---

<sup>2</sup> O uso do bold está conforme a obra citada.

espaços mais distais, que por sua vez constituem uma parte integrante da comunidade sociocultural em que a criança está inserida e da qual faz parte (Goldschmied 2002; Goldschmied & Jackson, 1994, 2004, citadas por Araújo 2018b).

No âmbito desta proposta pedagógica é possível e desejável que o espaço exterior se transforme num meio para a educação e prazer das crianças, assim como também que este seja um espaço de interesse, valorização e investimento para os próprios adultos. Assim, um espaço exterior devidamente organizado permitirá oferecer inúmeras oportunidades de aprendizagem e experiências sociais enriquecedoras.

Em suma, as crianças, até aos primeiros três anos de vida, precisam de vastas oportunidades para desenvolver e experimentar diversas experiências motoras e sensoriais, necessitando de adultos disponíveis, atentos, sensíveis, responsáveis e estimuladores que saibam respeitar as suas necessidades de exploração, comunicação e descoberta, o seu ritmo, individualidade e espontaneidade. O/A educador/a deve criar e oferecer um contexto rico e diversificado baseado no brincar, sendo este valorizado e investido de intencionalidade.

O/A educador/a de infância torna-se numa figura fundamental, que faz parte integrante da vida de cada criança, que precisa constantemente de refletir, observar, raciocinar e construir “modelos mentais sobre o mundo à medida que realiza novas experiências” (Tricia, 2003, citada por Baptista da Silva, 2018, p. 40).

Importa, assim, destacar que quando a criança ingressa na Creche, revela

competências diversificadas que deverão ser aproveitadas como alicerces para o desenvolvimento futuro. Ao sair da creche, espera-se que a criança, para além de estar feliz, tenha um repertório de experiências mais vasto, rico e eficaz. A creche deve aproveitar os recursos das crianças e enriquecê-los, fazendo justiça ao seu potencial de desenvolvimento numa fase absolutamente crucial. (Zabalza 2007, citado por Carvalho & Portugal, 2017, p. 6)

## **1.2 A Educação Pré-Escolar**

A Educação Pré-escolar, tal com estabelecido na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro), destina-se a crianças entre os 3 anos e a entrada na escolaridade obrigatória. É considerada

a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da

criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário. (Lei nº 5/97, p. 670)

Nessa mesma Lei são elencados os seguintes objetivos gerais e pedagógicos para a Educação Pré-escolar:

- a) Promover o desenvolvimento pessoal e social da criança com base em experiências de vida democrática numa perspectiva de educação para a cidadania;
- b) Fomentar a inserção da criança em grupos sociais diversos, no respeito pela pluralidade das culturas, favorecendo uma progressiva consciência do seu papel como membro da sociedade;
- c) Contribuir para a igualdade de oportunidades no acesso à escola e para o sucesso da aprendizagem;
- d) Estimular o desenvolvimento global de cada criança, no respeito pelas suas características individuais, incutindo comportamentos que favoreçam aprendizagens significativas e diversificadas;
- e) Desenvolver a expressão e a comunicação através da utilização de linguagens múltiplas com meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo;
- f) Despertar a curiosidade e o pensamento crítico;
- g) Proporcionar a cada criança condições de bem-estar e de segurança, designadamente no âmbito da saúde individual e colectiva;
- h) Proceder à despistagem de inadaptações, deficiências e precocidades, promovendo a melhor orientação e encaminhamento da criança;
- i) Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade. (Lei n.º 5/97, de 10 de fevereiro, Artigo 10.º)

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) apresentam-se como outro dos documentos legais de grande importância, em que se enunciam alguns princípios globais organizativos e pedagógicos, possibilitando ao/à educador/a seleccionar as melhores estratégias, de forma a nortear o processo educativo com as crianças no desenvolvimento das suas práticas pedagógicas. Deste modo, as OCEPE



baseiam-se nos objetivos globais pedagógicos definidos pela referida Lei [Lei n.º 5/97] e destinam-se a apoiar a construção e gestão do currículo no jardim de infância, da responsabilidade de cada educador/a, em colaboração com a equipa educativa do estabelecimento educativo/agrupamento de escolas. (Silva, Marques, Mata, & Rosa, 2016, p. 5)

O/A educador/a deve ter em consideração os quatro Fundamentos e Princípios Educativos definidos nas OCEPE, a saber:

- 1) *O desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança.* As relações e interações que a criança estabelece com outras crianças e adultos, bem como as experiências que lhes são facultadas pelos contextos físicos e sociais tornam-se momentos ricos de aprendizagem, que influenciadas pelo meio envolvente, possibilitam a fluência do desenvolvimento global de cada criança;
- 2) *Reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo.* Reconhecer a capacidade que a criança possui para construir o seu desenvolvimento e aprendizagem permite deste modo observá-la como um sujeito ativo e participante em todo o seu processo educativo, baseando-se na potencialização das suas vivências e experiências do seu quotidiano. Importa ainda salientar que a criança possui uma curiosidade inata com o intuito de compreender e atribuir sentido ao mundo que a rodeia, mostrando-se competente nas relações e interações que estabelece com os outros, sempre com direito a uma escuta ativa e participativa;
- 3) *Exigência de resposta a todas as crianças.* O acesso à educação é um direito comum a todas as crianças, o qual deve ser vinculado e fortalecido com base na diversidade e igualdade às mesmas oportunidades. Todas as crianças têm o direito de usufruir de uma educação de qualidade, onde os seus interesses, necessidades e capacidades sejam atendidas e valorizadas. Neste sentido, todos participam no processo de aprendizagem, sendo que, pelo facto das diversidades no contexto, todas as diferenças são enriquecidas com práticas pedagógicas corretamente adequadas;
- 4) *Construção articulada do saber.* O desenvolvimento da criança decorre como um todo, através do qual as dimensões físicas, cognitivas, emocionais e culturais se relacionam e interligam de forma conjunta, assumindo-se assim o processo de aprendizagem numa perspetiva holística. Brincar é a atividade natural da criança, que por sua vez conduz à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências transversais a todas as áreas. (Silva et al., 2016)

O/A educador/a de infância, que se orienta através destes fundamentos e princípios educativos no quotidiano, deve realizar uma observação atenta da criança e refletir sobre a sua prática, de modo a melhorar a qualidade da resposta educativa. Neste sentido, torna-se essencial que observe e registe de modo a recolher informações que lhe permitam questionar, avaliar e refletir relativamente às suas práticas educativas. Este processo torna-se necessário para que o/a educador/a possa conhecer cada criança, bem como o progresso da sua aprendizagem e desenvolvimento. Assim sendo, todas as informações recolhidas pelo/a educador/a viabilizam adequar o planeamento da ação pedagógica ao grupo e à sua evolução, tomando consciência da sua ação e do progresso das crianças, devendo ter em consideração que é fundamental observar, refletir, agir, articular, avaliar, registar e comunicar.

É de realçar o papel que o/a educador/a tem no processo de aprendizagem das crianças, bem como na articulação das diferentes áreas de conteúdo instituídas nas OCEPE, de forma a proporcionar melhores oportunidades educativas que estimulem as crianças no que concerne às suas potencialidades e capacidades. O/A educador/a responsável pelo grupo de crianças deve ainda procurar estratégias e adotar práticas pedagógicas diferenciadas, tendo em conta as características particulares de cada criança, bem como decidir como apoiar melhor o seu processo de aprendizagem.

Na Educação Pré-Escolar, em continuidade com o que acontece na Creche, o/a educador/a deverá construir o currículo tendo em atenção a caracterização global do contexto, de forma que seja possível desenvolver uma prática educativo-pedagógica adequada aos grupos de crianças e a cada uma delas de modo individualizado, reconhecendo-a como sujeito e agente do processo educativo. Nesse sentido, deve escutá-las nas tomadas de decisão alusivas à sua aprendizagem e possibilitando que faça parte do desenvolvimento do currículo. Tal como expresso nas OCEPE, estas são uma referência para auxiliar os/as educadores/as de infância na construção e gestão do currículo, servindo também como suporte de reflexão sobre a intencionalidade educativa.

Na perspetiva de Portugal e Laevers (2018), o currículo na Educação Pré-Escolar deve ser “amplo e adequado, do ponto de vista das crianças e do contexto sociocultural, em que as crianças são encorajadas a escolher e a aprender através de experiências ativas com pessoas, materiais, acontecimentos, ideias, dando espaço às “cem linguagens da criança” (p. 40). Assim, o currículo deve atender às particularidades das crianças, tendo como foco principal o seu bem-estar e implicação em atividades que envolvem diferentes domínios de aprendizagem e desenvolvimento.

Relativamente à construção e gestão desse currículo, o/a educador/a deve partir do conhecimento das crianças e do grupo, dando-lhes assim espaço, tempo e voz ativa para poder elaborar o seu projeto curricular de grupo, no qual estão expressas as suas intenções

que se traduzem na organização do ambiente educativo, nas metodologias a utilizar e em que se antecipam os processos de avaliação em função das intencionalidades presentes. Este projeto deve ser aberto e flexível, partindo das necessidades, interesses, preferências e iniciativas das crianças, com o intuito de lhes proporcionar oportunidades e experiências de aprendizagem significativas. Cabe ao/a educador/a de infância a construção e gestão do currículo, que se desenvolve em ciclos sucessivos de planejar, agir, avaliar, sendo que a avaliação e o planeamento se interligam e são interdependentes. Tal como refere Marchão (2010), o currículo na Educação Pré-Escolar

é um projeto que se organiza e desenvolve tendo como pano de fundo os intervenientes - educador, crianças, as suas experiências e entendimentos sobre as coisas, bem como o universo social e cultural em que vivem. É aqui que radicam as aprendizagens e descobertas que as crianças vão fazendo sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. (p. 55)

Refletir sobre a intencionalidade educativa torna-se para o/a educador/a de infância uma referência na construção e gestão do currículo, que deve ser adaptado ao contexto social, às características das crianças e das famílias, bem como à evolução das aprendizagens de cada criança e do respetivo grupo. O/A educador/a, ao delinear as suas intencionalidades pedagógicas, antecipa propostas atrativas e significativas. Segundo Silva et al, (2016), a intencionalidade do/a educador/a

carateriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática; papel profissional, imagem de criança, o que valoriza o que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar. (p. 13)

Ainda nesta linha de pensamento, e na senda de Marchão (2012), o/a educador/a de infância, enquanto construtor e gestor do currículo, tem de conhecer, discutir e refletir os objetivos da Educação Pré-Escolar; a organização do ambiente educativo; as áreas de conteúdo; a continuidade e a intencionalidade educativa, adequando todas as experiências e oportunidades para aprender às crianças, individualmente e ao grupo.

Tal como a Creche, o contexto de Educação Pré-Escolar carateriza-se por ser um ambiente promotor de socialização, rico e estimulante em que a aprendizagem assenta nas experiências e vivências de cada criança, contribuindo para o desenvolvimento da sua independência. Para tal é preciso considerar, na organização do ambiente educativo, a

organização do espaço, do tempo, do grupo e dos materiais, sendo considerada esta organização a base do desenvolvimento curricular (Silva et al., 2016).

Neste sentido, importa criar um ambiente onde a criança seja vista como um aprendente ativo, que procura dar sentido às experiências que vivencia, e onde seja um construtor de conhecimento, identidade, cultura e valores. Ou seja, uma criança que vive, escuta, comunica, desenvolve e aprende, sempre em relação com os contextos sociais, sobretudo, através do brincar.

O ambiente educativo deve ser, particularmente, um local de satisfação, prazer e bem-estar, bem como um local seguro que ofereça oportunidades para que as crianças brinquem livre e autonomamente e aprendam (Oliveira-Formosinho, 2013).

Como se sabe, o processo de aprendizagem decorre através da interação que se estabelece entre os interesses da criança, as suas propostas e as do/a educador/a, que tem em consideração o que a criança sabe, bem como o que já é capaz de fazer. Torna-se por isso essencial que o/a educador/a seja o/a promotor/a de um ambiente de qualidade, criando condições para que as crianças façam progressos a partir das suas experiências, valorizando os seus saberes e competências, para que possam desenvolver todas as suas capacidades, e contribuir para a aprendizagem dos outros, continuando a aprender ao longo da sua vida.

Também como acontece na Creche, importa proporcionar experiências únicas, ricas, estimulantes, assim como selecionar os materiais mais adequados de modo a permitir às crianças usufruir das suas potencialidades, dando-lhes espaço, tempo e liberdade para realizarem as suas próprias descobertas, aprendizagens e explorações (Marchão, 2010, 2012, 2016). Na realidade, torna-se fundamental que as crianças sejam estimuladas a “olhar, mais do que apenas a ver, a escutar, mais do que apenas a ouvir, a sentir, mais do que apenas a tocar” (Smith et al., 2001, citados por Marchão, 2012, p. 129).

De acordo com as OCEPE, o currículo na Educação Pré-Escolar, aborda de forma articulada as diversas áreas de conteúdo e domínios para que se integrem num processo flexível de aprendizagem que corresponda às intenções pedagógicas e que, tendo a participação da criança, para ela faça sentido. Esta articulação poderá partir da escolha de uma “entrada” por uma das áreas ou domínios, para integrar outros. Deste modo, o/a educador/a tem um papel fundamental no processo de aprendizagem e, por isso, na sua ação deve:

- planear oportunidades de aprendizagem progressivamente mais complexas tendo em conta o que observa e avalia sobre o desenvolvimento e aprendizagem de cada criança e a evolução do grupo;
- apoiar cada criança para que atinja níveis a que não chegaria por si só, facilitando uma aprendizagem cooperada, que dê oportunidade às crianças de colaborarem no processo de aprendizagem umas das outras;

- diferenciar o processo de aprendizagem, propondo situações que sejam suficientemente interessantes e desafiadoras para a criança, mas que cuja exigência não resulte desencorajamento e diminuição da autoestima. (Silva et al., 2016, p. 13)

Formosinho (2013) salienta que em Portugal há hoje mais consciência sobre a importância da Educação Pré-Escolar e do seu impacto no sucesso escolar e pessoal das crianças. Nesse sentido, Oliveira-Formosinho (2007), citada por Formosinho (2013), refere a importância da prática pedagógica no jardim de infância se fazer segundo um modelo pedagógico.

O autor menciona que na Educação Pré-Escolar

Os modelos curriculares visam integrar os fins da educação com as fontes do currículo, os objetivos com os métodos de ensino e estes métodos com a organização do espaço e tempo escolar. Os modelos têm a vantagem de tornar explícitos os fundamentos da ação diária, isto é, os valores, as teorias e a ética subjacentes a essa ação. (Formosinho, 2013, pp. 16-17)

Destacam-se, neste contexto, as pedagogias participativas, que na senda de Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) corporizam o envolvimento na experiência e a construção da aprendizagem na experiência contínua e interativa, sendo a imagem da criança, “a de um ser com competência e atividade. A motivação para a aprendizagem sustenta-se no interesse intrínseco da tarefa e nas motivações intrínsecas das crianças” (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p. 28).

Ainda de acordo com os mesmos autores, a Pedagogia-em-Participação é a base para a “criação de ambientes educacionais em que a ética das relações e interações permite o desenvolvimento de atividades e projetos” (p. 32), de modo a permitir às crianças viver, brincar, aprender, significar e criar, valorizando assim a experiência, o conhecimento e a cultura das crianças e respetivas famílias, através do diálogo, do conhecimento e da cultura dos profissionais. Nesta aceção, a

democracia está no coração das crenças porque esta incorpora na sua missão a promoção da igualdade para todos e a inclusão de todas as diversidades. Isto implica a assunção de responsabilidade social pelas crianças e famílias e a promoção do sucesso educativo como instância de educação para a diversidade. (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2013, p. 30)

A cultura deve ser um referencial para a Educação de Infância “ao nível das suas aquisições substanciais e processuais e ainda uma fonte de inspiração para as atividades” (Oliveira-Formosinho, 2013, p. 99). Assim, torna-se fundamental olhar para a criança enquanto pessoa, que se constrói de forma gradual e enquanto ser social, como sujeito que se desenvolve e aprende numa perspetiva social. Deste modo, deve ser vista como figura central, assumindo o estatuto de centralidade, uma cidadã com direitos e deveres (Marchão, 2016; 2021) e por isso, o/a educador/a deverá agir de acordo com os seus interesses e necessidades, bem como em concordância com o mundo que a rodeia. Na senda de Marchão (2016), quando a criança é reconhecida como tal, “necessitamos de criar condições pedagógicas para a ajudar e orientar na construção de uma atitude cada vez mais crítica e facilitadora da integração numa sociedade que nos confronta com novos e constantes desafios” (p. 50). Tendo em conta as pedagogias que olham e aceitam a criança desta forma, e na perspetiva da autora citada, é importante pensar o currículo num alinhamento com a educação na/para a cidadania, que oriente a criança para a construção de significados, numa perspetiva crítica sobre o meio que a rodeia.

Em síntese, no contexto de Educação de Infância, e de acordo com a Pedagogia-em-Participação, é possível destacar diversos modelos pedagógicos, entre estes: o Modelo High/Scope (baseado em Piaget e, mais tarde, em Vygostky), o Modelo Reggio Emilia (inspirado em Loris Malaguzzi) ou o Movimento da Escola Moderna (MEM) (sustentado na teoria de Freinet, de Bruner e de Vygostky).

## **2. O Brincar como fundamento da “Pedagogia da Infância”**

No presente capítulo começaremos por abordar o brincar de uma forma mais lata, particularizando-o até aos contributos desta atividade para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

O brincar é visto como uma atividade fundamental na vida de cada criança, por isso é tão valorizado e se torna essencial conferir-lhe um lugar no quotidiano dos contextos educativos formais. A aprendizagem deve acontecer através do brincar; é importante que este ocorra de uma forma natural e espontânea e ao longo de toda a vida, permitindo à criança explorar e compreender as suas experiências através de múltiplas formas de expressão. Brincar incorpora, como definiu Malaguzzi, citado por Lino (2013), que “as crianças são encorajadas a explorar o ambiente e a expressarem-se usando múltiplas formas de linguagem (p. 125)”, para representar o que observam, as suas ideias, memórias, sentimentos, bem como os conhecimentos que vão criando sobre a realidade que as rodeia e, deste modo, construir e produzir cultura.

Como diz Ferreira (2010) é essencial “reforçar e enobrecer o brincar. Porque, para além de todas as vantagens, não podemos esquecer que o brincar é um direito inalienável da criança” (p. 13) e, segundo a mesma autora, brincar é fundamental e a criança necessita de ter espaço e tempo para o fazer. Cabe aos pais e educadores/as promover o brincar e incluí-lo como oportunidade de aprendizagem de qualidade na formação das crianças.

### **2.1 A importância do brincar para o desenvolvimento e aprendizagem da criança**

Brincar é um dos aspetos fundamental para a construção da aprendizagem das crianças, permitindo-lhes abraçar e vivenciar situações da realidade que as rodeia ou ainda criar um mundo imaginário, partindo sempre dos seus interesses, da sua curiosidade e motivações. Por isso, em 1989, a Organização das Nações Unidas reconheceu o brincar como um direito das crianças, tal como se pode aferir no Artigo 31.º da Convenção sobre os Direitos da Criança: “os estados partes reconhecem à criança o direito ao repouso e aos tempos livres, o direito de participar em jogos e actividades recreativas próprias da sua idade e de participar livremente na vida cultural e artística” (ONU, 1989, p. 25).

A infância, enquanto fase de desenvolvimento e de construção social, é marcada pelo brincar. Brincar é uma atividade inata da infância, rica e estimuladora, uma vez que permite à criança a descoberta do mundo a que pertence e que a rodeia, onde, sozinha ou com os outros, vai criando a sua forma de se relacionar e de construir cidadania, despertando assim a sua imaginação e criatividade.

Na perspetiva de Vygotsky (1987), citado por Ganhão (2017),

(...) brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos (p. 16).

Nesta linha de pensamento, Vygotsky (1984), citado por Martins e Neves (2020), “não defende só a importância do brincar para o desenvolvimento, mas também para a construção do pensamento da própria criança e, por isso, deve fazer parte integrante da infância” (p. 122).

O brincar, por ser uma linguagem universal, encontra-se presente em todo o lado, sobretudo no desenvolvimento humano e nos primeiros anos de vida, carecendo de uma atenção especial por partes dos profissionais da educação de infância. É fundamental na vida da criança, e é através do brincar que esta exprime o que sente verdadeiramente e revela o seu verdadeiro eu, sendo esta a melhor maneira de a podermos compreender e promover o seu desenvolvimento e aprendizagem. Na senda de Ferland (2006),

a criança, enquanto brinca, não tem como primeiro objetivo o aprender, e se aprender alguma coisa é por “acidente”, pois ela “brinca para brincar”, isto é, não há uma racionalização prévia da criança de que vai “brincar para aprender”. No entanto, enquanto brinca a criança está a desenvolver um “saber-fazer” e um “saber-ser”, ou seja, está a desenvolver aptidões e atitudes que irá utilizar em diversas situações do seu quotidiano e ao longo da sua vida. O brincar surge como uma fonte de novas descobertas para as crianças, onde se vão apropriando de forma inconsciente de regras, valores, costumes. (p. 42)

Neste sentido, brincar assume-se como uma estratégia privilegiada para o desenvolvimento de cada criança em diferentes domínios, mas sobretudo para o desenvolvimento de atitudes positivas na interação social, que as poderá acompanhar ao longo de toda a sua vida. Assim, a criança adquire conhecimento, e por tal motivo, o brincar é considerado uma ferramenta importante no processo pedagógico. Na perspetiva de Bilton, Bento e Dias (2017) o brincar assume a centralidade no contexto pedagógico, considerando-se como “veículo promotor da aprendizagem. Procura-se oferecer um ambiente educativo rico, desafiador e cativante, no qual a criança assume um papel ativo na construção do seu conhecimento. O desenvolvimento é compreendido numa perspetiva holística” (p.15).



Para Hohmann, Banet e Weikart (2011) o brincar caracteriza-se por ser agradável, natural, criativo e inesperado, tornando-se um meio facilitador para a criança desenvolver e realizar as suas conquistas e aprendizagens de forma informal e espontânea.

O/A educador/a de infância terá, por isso, de proporcionar diversos momentos de brincadeira, pois ao brincar, a criança pode compreender e dar sentido ao mundo que a rodeia. Silva et al (2016) referem o brincar

(...) como uma atividade natural da iniciativa da criança que revela a sua forma holística de aprender. (...) uma perspectiva de brincar como atividade rica e estimulante que promove o desenvolvimento e a aprendizagem [da criança] e se caracteriza pelo elevado envolvimento da criança, demonstrado através de sinais como prazer, concentração, persistência e empenhamento. (pp.10-11).

Pode afirmar-se que o brincar é: livre; um direito da criança; inclusivo; um suporte para a saúde física, emocional, cognitiva e social; uma forma de respeito e apreciação do envolvimento natural; promotor do desenvolvimento e aprendizagem; explorar; e é adaptar-se.

Através do brincar as crianças libertam as suas energias e encontram o seu bem-estar físico e emocional, sendo que o ato de brincar não vai além de uma forma lúdica, em que a criança tem oportunidades de aprender, demonstrar emoções, trocar experiências e vivenciar sentimentos. São momentos de partilha em que cada uma se dá a conhecer à outra, onde se criam vínculos sociais, se resolvem conflitos e se constroem personalidades.

Deste modo, brincar potencializa o desenvolvimento da criança, permitindo-lhe conhecer o mundo que a rodeia, através da exploração e descoberta. Neto (2020) refere que brincar “é a vivência de um estado de ausência e suspensão temporária do mundo real, (...), trata-se da procura da liberdade de agir e de pensar, conquistando autonomia, risco e segurança” (p. 15).

Na perspetiva do autor, brincar é procurar o risco, buscar o imprevisível, viver o instante e procurar segurança, considerando-se muito importante na construção das estruturas e identidades durante as primeiras idades, contribuindo para se ganhar segurança e autonomia.

Neto (2020) refere que brincar envolve o uso do tempo e do espaço em diversas formas de ação, ensinando a viver em diversos contextos e interações. Não existe apenas só o brincar, mas, mais relevante é a existência de indivíduos em desenvolvimento que brincam para aprender a incerteza e o quanto complexas são as coisas que os rodeiam.

Torna-se cada vez mais significativo dar destaque à ação do brincar, pois uma criança que se encontra envolvida no brincar, aprenderá de forma mais veloz e apropriada, obtendo novos conhecimentos e aptidões indispensáveis que contribuirão para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Neste sentido, é essencial que o brincar comece a ser considerado como uma atividade muito séria e de extrema importância, uma vez que proporciona experiências únicas, ricas e estimulantes fundamentais para a formação do caráter e da personalidade da criança.

Smith (2006), referido por Silva e Sarmento (2017), defende que brincar é o contrário de trabalho, é antes “(...) uma atividade realizada por si mesma e sem limitações externas, (...) não tem em vista uma produção preestabelecida” (p. 40). O brincar deve ser algo que permita à criança imaginar e criar possibilidades ou que a leva para novos mundos. Frequentemente, a criança faz transparecer nas suas brincadeiras os seus sentimentos, as suas emoções e os seus desejos, por isso é que brincar é, de uma forma ou de outra, uma das atividades mais importantes e distintas da educação de infância, uma vez que permite que a criança desenvolva a sua relação pessoal com o mundo, com as pessoas e consigo mesma (Silva & Sarmento, 2017).

Rosa (1998), referida por Silva e Sarmento (2017), destaca que “o brincar é importante não como uma estratégia de ensino ou facilitador de aprendizagem, mas sim como uma atividade humana importante para o desenvolvimento pessoal” (p. 40). Deste modo, brincar deve representar grande parte do dia-a-dia da criança, da sua atividade lúdica e ser um ponto de partida para novas brincadeiras, novas descobertas que podem ou não ser enriquecidas pelo adulto.

Torna-se importante, tal como frisa Kishimoto (2010), consideramos que “o brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário” (p. 1).

O brincar desempenha um papel igualmente relevante na socialização da criança, permitindo-lhe aprender a partilhar, a cooperar, a comunicar e a relacionar-se, a expressar-se, a imaginar-se, a transformar-se, desenvolvendo a noção de respeito por si e pelo outro, bem como a sua autoestima.

Ainda que brincar seja o contrário de trabalhar, como refere Smith (2006) citado por Silva e Sarmento (2017), o mesmo pode entender-se como o “ofício” da criança, bem como a sua ação natural, sendo assim considerado como uma atividade privilegiada que potencializa o seu desenvolvimento, intimamente relacionado com a aprendizagem, sobretudo nos primeiros anos de vida. É através dos brinquedos e brincadeiras que a criança descobre por si o seu papel no mundo que a rodeia, e fá-lo por meio da exploração, num ambiente de jogo improvável e indeterminado.

## 2.2 Brincar e aprender ao ar livre

A brincadeira ao ar livre é transversal a todos os estádios da infância. O espaço exterior permite que a criança brinque livremente e explore o ambiente que a rodeia no seu todo. É fundamental que a criança tenha acesso a todos os tipos de brincadeira e que possa brincar em todos os ambientes (interior e exterior).

As OCEPE (2016) referem-se ao espaço exterior como “um espaço educativo pelas suas potencialidades e oportunidades que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior” (Silva et al., 2016, p. 27). O espaço exterior é visto como um local privilegiado para desenvolver as atividades da iniciativa das crianças e ainda como um prolongamento do espaço interior, uma vez que o brincar ao livre potencia diferentes formas de interação social, contacto e exploração do meio natural, promove o desenvolvimento da imaginação e de atividades físicas, contribuindo assim para um enriquecimento e diversificação de oportunidades educativas que oferece. Por ser um espaço que apresenta diversas potencialidades merece a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior, logo as atividades realizadas na sala também podem ser desenvolvidas no espaço exterior (Silva et al., 2016).

Bento e Portugal (2019) afirmam que "o brincar ao ar livre potencia diferentes formas de interação social, contacto e exploração do meio natural e atividades físicas, contribuindo assim para enriquecer e diversificar a oferta educativa" (p.93). Através do brincar e da exploração dos espaços exteriores é possível apresentar às crianças vastas experiências, enriquecendo-as com vários recursos e meios, que serão mais valorizadas por elas, visto que a motivação, empenho e participação serão certamente diferentes das atividades realizadas, apenas, na sala de atividades.

Na perspetiva de Neto (2020) as experiências dadas às crianças no exterior marcam de forma significativa as suas vidas. O espaço exterior é uma continuação do ambiente interior de exploração e de brincadeiras. É um lugar valioso que alarga as experiências sensoriomotoras das crianças, pois contém texturas, sons e cheiros distintos (Post & Hohmann, 2011).

Ao ar livre, e no contacto com a natureza, as crianças sentem-se mais livres e felizes e têm a possibilidade de explorar tudo o que as rodeia e desperta. Assim, são capazes, de forma autónoma, desenvolver competências articuladas que contribuem para o seu desenvolvimento a todos os níveis. Ao brincar no exterior, as crianças têm a oportunidade de explorar materiais naturais (paus, pedras, areia, folhas, água, terra, etc.) que podem ser levados para a sala de atividades e ser objeto de outras explorações, e ainda de desenvolver várias formas de interação social e atividades motoras como: saltar, trepar, correr, jogar à bola, etc, num ambiente ao ar livre (Silva et al., 2016).

No espaço exterior as crianças podem envolver-se em brincadeiras livres, ou seja, criarem as suas brincadeiras, escolher com quem brincar e construir as suas próprias regras. Este lugar promove o desenvolvimento da mente e do corpo e oferece independência e oportunidades para descontrair (Hanscom, 2018). Nesse sentido, e nas ideias de Bilton et al, (2017), citadas por Bento e Portugal (2019),

durante o brincar no exterior, é essencial providenciar espaço e tempo que permitam à criança levar a cabo as suas iniciativas, tomar decisões sobre o que fazer, como e com quem, reconhecendo que a construção do conhecimento também ocorre através do brincar. (pp. 101-102)

Nesse sentido, brincar ao ar livre de forma autónoma e espontânea possibilita à criança desenvolver competências motoras, sociais, cognitivas e emocionais que, futuramente, se revelam essenciais para a vida adulta.

Bento e Portugal (2019) partilham da opinião que deve haver uma renovação na forma como os espaços exteriores e, consequentemente o brincar ao ar livre, são pensados e valorizados, já que,

a valorização do brincar ao ar livre não se pode resumir à utilização do espaço exterior num breve período de intervalo, em que as crianças não beneficiam de estímulos ou desafios interessantes para brincar, e o adulto, predominantemente, centra a sua ação na vigilância e manutenção da segurança, importa levar a cabo processos de melhoria da oferta educativa ao ar livre, monitorizando e analisando esses mesmos processos de mudança. (p.92)

Os momentos passados no espaço exterior exigem, tal como no espaço interior, um planeamento que propicie novas aprendizagens. Nas palavras de Oliveira-Formosinho (2011) esse espaço deve conter diversos materiais naturais com os quais as crianças permanecem em contacto direto em “zonas de sombra, de solo irregular e terreno uniforme, zonas com água e areia e outros materiais” (p. 120).

Ao ar livre, as experiências têm um impacto significativo nas relações entre crianças e adultos, pois podem ocorrer de forma gradual. Cada criança vive o espaço exterior de forma única, dado que, em contacto com a Natureza, surgem vastas surpresas e oportunidades de exploração, que opulentam o brincar da criança (Bilton et al., 2017). Segundo estas autoras torna-se importante cuidar do brincar das crianças ao ar livre, para que este seja marcado por momentos de deslumbramento e de proximidade com a Natureza, fomentadores de

sentimentos positivos em torno do processo de aprendizagem, sendo esse espaço muito mais do que “ensinar” ou “vigiar” as crianças.

Hanscom (2018) afirma que, se compararmos as crianças que brincam dentro de casa com as crianças que brincam ao ar livre, as crianças que possuem oportunidade de brincar ao ar livre têm mais benefícios no desenvolvimento, pois o espaço exterior inspira a mente e é um ambiente para aceitar desafios e avaliar riscos. Brincar ao ar livre estimula as crianças a pensar de forma criativa e divergente, permitindo-lhes desenvolver a sua imaginação e a fantasia. A mesma autora, salienta a importância de as crianças estabelecerem ligação com os objetos da Natureza, visto que esses permitem que as crianças usem a sua imaginação, desafiem o pensamento e testem os seus limites físicos, transmitindo uma verdadeira alegria, confiança e sentido de brincadeira.

Os objetos da natureza tornam-se brinquedos naturais e, à primeira vista, pode parecer que não têm qualquer utilidade, mas são esses elementos naturais que desafiam as crianças, que as inspiram e as fazem testar os seus limites. Os elementos naturais (pinhas, folhas, pedras, paus, etc.) oferecem diversos benefícios e a sua exploração possibilita à criança obter ferramentas necessárias para adquirir conhecimentos sobre a natureza (Bilton et al, 2017; Ferland, 2006; Hanscom, 2018).

Bilton et al (2017) referem que há mudanças de comportamentos nas crianças quando brincam no exterior, pois sentem-se mais confortáveis, confiantes e livres de julgamentos ou pressões. Para Charles et al (2008) as crianças tornam-se mais cooperativas, saudáveis e felizes quando têm oportunidade de brincar livre no exterior com regularidade. Assim, é possível frisar que a Natureza oferece múltiplas experiências às crianças enquanto estas estão em contacto permanente com a mesma.

Na senda de Neto (2020) é fundamental as crianças brincarem com as mãos (materiais naturais), porque promove a curiosidade e a competência para a resolução de problemas, que são cruciais para o desenvolvimento do cérebro. Tal como asseveram Hanscom (2018) e Neto (2020), brincar ao ar livre acarreta à criança importantíssimos benefícios para a sua saúde, como o desenvolvimento dos sentidos, fortalecimento dos músculos, dos ossos e do sistema imunitário, a estimulação da produção de vitamina D e o desenvolvimento da visão. Promove o desenvolvimento a nível sensorial e motor, o pensamento, a curiosidade, a admiração, atitudes de cooperação entre as crianças, contribui para hábitos alimentares saudáveis e para a diminuição do stress e das tensões. Ainda na senda de Johnson e Eccles (2005), citados por Bilton et al (2017), refere-se que “o ar e a luz oferecidos pelos espaços exteriores são ingredientes fundamentais para a saúde, sendo importante usufruir dos benefícios destes contextos em qualquer altura do ano, com o equipamento adequado às diferentes condições climatéricas” (p. 119).

Por conseguinte, e na perspetiva de Hanscom (2018), brincar ao ar livre é essencial para o desenvolvimento das crianças e, por isso, é fundamental que as crianças brinquem pelo menos três horas por dia ao ar livre. Também como salienta Bilton et al (2017), “as crianças necessitam de tempo e espaço para experimentar, falhar, repetir, etc., não sendo possível concretizar tais objetivos em intervalos de 15/20 minutos” (p. 64), visto que usufruir do espaço exterior por períodos curtos e esporádicos não possibilita às crianças uma verdadeira exploração dos estímulos existentes no próprio espaço, nem a apropriação das suas possibilidades.

Tovey (2011), citado por Bilton et al (2017), refere que “num mundo em que tudo parece ser cada vez mais instantâneo e automático, importa que as crianças contactem e compreendam os diferentes ritmos da Natureza, ligando-se ao mundo através de experiências positivas e mobilizadoras de aprendizagem” (p. 30), vivenciando assim experiências prazerosas de interação com o meio natural.

A exploração dos espaços exteriores e o brincar ao ar livre oferecem oportunidades para a criança experimentar, explorar, descobrir, imaginar e aprender. O simples ato de proporcionar às crianças a exploração e o brincar no espaço exterior permite que estas se desenvolvam e adquiram várias competências essenciais para a sua vida, pois estes espaços contribuem e promovem aprendizagens significativas.

Devido ao carácter dinâmico e imprevisível do espaço exterior, sujeito a constantes mudanças, por força da natureza ou da ação humana, podemos considerar que este apresenta uma riqueza dificilmente quantificável, fornecendo inúmeras possibilidades de desafios, brincadeiras, aventuras e aprendizagens para as crianças. (Bento, 2012, p. 8)

Portanto, é através do brincar no espaço exterior que a criança tem oportunidade de enfrentar riscos, aprender a lidar com medos, superar limites, resolver problemas de forma autónoma, ganhar segurança em si própria e mobilizar o corpo e os sentidos nas suas explorações (Bilton et al., 2017; Neto, 2020).

### **2.3 Brincar ao ar livre: o papel dos adultos no espaço exterior da instituição educativa**

O/A educador/a possui um papel crucial na integração da criança relativamente à exploração dos espaços exteriores, uma vez que este tem “múltiplas funções”, como referem Silva et al. (2016).

O espaço exterior da instituição educativa é um ambiente em constante mudança e a sua organização deve ter em consideração vários estímulos e oportunidades para diferentes crianças, ou seja, reconhecer, respeitar e valorizar que cada criança tem um ritmo de aprendizagem único. Nesse sentido, o espaço exterior deve ser um ambiente agradável, convidativo e aconchegante para todas as crianças e adultos (Bilton et al., 2017; Hanscom, 2018).

Dada a importância do espaço exterior e, conseqüentemente, da valorização do brincar ao ar livre, é possível ao/à educador/a planejar oportunidades de aprendizagem que vão ao encontro das necessidades e interesses das crianças nesse espaço exterior, circundante da instituição, pois, este apresenta todas as potencialidades para que sejam realizadas várias experiências de ensino e aprendizagem. Cabe ao/à educador/a tirar partido da Natureza e proporcionar às crianças oportunidades de aprendizagem de qualidade, apoiando-as na procura de compreensão do mundo e de si próprias.

De acordo com Silva et al (2016)

A observação do brincar e de situações da iniciativa das crianças é um meio de conhecer os seus interesses, um conhecimento que pode ser utilizado para o/a educador/a planejar novas propostas, ou apoiar o desenvolvimento de projetos de pequenos grupos ou de todo o grupo. (p.18)

Considera-se, por isso, fundamental que o/a educador/a de infância reconheça o espaço exterior como potencializador de desenvolvimento e de aprendizagem. Para Bento e Portugal (2016), “inovar a pedagogia passará por oferecer diversas oportunidades ou experiências de aprendizagem” inclusive no espaço exterior (p. 99). Assim, sendo o/a educador/a de infância gestor do currículo e responsável pela organização dos espaços e materiais do contexto educativo, deve valorizar o espaço exterior como potencializador de desenvolvimento e aprendizagem da mesma forma que valoriza o espaço da sala de atividades. Deste modo, o/a educador/a deverá construir/organizar espaços com e para as crianças, tendo em conta os seus interesses e o que realmente as motiva, reconhecendo-as como aprendizes ativos e construtores da sua própria aprendizagem. Nas ideias de Bilton et al (2017), neste brincar da criança ao ar livre, o acompanhamento do adulto assume uma grande importância, servindo de incentivo para um maior enriquecimento do brincar. É por isso, essencial que os/as educadores/as disponibilizem espaço e tempo para as crianças brincarem ao ar livre diariamente e para vivenciarem experiências sensoriais saudáveis.

De acordo com Homem (2009), o/a educador/a de infância deve ter sempre presente que o ato de brincar é também ele uma fonte de conhecimento para as crianças e que estas

não realizam aprendizagens somente através de atividades orientadas. Permitir à criança organizar as suas brincadeiras de forma autónoma, e sem a intervenção do adulto, possibilita-lhe o desenvolvimento do seu papel ativo na organização e estruturação das brincadeiras, a motivação e o envolvimento das mesmas durante o brincar. Os/As educadores/as têm um papel de interveniente, mas também, de observador, pois é através da observação que vão conhecendo a criança e que percebem o seu nível de desenvolvimento e de conhecimento. Segundo Neto (2020), “observar o brincar é uma oportunidade inesgotável para pais e educadores aprenderem a conhecer as diversas facetas de uma criança (o corpo fala diversas linguagens)” (p. 222).

Nas palavras de Ferreira (2010), “(...) ao observarmos as crianças a brincar, podemos obter informações essenciais a seu respeito, relacionadas com a formação pessoal e social, (...), a expressão e a comunicação e o conhecimento do mundo” (p.12). Neste sentido, o/a educador/a deve estar atento/a aos comportamentos das crianças durante a brincadeira, sendo fundamental entender o seu brincar.

Como destaca Gaspar (2010), o/a educador/a tem como uma das funções primordiais “reconhecer o significado do brincar da criança, dar-lhe sentido e funcionalidade” (p. 9). Nesta perspetiva, Neto (2020) alega que, durante o brincar, o/a educador/a deve observar as crianças de modo a ficar com um conhecimento mais aprofundado relativamente ao seu desenvolvimento e conhecer a sua personalidade, entrando na sua vida. O adulto, ao realizar uma observação cuidadosa, consegue adaptar os momentos de brincadeira a cada uma, atendendo ao ritmo de cada criança e seguindo o seu desenvolvimento. Para além disso, percebe qual deve ser a sua postura em cada momento de brincadeira e, perante o contexto, pode intervir ou não. Como ressaltam Bilton et al (2018), “a intervenção do adulto deve envolver dimensões relativas a sensibilidade, estimulação e promoção da autonomia, procurando-se criar as condições necessárias para a formação de um cidadão emancipado, genuíno, emocionalmente saudável, ávido de exploração e interação com o meio” (p. 114).

Todas as experiências de aprendizagem que o/a educador/a propõe, sobretudo, no espaço exterior, têm um impacto significativo nas aprendizagens das crianças, pois, estas estabelecem contacto direto com a Natureza e ainda manipulam materiais/objetos que, por vezes, não podem ser levados para o interior, permitindo-lhes usufruir de um ambiente organizado, diferente, desafiador e potencializador, mas onde se sintam seguras e confiantes para poderem experimentar e realizar as suas próprias explorações.

Goldschmied e Jackson (2006), citadas por Fochi, e Focesi (2018), mencionam que o/a educador/a deve “certificar-se que a criança esteja feliz. (...) O adulto é um facilitador e não diretor das atividades da criança e faz isso a partir de um ambiente planejado e organizado cuidadosamente” (p. 46).



## **Parte II – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO-AÇÃO**

### **1. Percurso e contextos de intervenção**

Nesta segunda parte começamos por apresentar as opções metodológicas, mais propriamente, a natureza do estudo, bem como os instrumentos e as técnicas de recolha e análise de dados utilizados na investigação. Num momento posterior identificaremos a caracterização do contexto de Creche e do contexto de Educação Pré-Escolar onde desenvolvemos a ação educativo-pedagógica no âmbito da Investigação-Ação (IA).

#### **1.1 A Investigação-Ação como opção metodológica**

O presente estudo, realizado no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada, decorreu entre o ano letivo 2020-2021 e 2021-2022. Decorreu em contexto de Creche numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) no ano letivo 2020-2021 e em contexto de Educação Pré-Escolar num Jardim de Infância da rede pública do Ministério da Educação no ano letivo 2021-2022. Assumiu uma natureza qualitativa sendo que, de acordo com Amado (2017),

a investigação qualitativa consiste numa pesquisa sistemática, sustentada em princípios teóricos e em atitudes éticas, realizada por indivíduos informados e treinados para o efeito; pesquisa que tem como objetivo obter junto dos sujeitos a investigar (amostras não estatísticas, casos individuais e casos múltiplos) a informação e a compreensão (o *sentido*) de certos comportamentos, emoções, modos de ser, de estar e de pensar (modos de viver e de construir a vida), (...) a investigação qualitativa visa contribuir para o melhoramento das situações e para a resolução dos problemas existentes no contexto. (p. 17)

Na perspetiva de Máximo-Esteves (2008), tal natureza recorre a uma observação e descrição pormenorizada, pois só assim se torna possível compreender as pessoas, as suas ações e os valores que as orientam nas suas atitudes e decisões.

De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a investigação qualitativa “reflecte uma espécie de diálogo entre os investigadores e os respetivos sujeitos, dado estes não serem abordados por aqueles de uma forma neutra” (p. 51). Na ótica dos autores possui cinco características principais, ou seja: os dados são recolhidos em ambiente natural, dado que o investigador é o instrumento principal; é descritiva, focando-se mais em todo o processo e

não tanto nos resultados ou produtos; os dados são analisados a partir do método indutivo; e o significado responde às questões “porquê” e ao “quê” (Bogdan & Biklen, 1994).

Ainda na sua linha de pensamento sublinha-se a necessidade de se permanecer em contacto direto com aquilo que se observa e se pretende investigar, dado que,

o objectivo do investigador é o de compreender, com bastante detalhe, o que é que professores, directores e estudantes pensam e como é que desenvolveram os seus quadros de referência. Este objectivo implica que o investigador passe, frequentemente, um tempo considerável com os sujeitos no seu ambiente natural, elaborando questões abertas. (Bogdan & Biklen, 1994, p. 17)

Bogdan e Biklen (1994) salientam ainda que, na investigação qualitativa, o/a investigador/a deve assumir-se como participante ativo/a, para adquirir uma percepção experiencial da realidade que lhe possibilite descrever pormenorizadamente a mesma, segundo um olhar amplo, integrado e contínuo. Os dados recolhidos são ricos em detalhes descritivos e a investigação qualitativa, apoiando-se em imagens e/ou palavras, a partir das quais o/a investigador/a reconhece e concede o devido valor à ação no contexto, permite-lhe atribuir significados.

Neste âmbito, este estudo realizou-se através da investigação-ação (IA), que é uma metodologia que visa resolver um determinado problema social, neste caso, com o intuito de uma melhor prática educativa. Deste modo, existe a necessidade de refletir constantemente sobre a prática e certas situações que vão surgindo ao longo da mesma, com rigor e coerência, sendo que a vertente reflexiva e investigativa do/a investigador/a deve estar virada para a ação, contribuindo dessa forma para uma educação de qualidade.

A escolha da IA deve-se ao facto de esta procurar, na área da educação, observar o contexto para que possam ser tomadas decisões que facilitem a mudança. Nesta linha de pensamento, Máximo-Esteves (2008) salienta que a IA “é um processo dinâmico, interativo e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise das circunstâncias e dos fenómenos em estudo” (p.82).

A IA é essencial para o/a educador/a de infância, uma vez que possibilita melhorar incessantemente a qualidade da sua prática. Desse ponto de vista, conforme salienta Mesquita-Pires (2010), a IA

procura analisar a realidade educativa específica e estimular a tomada de decisão dos seus agentes para a mudança educativa. Esta mudança implica a tomada de consciência de cada um dos actores, individualmente, e do grupo, do qual emerge a

construção de conhecimento através do confronto e contraste dos significados produzidos na reflexão. (p. 71)

A IA tem como objetivo melhorar as ações num determinado contexto através da procura de estratégias adequadas que são implementadas para a obtenção dessas mesmas melhorias. Coutinho et al (2009) defendem que esta é uma metodologia que necessita de pesquisa, apontando para a resolução de problema reais, com o intuito de compreender as práticas educativas e, ao mesmo tempo, reformulá-las. Assim, investigar implica planear, atuar, observar e refletir e, por isso, a IA “pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem simultaneamente ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica” (Coutinho et al., 2009, p. 360).

No processo de Investigação-Ação é o/a educador/a quem faz uma reflexão, tendo como referência o que observa, bem como os dados que recolhe, que são os fundamentos para poder planear e intervir futuramente, como forma de melhorar a sua prática educativa. Cabe-lhe a responsabilidade de conjugar esse seu papel com o de investigador/a, tendo plena noção que, no decorrer da investigação, deve ser o mais imparcial possível.

Na conceção de Máximo-Esteves (2008), a IA é um processo dinâmico, aberto e interativo aos necessários e consequentes reajustes, que resultam da análise das circunstâncias, assim como dos fenómenos que se apresentam em análise. Deste modo, ao longo do estudo, existiu a necessidade de observar, conversar, planear, atuar, refletir e avaliar de forma rigorosa, com o propósito de ficarmos com um conhecimento mais alargado sobre as práticas educativas e decidir como intervir.

Ainda segundo o pensamento da autora, sustentada nas ideias de Dewey, a investigação-ação é uma metodologia que deve ser planeada antecipadamente e

deve sempre ter em atenção os métodos selecionados para a recolha de dados, a necessidade de refletir e de investigar a prática, o que requer dos educadores (...) uma constante abertura de espírito (consideração de múltiplas vias), responsabilidade (para avaliar as ações) e sinceridade (quer na avaliação da ação quer do seu impacto). Requer também o desenvolvimento de competências para a tomada de decisões relativas ao quotidiano educativo/curricular de forma cientificamente sustentada. (p. Máximo-Esteves, 2008, p.41)

Também como destaca Mesquita- Pires (2010), a IA

procura analisar a realidade educativa específica e estimular a tomada de decisão dos seus agentes para a mudança educativa. Esta mudança implica a tomada de consciência de cada um dos actores, individualmente, e do grupo, do qual emerge a construção de conhecimento através do confronto e contraste dos significados produzidos na reflexão. (p. 71)

Máximo-Esteves (2008) salienta que, ao partirmos para um estudo de IA, é “necessário efectuar um conjunto de procedimentos, de acordo com os objectivos do mesmo: encontrar um ponto de partida, coligir a informação de acordo com padrões éticos, interpretar os dados e validar o processo de investigação” (p. 79). Nessa perspetiva, como suporte do nosso projeto de investigação-ação, foi necessário formular, como ponto inicial, a seguinte questão de partida: Qual o lugar da brincadeira ao ar livre<sup>3</sup> no currículo e na(s) pedagogia (s) da infância?

Tendo em consideração a questão de partida, delinearam-se os objetivos a alcançar com a realização deste projeto:

- Identificar o lugar da Educação de Infância no sistema educativo em Portugal;
- Identificar e compreender as perspetivas curriculares e pedagógicas na hodiernidade da Educação de Infância;
- Identificar e debater a brincadeira ao ar livre enquanto estratégia para aprender na educação de infância;
- Identificar e discutir as opiniões das educadoras de infância e das crianças sobre o brincar ao ar livre no Jardim de Infância;
- Promover práticas pedagógicas que incentivem a aprendizagem através do brincar ao ar livre em contexto de Creche e Jardim de Infância.

Numa IA é essencial também definir as questões orientadoras, uma vez que são o ponto de partida para orientar uma investigação e objetivam destacar os tópicos e antecipar decisões no que alude aos caminhos a percorrer. Nesse sentido, como forma de alcançar os objetivos atrás mencionados, delineámos um conjunto de questões orientadoras, a saber:

- Como é que a educação de infância se enquadra no sistema educativo português?
- Que conceções curriculares e pedagógicas vigoram na educação de infância em Portugal?
- Nessas conceções, que importância é dada ao brincar e aprender na educação de infância?

---

<sup>3</sup> Quando nos referimos ao brincar ao ar livre referimo-nos ao brincar no espaço exterior próprio da instituição.

- Nas salas de Creche e Jardim de Infância onde se realizou a Prática de Ensino Supervisionada, o brincar ao ar livre é visível no dia-a-dia?
- Como se podem promover oportunidades de aprendizagem através da brincadeira ao ar livre em contexto de Creche e Jardim de Infância?
- Quais as opiniões das educadoras de infância sobre o brincar ao ar livre?
- Quais as opiniões das crianças do Jardim de Infância relativamente ao brincar ao ar livre?

No decorrer da investigação apoiámos a nossa ação num ciclo de ação-reflexão-ação, que nos auxiliou a reconsiderar as nossas práticas, tornando-nos cada vez mais rigorosas e críticas. Neste sentido, tomamos consciência de que a IA é um processo contínuo e sistemático de observação-planificação-ação-reflexão/avaliação e que, tal como frisa Latorre (2003), citado por Marchão e Henriques (2019), (...) “permite mais conhecimento sobre os contextos e sujeitos, que se constrói, interpreta e compreende a partir da observação associada ao questionamento da prática e dos valores que lhe são inerentes” (p. 13). Ainda nas palavras dos autores supracitados, “Assume-se que a investigação-ação é exigente, mas facilitadora de mais e melhor conhecimento e que ajuda a providenciar uma resposta educativo-pedagógica mais responsiva e baseada nas necessidades e nos interesses das crianças, bem como mais construída em colaboração” (Marchão & Henriques, 2019, p.16).

## **1.2 Técnicas e instrumentos de recolha, de tratamento e análise de dados**

No presente estudo definimos as técnicas e os instrumentos de recolha de dados que nos pareceram mais adequados para obtermos respostas à questão de partida e aos objetivos, sobretudo a partir das questões orientadoras. Deste modo, recorreremos à observação participante com recurso a instrumentos adaptados do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (DQP) (Bertram & Pascal, 2009) e às notas de campo; ao registo fotográfico/vídeo e registo das atividades desenvolvidas; à entrevista semiestruturada, a educadoras do Jardim de Infância e a crianças em idade pré-escolar, fruindo de gravações audiovisuais. Os trabalhos realizados pelas crianças (documentação pedagógica) foram também fonte de dados.

A observação participante decorreu ao longo do percurso e foi uma estratégia essencial, visto que nos possibilitou compreender os contextos educativos, as pessoas presentes em cada um e o estabelecimento de interações. Na perspetiva de Máximo-Esteves (2008) esta observação caracterizou-se como direta, uma vez que “permite o conhecimento direto de fenómenos tal como eles acontecem num determinado contexto” (p. 87).

Tal como frisa Oliveira-Formosinho (2002) “a informação obtida por meio da observação directa pode ser exacta, precisa e significativa para os educadores, porque é realizada no contexto natural (...) dos acontecimentos” (p. 180). Através da observação torna-se possível obter conhecimento de cada criança na sua individualidade, ou seja, fica-se a saber o que cada uma está a sentir, pensar e o que sabe.

Esta é uma técnica em que se torna possível observar as crianças no seu ambiente natural e as suas vantagens são o facto de se poderem observar diretamente os comportamentos das crianças e de recolher os acontecimentos quando estes ocorrem.

Do Manual Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (DQP) (Bertram & Pascal, 2009) adaptámos alguns instrumentos que utilizámos nos dois contextos educativos, de modo a enriquecer a nossa observação e prática, nomeadamente: a Ficha do Estabelecimento Educativo (alusiva à organização e funcionamento da instituição, Anexos 1 e 5); Ficha do Espaço Educativo da Sala de Atividades (alusiva à organização do espaço e aos materiais presentes no mesmo, Anexos 2 e 6) e Ficha do/a Educador/a de Infância (alusiva à sua formação profissional e prática pedagógica (Anexos 3 e 7).

Apesar dos registos efetuados nessas fichas, e de forma a descrever e melhor analisar os dados observados, recorreremos igualmente às notas de campo, que serviram para registar momentos que consideramos marcantes nesta investigação, bem como para a própria reflexão sobre as atividades desenvolvidas e as interações que ocorreram. Assim, tal como refere Castro (2012), estas são “muito utilizadas na metodologia qualitativa, aplicam-se nos casos em que o professor pretende estudar as práticas educativas no seu contexto sociocultural e caracterizam-se pela sua flexibilidade e abertura ao imprevisto” (s.p.).

As notas de campo derivam em descrições escritas muito ricas do que se observa, escuta e experiencia. Como ressalta Máximo-Esteves (2008), relativamente às notas de campo, apoiada nas ideias de Spradley (1980), este tipo de instrumento possibilita fazer “registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto, das pessoas (retratos), suas acções e interações (trocas, conversas)” (p. 88), sendo caracterizadas por serem o lado mais pessoal do trabalho de campo. Através das notas de campo o/a investigador/a tem como objetivo registar uma parte da vida que ali ocorre. Estas englobam notas interpretativas, impressões e ideias que surgem no decurso da observação ou após das suas leituras iniciais.

Nas notas de campo registámos informações pertinentes, em dois momentos distintos: o primeiro ocorreu no período de observação, no qual foi registado o quotidiano da sala de atividades, incluindo as atividades desenvolvidas pela educadora cooperante (Ed. C.); foram incluídos também registos pontuais detalhados de ações que considerámos pertinentes, sobretudo as rotinas e conversas entre pares ou criança-adulto em ambos os contextos (Creche e Jardim de Infância), procedendo ao respetivo registo no instante em que ocorriam, enquanto as particularidades estavam presentes na nossa memória. O segundo

momento ocorreu durante a intervenção no contexto educativo, em que foram retiradas notas mais detalhadas e refletidas da nossa ação, bem como do impacto que as atividades desenvolvidas tiveram nas crianças.

Tanto em contexto de Creche como em contexto de Jardim de Infância, no decorrer da nossa intervenção, registámos no bloco de notas que nos acompanhava diariamente apontamentos mais minuciosos, extensos e reflexivos, formulados após o término do dia, sobre a nossa ação educativa/pedagógica, com o intuito de a aperfeiçoar, bem como avaliar se as oportunidades/experiências de aprendizagem propostas correspondiam às expectativas criadas e aos objetivos delineados, de forma a obtermos uma reflexão mais consistente e elucidativa da realidade.

Nestes contextos, com o intuito de documentar a prática de forma mais rigorosa e coesa, as notas de campo foram conjugadas com o registo fotográfico e as gravações áudio, permitindo compreender alguns comportamentos, práticas e situações que não nos passaram despercebidos no momento em que sucederam.

No que diz respeito ao registo fotográfico e de vídeo, podemos referir que estes foram essenciais para registar distintos momentos e acontecimentos durante a prática pedagógica. O registo de informação visual ajudou-nos na análise das atividades implementadas, pois tal como afirmam Bogdan e Biklen (1994) este meio surge como um “avanço na pesquisa, dado que permite que os investigadores compreendam e estudem aspectos da vida que não podem ser investigados através de outras abordagens, as imagens dizem mais do que as palavras” (pp. 183-184). Ainda neste sentido, refere-se que a fotografia é “uma técnica de excelência na IA na medida em que se converte em documentos de prova da conduta humana com características retrospectivas e muito fiáveis do ponto de vista da credibilidade” (Castro, 2012, s.p.). As fotografias tornam-se fundamentais para registar diversos acontecimentos, sendo por isso um instrumento que nos possibilitou o registo visual sem perturbar a dinâmica de grupo e, posteriormente, a análise e reflexão de situações anteriormente vivenciadas. No entendimento de Máximo-Esteves (2008) as imagens registadas através da fotografia podem abranger “informação visual disponível para mais tarde (...) serem analisadas e reanalisadas, sempre que tal seja necessário” (p. 91).

Importa referir que, no início, se procedeu a um pedido de consentimento informado, com resposta expressa nos pedidos de autorizações dos encarregados de educação às Educadoras Cooperantes.

Relativamente à documentação pedagógica, mais concretamente aos trabalhos desenvolvidos e as experiências que as crianças efetuam no dia a dia do jardim de infância, considerámo-la como um “instrumento” fundamental, dado que possibilitou compreender o modo como as crianças pensavam as suas ações, os seus conhecimentos, bem como as suas próprias aprendizagens. Como ressalta Máximo-Esteves (2008), usar a documentação

das crianças é “indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem dos alunos” (p. 92). Também nesta mesma linha de pensamento, Oliveira-Formosinho e Formosinho (2013) evidenciam ainda que a documentação “é uma estratégia pedagógica para escutar as crianças e para responder educacionalmente a essa escuta. É um espaço para a criação da memória de aprendizagem em ação” (p. 53).

Outra das nossas opções para realizar a recolha de dados foram as entrevistas, que segundo Máximo-Esteves (2008), “são uma das estratégias mais utilizadas na Investigação educacional” (p.92), com o intuito de conhecer também o ponto de vista do outro. A entrevista apresenta um elevado potencial, dado que permite uma interação dinâmica entre o entrevistador e o entrevistado, de forma a obter assim informação acrescida com o diálogo existente.

De forma particular, focámo-nos nas entrevistas semiestruturadas, tendo sido estas conduzidas através de guiões iniciais, seguindo uma estrutura aberta e flexível permitindo a livre expressão dos entrevistados. No entender de Máximo-Esteves (2008),

A ordem em que são colocadas as questões, no contexto de uma entrevista semiestruturada, é flexível, possibilitando o imprevisto na pergunta, decorrente do inesperado da resposta. Desta forma, o entrevistado tem oportunidade para dizer o que sabe e o que pensa sobre o tema, pelo que o investigador necessita que as respostas sejam clarificadas pelo respondente no ato da entrevista, na procura de um significado comum, (...). (p. 96)

Numa entrevista deve predominar uma conversa amigável em que exista uma troca de ideias, concepções e significados entre o entrevistador e o entrevistado, num ambiente favorável onde prevaleça um clima de segurança e confiança, entre ambos.

Nesse sentido, optámos por realizar uma entrevista semiestruturada às Educadoras Cooperantes, bem como às crianças em idade pré-escolar, com o objetivo de conhecer as suas concepções acerca do brincar ao ar livre e a importância que lhe atribuem, tendo sido no último caso usadas questões concisas e curtas.

Para registar as entrevistas utilizámos gravações áudio e vídeo pois, como alude Máximo-Esteves (2008), o gravador “permite o registo integral da conversação, de modo que o entrevistador fica com mais liberdade para se concentrar no tópico e na dinâmica da entrevista” (p. 102), sendo que nos permitiu tirar grandes conclusões e hipóteses, atribuindo mais validade a esta investigação e tornando-a mais objetiva.

No que diz respeito à entrevista com as crianças, esta foi realizada num espaço que permitiu garantir um clima calmo e agradável, tendo sido realizadas com um grupo de crianças, num total de 6. De evidenciar que foi utilizada uma linguagem simples, clara e



objetiva, acessível às crianças e que, sempre que necessário, foi ajustada às dúvidas das crianças (Máximo-Esteves, 2008; Marchão & Henriques, 2018).

A entrevista teve como ponto de partida a leitura de uma narrativa criada para o efeito, intitulando-se de “Como é bom brincar ao ar livre!” (Anexo 12).

Modernamente, e no quadro da investigação qualitativa, por via dos estudos etnográficos, e da investigação-ação, é essencial considerar a criança como sujeito de investigação, investigando com ela e não apenas sobre ela (Marchão & Henriques, 2018); por isso, desde o início considerámos a sua participação, quer na ação pedagógica quer na componente de investigação associada a essa ação. Como sublinham os autores, ouvir a criança em todos os momentos e/ou em momentos de entrevista permite ser mais responsivo aos seus interesses e necessidades.

A escuta das crianças através de entrevistas possibilita compreender as suas perspetivas, ideias e os significados que estas vão construindo sobre si e sobre o mundo, através das interações com o meio envolvente (Marchão & Henriques, 2018). Entrevistar uma criança não é tarefa fácil; é uma tarefa rigorosa e, como salientam Marchão e Henriques (2018), “é um processo que acarreta grandes desafios, quer na realização quer na análise e interpretação, para que a voz da criança se torne produtora de conhecimento de si e sobre a infância” (p. 142).

Ainda nesta linha de pensamento e na senda de Vasconcelos (2016), citada por Marchão e Henriques (2018), “a investigação com crianças... é antes de tudo dar voz às crianças, criar contextos em que elas possam falar de si” (p. 139). “Escutar a voz da criança através de uma entrevista permite-nos conhecê-la e confirmar o seu estatuto e plenitude de direitos” (Marchão & Henriques, 2018, p. 143).

Tanto ao longo da ação educativo-pedagógica como na recolha de dados (com adultos e crianças) é importante referir que tivemos em consideração princípios éticos, de forma a garantir os direitos dos participantes, a confidencialidade dos dados, bem como o anonimato desses mesmos participantes.

De evidenciar que a nossa prática foi orientada segundo princípios éticos, tal como destaca Carmo e Ferreira (1998), nomeadamente: respeitar e salvaguardar os direitos humanos dos intervenientes; informar as pessoas que participam na investigação, esclarecendo os aspetos necessários sobre a mesma; manter toda a honestidade nas relações que se criam com os sujeitos participantes; aceitar a escolha dos sujeitos de não cooperar na investigação ou de desistirem no decorrer da mesma; antes de começar a investigação estipular um acordo com os participantes, para que fiquem claras, não só as responsabilidades do/a investigador/a, como as deles em particular; proteger os participantes de todos os prejuízos morais, físicos e profissionais ou danos que a investigação lhes possa

trazer e garantir que a informação que é adquirida é confidencial. Igualmente tivemos como referência o Código de Ética do Instituto Politécnico de Portalegre<sup>4</sup>.

Deste modo, e após informarmos sobre o estudo, de se obterem autorizações dos encarregados de educação para obter fotografias/vídeo e registos audiovisuais, obteve-se, no caso das entrevistas com as crianças, o consentimento para a realização das mesmas, quer dos encarregados de educação, quer das próprias crianças. Concretizou-se, desta forma, o consentimento informado dos adultos e das crianças.

No decorrer da nossa prática, e no momento de recolha de informação, protegemos os direitos dos adultos e das crianças que participaram no estudo, tendo em consideração os aspetos relacionados com a privacidade e confidencialidade dos intervenientes no processo. Recorremos a nomes fictícios com o intuito de manter o anonimato das educadoras e das crianças envolvidas. Tal como refere Denzin (1989), citado por Máximo-Esteves (2008), “a obrigação primeira que não podemos esquecer é sempre para com as pessoas que estudamos e não para com o nosso projecto ou área de estudo” (p. 107).

Depois de termos recolhido os dados<sup>5</sup> avançámos, por meio da análise de conteúdo reflexivo e interpretativo, para o tratamento e a análise da informação, sendo desenvolvido um tratamento de análise de cariz fundamentalmente qualitativo, destacando a análise de conteúdo que, segundo Sousa (2005), assume “(...) uma intenção de analisar um ou mais documentos, com o propósito de inferir o seu conteúdo imanente, profundo, oculto, sob o aparente; ir além do que está expresso como comunicação directa, procurando descobrir conteúdos ocultos e mais profundos” (p. 264).

Nesse seguimento, procedemos à análise e interpretação dos registos fotográficos, das notas de campo, das gravações áudio e vídeo e das entrevistas. Carmo e Ferreira (1998) salientam que os dados englobam transcrições de “entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais (...) Os investigadores analisam as notas tomadas em trabalho de campo, os dados recolhidos, respeitando, tanto quanto possível, a forma, segundo a qual foram registados ou transcritos” (p. 180).

É importante evidenciar que, durante todo o período em que decorreu a PES, houve o cuidado de realizarmos uma intervenção responsável e competente, em que prevaleceu a verdade, honestidade e o respeito por todos os intervenientes no processo educativo.

Igualmente evidenciamos a colaboração das Educadoras Cooperantes, com as quais dialogámos, disponibilizando-nos informações pertinentes e mais pormenorizadas sobre os grupos de crianças, as rotinas e outros aspetos adicionais (registados através de notas de

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://pae.ipportalegre.pt/repositoryStream/317977>

<sup>5</sup> E no caso das entrevistas de as transcrevermos (Anexos 13 e 14).

campo), que completaram as informações recolhidas através dos instrumentos de recolha de dados utilizados.

## **2. Caraterização dos contextos educativos**

A observação baseada no uso de notas de campo e nas fichas adaptadas do Manual DQP (Bertram & Pascal, 2009) permitiram-nos recolher os dados necessários para caracterizar o estabelecimento educativo, o espaço da sala de atividades e o grupo de crianças dos dois contextos educativos onde desenvolvemos o estudo.

### **2.1 Contexto de Creche**

Seguidamente, são apresentados os dados que resultam da observação que se desenvolveu em contexto de Creche e da aplicação dos instrumentos de recolha de dados adaptados do Manual DQP (Bertram & Pascal, 2009), nomeadamente: a Ficha do Estabelecimento Educativo (Anexo 1), a Ficha do Espaço Educativo da Sala de Atividades (Anexo 2) e a Ficha do/a Educador/a de Infância (Anexo 3). Conjuntamente, considerou-se no caso da caracterização do grupo de crianças, a observação direta, a consulta documental de instrumentos de trabalho da educadora cooperante, bem como as informações obtidas através da mesma relativamente ao grupo de crianças e à sala de atividades.

#### **2.1.1 Caraterização do estabelecimento educativo**

A Prática de Intervenção Supervisionada em Creche (PISC) realizou-se numa Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). A instituição tinha como fins o desenvolvimento e o apoio à criança e à sua família, através da resposta social de Creche, Educação Pré-escolar e de Atividades de Tempos Livres (ATL). Situava-se numa área urbana da cidade de Portalegre, funcionando num edifício adaptado. A resposta social de Creche tinha como objetivo proporcionar o bem-estar e desenvolvimento das crianças entre os três meses e os três anos de idade, num clima de segurança física e afetiva durante o afastamento parcial do seu meio familiar, através de um atendimento particularizado e da cooperação entre a família, numa partilha de concessões e responsabilidades em todo o processo evolutivo das crianças.

Nesta instituição, pelo que nos foi transmitido, era frequente a participação das famílias, visto que estas participavam de forma ativa não só nas várias festas que iam sendo desenvolvidas ao longo do ano, mas também nas reuniões e noutras atividades/projetos.

O horário de funcionamento era das 7:00 horas e 45 minutos às 19:00 horas, de segunda a sexta-feira, sendo a duração da componente letiva de sete horas e meia (de manhã funcionava das 9:00 horas às 12:00 horas e no período da tarde, das 15:00 horas às

17:00 horas e 30 minutos). De referir ainda que a componente de apoio à família ou de apoio socioeducativo era de duas horas e quarenta e cinco minutos (de manhã funcionava desde as 7 horas e 45 minutos até às 9 horas e durante a tarde das 17:00 horas e 30 minutos até às 19:00 horas). O horário de almoço da Creche decorria entre as 11:00 horas e as 12:00 horas, sendo este assegurado pelas educadoras e pelas ajudantes de ação educativa.

No que concerne ao espaço interior da instituição, este era constituído por três salas de berçário, quatro salas de Creche e duas salas de Jardim de Infância, em que os grupos estavam distribuídos de forma heterógena no que se refere à idade. Possuía também dois refeitórios (um destinado às refeições do pessoal docente e outro às crianças, sendo que este último continha mesas, cadeiras e lavatórios adequados à faixa etária) e dormitórios adaptados em cada sala (sendo as mesmas reorganizadas para a disposição de catres). A disposição era feita de modo a que se formasse um corredor entre os catres, para que os adultos pudessem circular pela sala e chegar a qualquer criança sem dificuldade. A hora do repouso/sesta era organizada de acordo com o Artigo 3.º, da Portaria n.º 262/2011, de 31 de agosto, que refere que “As salas de actividades podem ser utilizadas para o repouso das crianças, desde que disponham de sistemas de escurecimento e equipamento adequado ao descanso das crianças.” Cada sala possuía sanitários para crianças.

A instituição possuía ainda outros sanitários para crianças e para adultos, uma sala para o pessoal docente e uma sala de acolhimento de apoio à família e prolongamentos de horário (era uma sala ampla, que continha uma televisão e era onde no final do dia, algumas crianças esperavam pelos encarregados de educação). Possuía ainda uma sala para movimento/ginástica que, devido à situação pandémica provocada pelo COVID-19, foi adaptada para entrada e saída das crianças que frequentavam a Creche.

Quanto à cozinha e à lavandaria encontravam-se na sede da instituição (IPSS) e, como tal, as refeições das crianças eram preparadas/confecionadas e, mais tarde, transportadas até ao estabelecimento.

Nos corredores era colocada alguma documentação que ia sendo realizada durante o ano. Existia também uma secretaria que se encontrava fechada, sendo os assuntos tratados por via eletrónica. Havia uma sala destinada aos/às educadores/as. Junto a cada sala de atividades, estavam dispostos cabides individuais, devidamente identificados, onde cada criança tinha a sua mochila com os pertences que ficavam na instituição (mudas de roupa e outros) e vários placares para afixar alguma documentação (trabalhos realizados pelas crianças) que ia sendo realizada durante o ano. No estabelecimento educativo encontravam-se rampas, como forma de facilitar o acesso a crianças com mobilidade reduzida.

De salientar que a instituição possuía boas instalações e equipamentos suficientes para o número de crianças, com ótimas condições de funcionamento e uma prestação de

cuidados de excelência. Em todas as salas de atividades existia proteção para tomadas e, nos corredores, diversos extintores.

O acolhimento das crianças era feito por assistentes operacionais que orientavam as crianças para as salas respetivas às 9:00 horas, após a entrada das educadoras de infância. Durante este período, as crianças brincavam livremente ou visionavam desenhos animados na televisão. A partir das 9:00 horas e 30 minutos surgiam as tarefas orientadas e planeadas pelas educadoras de infância. Na instituição não havia horários fixos, exceto os das educadoras, uma vez que os restantes funcionários trabalhavam por horários rotativos, de modo a assegurar a abertura e o fecho da instituição, tendo em consideração as manifestações demonstradas pelos pais para as entradas e saídas das crianças.

No total, atualmente, frequentavam a instituição cento e oitenta crianças.

De forma a garantir a sua segurança todo o espaço envolvente possuía gradeamento ou muros convencionais, contando, também com equipamento obrigatório de proteção. Estes espaços exteriores incorporavam uma área considerável, sendo vedado por muros e rede, e possuía uma área com cerca de 98m<sup>2</sup>, tendo o pavimento partes em cimento, terra e piso sintético (relva); existia um espaço destinado apenas às crianças em contexto de Creche.

Na outra parte do exterior encontrava-se um parque que possuía um escorrega, caixas de areia e outros brinquedos, mas apenas era utilizado por crianças em idade pré-escolar e por crianças que frequentavam o ATL.

O espaço exterior era utilizado pelo menos uma hora por dia, sempre que as condições atmosféricas o permitissem, sendo supervisionado pelas educadoras de infância e pelas assistentes operacionais das respetivas salas de atividades. O estabelecimento tinha ainda um jardim/horta e vários materiais (triciclos, casinhas e bolas) suficientes e adequados para as crianças das diferentes faixas etárias, sendo um espaço muito rico em experiências sensoriais.

A instituição contava com a colaboração de vários trabalhadores, tais como educadoras de infância, assistentes operacionais, copeira, motorista, diretora e o apoio da Equipa Local de Intervenção Precoce. No que respeita à mensalidade das crianças na Creche, não existia um valor único, pois como se trata de uma IPSS, as mensalidades são consoante os rendimentos anuais dos agregados familiares. Em vez de uma mensalidade única existia sim uma mensalidade máxima.

### **2.1.2 Caraterização da sala de atividades onde nos integrámos**

A “Sala 1/2” possuía uma área de 51 m<sup>2</sup>. Considerando que o grupo era constituído por dezassete crianças verifica-se o cumprimento do estipulado no Artigo 7.º da Portaria n.º

262/2011, de 31 de agosto de 2011, onde está determinado que “cada grupo funciona obrigatoriamente em sala própria, sendo a área mínima de 2m<sup>2</sup> por criança” (p. 4339).

O espaço da sala de atividades possuía quatro janelas, as quais ofereciam uma boa iluminação natural; não havia porta de acesso direto ao exterior.

A organização do espaço da Creche tinha em consideração as necessidades particulares da criança, de acordo com a idade e as respetivas características específicas, de forma a propiciar novas aprendizagens, conquistas e um sentimento de bem-estar. Dada a necessidade de exploração, o ambiente criado para estas crianças na sala de atividades era especificamente seguro, tranquilo, acolhedor e cuidado, favorecendo intensamente a estimulação sensorial e o brincar livre, contribuindo assim para o desenvolvimento da criança a todos os níveis, bem como para o seu crescimento. Nas palavras de Portugal (2012), a maneira como o espaço se encontra organizado deve “facilitar aprendizagens, criar desafios, provocar a curiosidade, potenciar a autonomia e relações interpessoais positivas” (p. 12).

A sala era bastante ampla e apresentava muito espaço livre com o propósito de as crianças se puderem movimentar e brincar livremente. O espaço proporcionava bem-estar a todos os intervenientes presentes, contribuindo para o desenvolvimento global das crianças, para a exploração e para o brincar livre, num ambiente tranquilo e afável.

O mobiliário e os materiais da sala consideravam-se adequados à faixa etária e às características do grupo. Existia um rádio, brinquedos adequados às crianças, tais como jogos, livros, carrinhos, “cavalinhos” (baloços), fraldários, estruturas (gavetas) onde eram guardados os bens das crianças de forma individualizada, entre outros. Existiam placares nas paredes onde eram expostos trabalhos realizados pelas crianças, mapas de atividades e avisos importantes para comunicar aos encarregados de educação.

O espaço encontrava-se dividido em seis áreas de interesse, sendo estas: a área do acolhimento, a área dos jogos, a área da garagem, a área da casinha, a área da pintura e a área da higiene.<sup>6</sup>

Na parte central da sala de atividades existiam quatro mesas retangulares e cadeiras, que eram utilizadas para a concretização de algumas atividades em grande grupo ou individuais, não sendo necessário desviar o mobiliário na hora da sesta. Esta era preparada pelas ajudantes de ação educativa que tapavam as janelas com as respetivas cortinas para evitar a entrada da luz e colocavam os catres à volta das mesas; estes continham um saco-cama e uma manta/lençol (que cada criança trazia de casa), o que tornava a hora da sesta mais tranquila e acolhedora. Algumas crianças tinham ainda outros objetos pessoais que usavam para adormecer (fraldas de pano, chupetas ou peluches).

---

<sup>6</sup> Por uma questão de extensão deste Relatório caracterizamos esta áreas no Anexo 4.

Durante o período de observação que realizámos houve a oportunidade de verificar que, de modo geral, as crianças brincavam em todas as áreas, sendo as mais solicitadas, a área da casinha e a área da garagem. É importante aludir que devido à situação pandémica provocada pelo COVID-19 foram retirados materiais e brinquedos da sala de atividades, por isso as mesmas encontravam-se mais vazias.

Salienta-se que na sala havia um armário onde estavam guardados diversos livros adequados à idade das crianças. Desta forma, estes não estavam ao dispor das crianças, sendo usados apenas pela educadora cooperante no momento da hora do conto, no período da manhã ou da tarde.

O mobiliário e os equipamentos existentes estavam em bom estado de conservação, de modo a garantir que as crianças estivessem em segurança, sendo adequados às características e faixa etária das mesmas, favorecendo a todo o grupo bem-estar, novas aprendizagens e desenvolvimento.

A organização do espaço educativo da sala de atividades foi pensada pela educadora cooperante tendo em consideração as idades e necessidades das crianças e como forma de obter sempre o máximo espaço para se poderem movimentar, pois como é referido na Portaria n.º 262/2011, de 31 de Agosto as salas de atividades devem ser “(...) organizadas de modo flexível e adequado às necessidades lúdicas das crianças (...)” (Anexo 4a).

Relativamente aos cuidados a ter na Creche em geral e na sala de atividades, evidenciamos o uso de sapatos próprios dentro da instituição, muda de roupa e uso de touca no interior do refeitório pelos adultos. Também quando as crianças chegavam, de manhã, ou quando iam embora, os adultos responsáveis por cada uma registavam a hora de entrada ou de saída e assinavam, bem como procediam à medição da temperatura em três momentos do dia, à chegada e saída da criança e na hora da sesta.

### **2.1.3 Caraterização do grupo de crianças da sala da Creche**

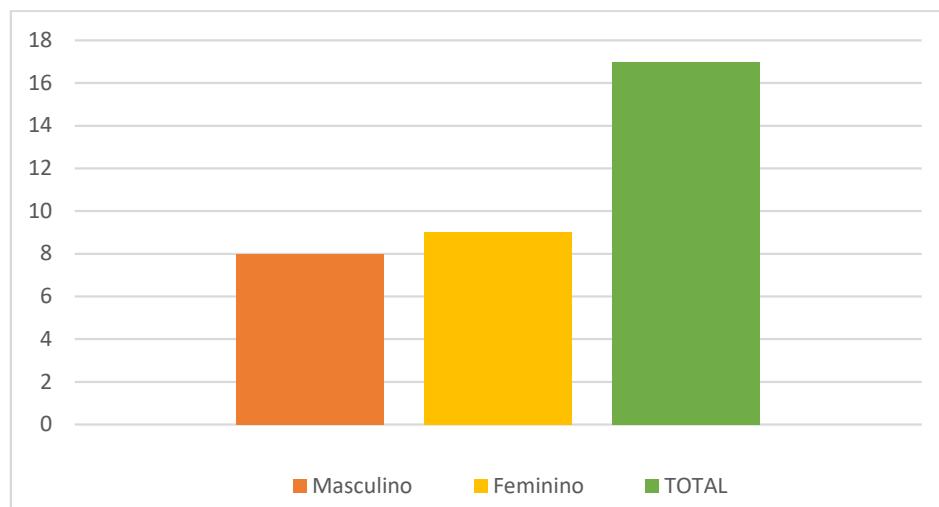
O grupo tinha como responsável uma educadora de infância acompanhada de duas assistentes operacionais, o que equivalia a um rácio adulto-criança de cinco crianças por adulto, sendo que um desses adultos se ausentou no resto do ano letivo por motivos pessoais. Ao integrar a equipa, passámos a ser três adultos presentes na sala.

O grupo integrava dezassete crianças com idades compreendidas entre um e dois anos de idade, pertencendo ao sexo masculino oito dessas crianças e as restantes nove ao sexo feminino, tal como mostra o gráfico seguinte:



## Gráfico 1

### *Dispersão das crianças por sexo (Creche)*



No que se refere desenvolvimento e competências, o grupo era heterogêneo visto que as crianças, ainda que na mesma faixa etária, apresentavam diferentes níveis de desenvolvimento no que diz respeito à linguagem e ao desenvolvimento motor. Uma criança apresentava necessidades educativas especiais, sendo acompanhada pela Equipa Local de Intervenção Precoce.

Relativamente à área da linguagem, quase todas as crianças já se conseguiam expressar oralmente conforme os padrões referidos para a respetiva idade, existindo quatro delas que ainda não se conseguiam expressar conforme esses mesmos padrões. Ambas não expressavam qualquer palavra, apenas emitiam sons. Neste sentido, quando as crianças tinham que escolher a área para a qual queriam ir brincar apontavam com gestos, uma vez que não conseguiam “expressar-se verbalmente” através da palavra.

Relativamente à socialização das crianças, estas estabeleciam relações com os pares, revelando interesse em interagir/estar umas com as outras, procurando comunicar entre si através de gestos, sons ou de pequenas palavras. Algumas vezes verificaram-se “pequenos conflitos”, sobretudo na partilha dos brinquedos em que algumas crianças expressavam com gestos o que se tinha passado, recorrendo aos adultos e manifestando, por vezes, o seu desagrado através do choro.

Durante este tempo em que permanecemos no contexto, foram inúmeras as relações de confiança que pudemos criar com cada criança, todas elas positivas, permitindo que as crianças se sentissem seguras, confiantes por saberem que tinham junto de si alguém que estava ali para si e para as ajudar no que precisassem.

De um modo geral, o grupo envolvia-se nos vários momentos que lhes eram proporcionados, sobretudo na hora do conto e quando a educadora cantava canções. Durante a realização das atividades, o grupo de crianças precisava ainda de algum auxílio.

Contudo, algumas já começavam a demonstrar alguma autonomia, na medida em que queriam fazer sozinhas algumas atividades, demonstrando satisfação, vontade e prazer pelas mesmas. Foi possível observar que já manifestavam alguma concentração e ficavam algum tempo não só na realização das tarefas, como também durante os vários momentos de brincadeira livre.

Durante o período em que permanecemos com o grupo a autonomia individual e a responsabilidade de cada criança cresceram dia após dia, verificando-se especialmente no momento das refeições, higiene e na arrumação dos brinquedos.

Na hora da alimentação a sua autonomia era notória, pois algumas crianças já comiam praticamente sozinhas, embora outras necessitassem do auxílio dos adultos. De acordo com Guzman (2015), citado por Coelho (2019), refere-se que a autonomia é “um processo que as crianças vão conquistando gradualmente, todos os dias, e não como uma meta a atingir num curto espaço de tempo” (p. 14).

No que toca à higiene, a maior parte das crianças ainda usava fralda durante todo o dia, apesar de já se encontrarem no desfralde, recorrendo ao bacio antes e após a hora da sesta. Apenas duas crianças já não usavam fralda durante o dia nem na hora da sesta. Era através dos momentos de higiene e na hora da alimentação que se tornava possível interagir mais com as crianças, possibilitando assim aprofundar, aos poucos, um vínculo afetivo com cada uma delas.

Os momentos de atividade, descanso, brincadeira, refeição ou higiene eram planeados, respeitando o ritmo individual de cada criança.

Nesta faixa etária a rotina diária do grupo centra-se nas necessidades das crianças e no seu bem-estar, como é o caso da higiene, descanso e alimentação. Na sala, as rotinas eram pensadas e realizadas tendo em consideração as características e o nível de desenvolvimento do grupo.

A rotina diária da sala desenvolvia-se segundo a seguinte estrutura:

**Tabela 1***Rotina pedagógica da Sala 1/2*

| <b>Horário</b> | <b>Atividades de Rotina</b>                     |
|----------------|-------------------------------------------------|
| 7h:45-9h:00    | Acolhimento coletivo                            |
| 9h:00-9h:30    | Acolhimento na sala de atividades               |
| 9h:30-10h:40   | Atividade orientada/Atividade livre/Brincadeira |
| 11:00h         | Almoço                                          |
| 11h:45         | Higiene                                         |
| 12h:00         | Repouso                                         |
| 14h:30         | Higiene                                         |
| 15h:00         | Lanche                                          |
| 15h:45         | Higiene                                         |
| 16h:00         | Atividade/ Brincadeira livre                    |
| 19:00          | Enceramento da Instituição                      |

Na Creche uma rotina de qualidade torna-se promotora do desenvolvimento das crianças, permitindo que desenvolvam relações afetivas, constituindo assim, momentos privilegiados de interação adulto/criança. Devido à repetição sistemática das rotinas, as crianças podem prever o que vai acontecer ao longo do seu dia, ajudando-as inclusivamente na construção progressiva do conceito de tempo. Neste sentido, é necessário estabelecer rotinas tranquilas e adequadas, o que permitirá à criança criar um sentimento de confiança e segurança.

Em síntese, era um grupo bastante afetuoso, bem-disposto, autónomo, curioso, alegre, recetível e sempre disposto para receber e dar afetos.

De acordo com a educadora cooperante, no que respeita à participação das famílias e atendendo à situação pandémica que atravessávamos, o contacto com as mesmas era simplesmente estabelecido através das redes sociais e o estritamente necessário.

## **2.2 Contexto de Jardim de Infância**

Seguidamente caracterizamos o contexto onde decorreu a Prática e Intervenção Supervisionada em Jardim de Infância (PISJI). Assim como na Creche os dados são resultado da observação e da utilização dos instrumentos de recolha adaptados do Manual DQP (Bertram & Pascal, 2009), nomeadamente: Ficha do Estabelecimento Educativo (Anexo 5); Ficha do Espaço Educativo da Sala de Atividades (Anexo 6); e Ficha do/a Educador/a de

Infância (Anexo 7); da consulta documental a instrumentos de trabalho facultados pela educadora cooperante sobre o respetivo grupo, bem como de informações obtidas em momentos de reflexão da ação.

### **2.2.1 Caraterização do estabelecimento educativo**

A PISJI realizou-se no ano letivo de 2021/2022 numa Instituição Pública do Ministério da Educação, que pertencia a um Agrupamento de Escolas da cidade de Portalegre, sendo que se encontrava a funcionar num edifício de construção de raiz integrado numa escola do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Este estabelecimento proporcionava atividades extracurriculares fora do horário letivo, dentro da componente de apoio à família através da associação de pais, como é o caso do Inglês, da Música, da Educação Física, da Dança e da Oficina de Teatro, com pagamento feito pelos encarregados de educação.

Devido à situação pandémica em que nos encontrávamos o contacto e/ou as reuniões com os pais/encarregados de educação eram realizadas através do telemóvel, do grupo do WhatsApp, das plataformas Classroom e Zoom, de forma a estabelecer um maior contacto e aproximação com as famílias. No que concerne à participação e envolvimento das famílias no processo educativo, segundo a educadora cooperante, estas participavam regularmente, nas festas alusivas a algumas temáticas, em reuniões e/ou atividades e projetos.

Foi-nos possível verificar que existia uma forte relação entre a educadora cooperante e as respetivas famílias, colaborando em conjunto para o bem-estar e felicidade das crianças, tendo em vista uma educação de qualidade.

O horário de funcionamento do estabelecimento era das 8:00 horas às 17 horas e 30 minutos, de segunda a sexta-feira, sendo a duração da componente letiva de cinco horas (de manhã funcionava das 9:00 horas às 12:00 horas e à tarde das 13:00 horas e 30 minutos às 15:00 horas e 30 minutos). A componente de apoio à família ou de apoio socioeducativo funcionava das 8:00 horas às 9:00 horas, das 12:00 horas às 13:30 horas e, à tarde, das 15:00 horas e 30 minutos às 17:00 horas e 30 minutos. Neste contexto, o horário de almoço do Jardim de Infância tinha início às 12:00 horas e terminava às 13:00 horas e 30 minutos, e este momento era assegurado pelas assistentes operacionais.

Estando incluídas nas instalações de uma escola de 1.º Ciclo do Ensino Básico, as salas do Jardim de Infância estavam localizadas num edifício à parte. O Jardim de Infância era composto por três salas de atividades, cada uma com lotação máxima de vinte e cinco crianças, por mais três salas de apoio e uma sala que se designa de Ginásio.

A cada sala correspondia um número e uma cor, bem como às respetivas casas de banho anexas a cada sala, as quais tinham três sanitas e três lavatórios adequados à faixa

etária das crianças para fazerem a sua higiene o mais autonomamente possível. Existia uma instalação sanitária para pessoal docente que estava adaptada também para pessoas portadoras de deficiência.

A ligação de todas as salas era feita por um corredor central onde se encontravam os cabides/ pequenos cacifes abertos para as crianças correspondentes a cada uma para colocarem os seus pertences.

O refeitório estava situado no edifício do Jardim de Infância. Era partilhado com os alunos do 1.º Ciclo, com mesas e cadeiras adaptadas às respetivas faixas etárias. Importa, ainda, salientar que as refeições eram preparadas neste estabelecimento.

Sempre que necessário o grupo e a/as educadora/s recorriam à biblioteca que funcionava no edifício do 1.º Ciclo e que servia simultaneamente para o Jardim de Infância e para a Escola do 1.º Ciclo. Também lá se encontrava a sala de professores/educadores.

A presente instituição estava equipada com rampas para facilitar o acesso a crianças com mobilidade reduzida. A maioria das instalações encontrava-se em bom estado de conservação e os equipamentos eram suficientes para o número de crianças existente.

Em relação ao espaço exterior, podemos considerar que era um espaço bastante vasto, que contemplava uma área descoberta e uma área coberta e ficava situado no piso superior do Jardim de Infância ao nível da Escola do 1.º Ciclo, com uma estrutura para trepar/escorregar/baloçar, na qual as crianças brincavam, bem como outros materiais (triciclos, bicicletas e trotinetes), que permitiam estimular a motricidade motora das crianças.

Existia ainda outro espaço exterior junto ao ginásio do Jardim de Infância, vedado por muros e gradeamentos, sendo que era composto por terra, árvores, canteiros de flores e várias áreas (parede sonora, parede de água e cozinha de lama, em que existiam ainda pás, baldes, e utensílios de cozinha), criadas pela educadora cooperante no ano transato com o auxílio das crianças e suas famílias. Este era um espaço utilizado frequentemente pelas crianças, oferecendo oportunidades para o seu brincar ao ar livre com a máxima segurança.

O espaço exterior era dinamizado/supervisionado pelas educadoras e/ou pelas assistentes operacionais.

No que concerne ao pessoal do Jardim de Infância, este era constituído por seis educadoras de Infância: três titulares de grupo e três de apoio educativo e cinco assistentes operacionais. O estabelecimento educativo possuía ainda pessoal de apoio, nomeadamente da Equipa Local de Intervenção Precoce, que é parceira para o planeamento e realização de algumas atividades e interlocutora acerca da problemática das crianças a quem presta apoio.

Os grupos de crianças, distribuídos pelas salas de atividades, eram organizados heterogeneamente no que se refere à variável idade e sexo das crianças.

### 2.2.2 Caraterização da sala de atividades

A sala de atividades onde realizámos a PISJI possuía uma área de 35m<sup>2</sup>. Existia bastante espaço, o que permitia às crianças que se movimentassem livremente.

A sala estava organizada por áreas pedagógicas diferenciadas, de forma a proporcionar às crianças uma melhor aprendizagem e desenvolvimento, sofrendo adaptações, tendo em conta a forma como foram reagindo, as necessidades que manifestaram, a evolução do grupo, os seus interesses e propostas. Como delineado nas OCEPE, “A progressão do desenvolvimento e da aprendizagem das crianças, ao longo do ano, levará à introdução de novos espaços e materiais, que sejam mais desafiadores e correspondam aos interesses que vão sendo manifestados” (Silva et al., 2016, p. 26).

Assim, na sala encontravam-se as seguintes áreas: área do acolhimento (tapete grande da garagem), área do desenho/grafismo, área do recorte e colagem, área da modelagem, área da pintura, área da casinha, área da garagem, área das construções, área dos jogos de mesa, área dos livros, área da escrita e área dos fantoches. A sala tinha ainda o espaço central com mesas de apoio.<sup>7</sup>

As diferentes áreas estavam etiquetadas e cada criança tinha o seu “boneco de identificação”, criado por elas no início do ano letivo. Após a área escolhida, cada criança levava o seu boneco e colocava-o na área correspondente, devendo respeitar o número de crianças que podiam estar nos diferentes espaços. Deste modo, desenvolviam as noções de quantidade.

No que respeita à organização do espaço referimos, ainda, que esta promovia uma maior autonomia das crianças no momento das suas escolhas, auxiliando a partilha entre os pares e estimulando a criatividade e a iniciativa, não esquecendo por sua vez o respeito da individualidade de cada uma.

Os diversos materiais disponíveis na sala de atividades encontravam-se ao alcance das crianças, eram variados, seguros, duráveis e permitiam estimular a criatividade e a iniciativa das crianças, atendendo às várias formas de expressão e desenvolvimento.

A sala de atividades possuía ainda placares e expositores, nos quais eram expostos os trabalhos das crianças, documentando os diferentes percursos de aprendizagens. À entrada da sala existia um cesto onde eram colocadas as suas garrafas de água, devidamente identificadas.

Relativamente à luminosidade, podemos afirmar que a sala dispunha de boa iluminação artificial e natural, uma vez que tinha uma grande janela. Em termos de arejamento tinha pouco, pois a sala só possuía três pequenas janelas basculantes junto ao teto que se

---

<sup>7</sup> No Anexo 8 integra-se a descrição destas áreas.

abriam. No que se refere ao aquecimento, a sala dispunha de um aparelho de ar condicionado.

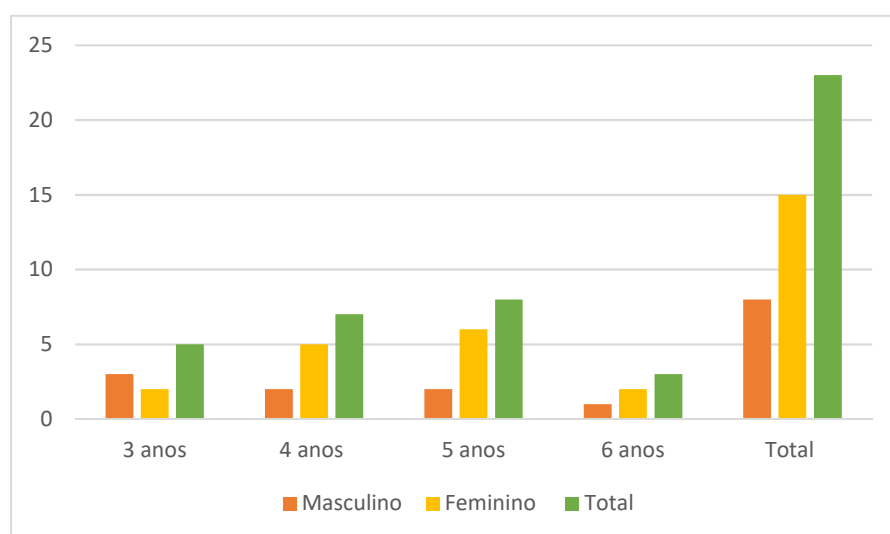
### 2.2.3 Caraterização do grupo de crianças

Eram responsáveis pelo grupo duas educadoras (a educadora cooperante e a educadora de apoio), acompanhadas por duas assistentes operacionais que, apesar de não estarem sempre presentes na sala, auxiliavam sempre que era necessário, ou seja, ajudavam as crianças a realizar algumas tarefas, apoiavam na hora do lanche e do almoço ou quando as educadoras as solicitavam. Era raro as duas assistentes operacionais estarem simultaneamente na sala de atividades e, portanto, o rácio adulto-criança era de aproximadamente oito crianças por adulto. Tinham ainda o apoio especializado de uma terapeuta da fala e ocupacional, de uma psicóloga e de uma professora do ensino especial que, no âmbito da Equipa Local de Intervenção Precoce, apoiavam as crianças com necessidades educativas especiais.

O grupo era constituído por vinte e três crianças, quinze do sexo feminino e oito do sexo masculino. De salientar que catorze crianças já frequentavam o Jardim de Infância no ano transato e nove eram novas no grupo, entre as quais, cinco com três anos, três com quatro anos e uma com cinco anos. O Gráfico n.º 2 representa a dispersão de crianças por idade e sexo.

#### Gráfico 2

*Dispersão das crianças por idade e sexo (Pré-Escolar)*



Conforme se pode visualizar no gráfico, o grupo era heterogêneo em idade e sexo. Era composto por crianças de diferentes faixas etárias entre os 3 e os 6 anos de idade. Segundo as OCEPE, “a existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças” (Silva et al., 2016, p. 24).

Em geral, podemos constatar que as crianças aceitavam, respeitavam e cumpriam as regras estabelecidas pelos adultos, dentro e fora da sala de atividades.

Era um grupo muito assíduo, pontual, autónomo, participativo, alegre, curioso, dinâmico e expansivo. O grupo, na sua maioria, apresentava ainda um nível alto de bem-estar, autoestima e independência pessoal. Durante as refeições e a sua higiene, as crianças mais novas ainda necessitavam de ajuda, estando por isso adultos disponíveis para tal. Porém, a maioria das crianças já mostrava bastante independência, pelo que não precisava de ajuda para comer, ir buscar as lancheiras e fazer a sua higiene.

As atividades pelas quais as crianças demonstravam maior interesse eram principalmente: ouvir histórias<sup>8</sup>, cantar canções, brincar na área da casinha, na área dos fantoches, nos jogos de construção e sempre que possível brincar no espaço exterior, na terra com vários materiais não estruturados e objetos disponibilizados pela educadora cooperante. Ao observar as brincadeiras das crianças neste espaço foi perceptível a sua imaginação e criatividade, visto que criavam brincadeiras com qualquer material/objetos.

Ao longo PISJI verificámos muita entreajuda entre as crianças, ou seja, as mais velhas ajudavam as mais novas em algumas tarefas/atividades, assim como nas suas necessidades. Importa ainda acrescentar que este aspeto favoreceu em parte, a autonomia individual de cada criança. Deste modo, demos seguimento ao trabalho desenvolvido pelas educadoras, proporcionando momentos de interação e cooperação entre o grupo e entre o mesmo com os adultos, de forma a contribuir para uma aprendizagem colaborativa.

Eram estabelecidas interações entre as crianças e entre estas e os adultos, procurando o contacto sempre que precisavam. No que respeita à relação criança-criança, e do que foi possível constatar, estas interagiam bastante umas com as outras, conversavam, partilhavam materiais/objetos e gostavam de brincar em conjunto, sendo que, por vezes, surgiam conflitos entre as crianças e que nem sempre conseguiam resolver sozinhas e, como tal, era necessário a intervenção de um adulto.

De um modo geral era um grupo que demonstrava sempre muito interesse e curiosidade em conhecer, descobrir e explorar o mundo à sua volta, demonstrando sempre muita vontade e desejo em aprender através da brincadeira, sobretudo no espaço exterior,

---

<sup>8</sup> Rotina que, desde o início do ano letivo, a educadora cooperante incluiu no dia a dia das crianças dentro da sala de atividades ou até mesmo no espaço exterior



ao ar livre. Deste modo, observámos que as crianças gostavam de atividades que envolvessem o contacto direto com a Natureza, e como tal, o espaço exterior era o ideal para esse fim.

Eram muitos os momentos em que as crianças estavam reunidas em grande grupo, existindo sempre abertura, espaço e tempo para diálogos entre as crianças e entre crianças e adultos. As crianças gostavam muito de partilhar o que era significativo para cada uma, contar acontecimentos importantes, transmitir e expressar ideias e sentimentos, sendo por isso muito utilizada a linguagem oral. Neste sentido, consideramos que estes momentos eram fundamentais na rotina do grupo, visto que as crianças se sentiam ouvidas e valorizadas. Todavia, algumas crianças do grupo não eram tão comunicativas, interagindo apenas quando questionadas diretamente.

A maior parte das crianças, sobretudo as mais velhas, já conhecia os dias da semana, os dias do mês e a estação do ano em que se encontravam. Já sabiam também fazer contagens, identificar as cores e números e algumas já tinham adquirido a noção de quantidade. Além disso, demonstravam uma enorme curiosidade natural em explorar objetos e materiais e sentiam-se responsáveis pelos seres vivos (plantas), cuidando delas no espaço exterior, no qual permaneciam grande parte dos dias.

O dia-a-dia desta sala de atividades encontrava-se organizado através de rotinas, estruturadas e pensadas de forma a promover o bem-estar e uma maior autonomia das crianças, contribuindo para as suas aprendizagens significativas, desenvolvimento harmonioso das crianças, conferindo-lhes responsabilidades e estabilidade emocional. A tabela seguinte identifica essas rotinas.

**Tabela 2***Rotina pedagógica da sala Jardim de Infância*

| <b>Horário</b> | <b>Atividades de Rotina</b>                                                      |
|----------------|----------------------------------------------------------------------------------|
| 08:00h-09:00h  | Acolhimento Inicial                                                              |
| 09:00h-10:00h  | Acolhimento (Realização das tarefas- marcação de presenças e do estado do tempo) |
| 10:00h-10:20h  | Atividade Orientada ou Brincadeira Livre                                         |
| 10:20h-10:30h  | Higiene                                                                          |
| 10:30h-11:00h  | Lanche                                                                           |
| 11:00h- 11:50h | Atividade Orientada ou Brincadeira Livre                                         |
| 11:50h-12:00h  | Higiene                                                                          |
| 12:00-13:30h   | Almoço                                                                           |
| 13:30h-15:20h  | Atividade Orientada ou Brincadeira Livre                                         |
| 15:20h-15:30h  | Higiene                                                                          |
| 15:30h-16:00h  | Lanche                                                                           |
| 16:00h-17:30h  | Brincadeira livre ou atividades extracurriculares                                |

Nas várias atividades de rotina havia o auxílio do “responsável” do dia. Este cargo era concedido consoante a ordem das crianças no quadro das presenças. Ao “responsável” competia chamar as crianças para marcar as presenças, marcar no calendário o dia do mês, da semana (ontem, hoje e amanhã), o tempo e ajudar sempre que fosse solicitado ao longo do dia.

### **3. Ação em Contexto**

#### **3.1 Análise e descrição das atividades incluídas no projeto de intervenção para a Creche**

No âmbito do projeto de IA desenvolvemos várias atividades em que o objetivo principal era possibilitar às crianças o contacto com diversas texturas, sensações, permitindo a descoberta e a exploração. Dada a faixa etária das crianças as grandes descobertas são realizadas através dos sentidos, cabendo assim ao/a educador/a proporcionar às crianças oportunidades de aprendizagem, bem como experiências únicas e prazerosas. As aprendizagens das crianças concretizam-se através do brincar, daí este ser considerado um assunto sério na educação de infância, porque é através do brincar que a criança aprende a ser, a estar com os outros, a fazer e a aprender. É também através do momento da brincadeira que a criança se entrega e, por isso, revela-nos o seu verdadeiro “eu”, bem como as suas dificuldades, frustrações, alegrias e desejos. Como afirma Neto (2020), “o brincar livre não se ensina: vive-se, experimenta-se e descobre-se em qualquer contexto e em qualquer momento” (p. 23).

Após o período de observação, de registos e análise do contexto educativo, a ação foi organizada de acordo com as informações recolhidas através dos instrumentos de recolha de dados, os objetivos definidos para o projeto e também através de diálogos informais com a educadora cooperante.

Nesse sentido, foram planeadas e desenvolvidas oportunidades de aprendizagem e brincadeira livre que possibilitaram criar estímulos sensoriais, permitindo às crianças explorar e manipular diversos materiais/objetos novos e desconhecidos, de modo a construir e desconstruir ideias, levando ao seu desenvolvimento e aprendizagem. No âmbito do nosso projeto de IA, na intervenção pedagógica em Creche, foram seguidas as linhas de orientação pedagógica de Elinor Goldschmied e de Sonia Jackson<sup>9</sup>, bem como as linhas de orientação de Bilton et al (2017), de Neto (2020) e de Hanscom (2018).

Foi também destacada a importância do desenvolvimento das competências pessoais, sociais e comunicacionais e o desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório de todas as crianças, uma vez que o planeamento e desenvolvimento das oportunidades de aprendizagem realizadas em Creche também teve em consideração as finalidades educativas subscritas por Carvalho e Portugal (2017), nomeadamente:

- o desenvolvimento de um sentido de segurança e autoestima positiva;
- o desenvolvimento da curiosidade e ímpeto exploratório;

---

<sup>9</sup> defensoras de que é importante proporcionar às crianças experiências sensoriais, ricas e prazerosas, baseadas na exploração e descoberta.

- e a construção da competência social e comunicacional.

O nosso interesse focou-se nas crianças de forma que desenvolvessem a sua curiosidade e a sua capacidade exploratória, através do contacto e manipulação de materiais muito diversificados, deixando que os explorassem de livre e espontânea vontade, ao seu próprio ritmo e na sua individualidade.

Nesse sentido, durante a PISC, realizámos com o grupo um conjunto alargado de atividades, mas neste Relatório apenas se destacamos as que mais se associam à temática em destaque.

Modo geral, foi necessário adaptar as atividades às necessidades e características do grupo de crianças e respeitar as rotinas estabelecidas na sala onde se tinha iniciado o estágio. Todos os dias se iniciaram com a canção do “Bom dia” e a respetiva marcação de presenças, uma vez que era uma rotina implementada pela educadora cooperante.

Seguidamente apresentamos as oportunidades de aprendizagens selecionadas e que foram planeadas e desenvolvidas no espaço exterior da própria Instituição onde se realizou a PISC.

### **Atividade 1- “Cesto dos tesouros tendo como inspiração Elinor Goldschmied e Sonia Jackson” (2 de junho de 2021)**

**Objetivos de desenvolvimento/aprendizagem:** interagir com os outros; desenvolver a linguagem; contactar com diferentes tipos de materiais e texturas; usar os vários sentidos; ser criativo; usar a imaginação; ser autónomo; cooperar com os pares; realizar novas descobertas; brincar.

**Recursos:** dois cestos; objetos naturais (conchas, rolhas de cortiça); objetos de materiais naturais (bola de fios de lã, pequena escova para sapatos, pincel de pintura); objetos de madeira (colher de pau, rodela de madeira com vários tamanhos e espessuras, argolas de madeira); objetos de metal (colheres de vários tamanhos, coador, forminhas, latas fechada, latas com as bordas lixadas (sem partes afiadas), pequeno funil, molho de chaves, tampas para latas (vários tipos); objetos de couro e têxtil (bola de tênis, saquinhos de *organza* contendo lavanda, alecrim, hortelã, fitas de cetim, pedaços de tecido, lenços coloridos) e cilindros de papelão (rolos de cozinha e de papel higiénico).

A atividade consistiu na exploração do cesto dos tesouros ao ar livre e tinha como intencionalidade a exploração das cores, das texturas e sons, bem como a exploração e descoberta de novos objetos/materiais. A exploração do cesto foi feita em pequenos grupos de oito crianças, de modo a que fosse possível dar uma atenção mais individualizada a cada criança/grupo e a supervisão se tornasse mais facilitadora. Cada cesto tinha os mesmos objetos para explorar; eram cestos de palha, sem alças, sem planos e estáveis, para que as crianças se pudessem apoiar neles sem correr qualquer risco.

Tal como afirma Goldschmied e Jackson (2000), citados em Oliveira-Formosinho e Araújo (2013), o cesto dos tesouros sustenta a “necessidade de materiais naturais, com

elevado grau de apelo sensorial e capazes de produzir múltiplas experiências sensoriais, que constituem estímulos importantes, nesta idade, do ponto de vista neural” (p. 22).

### Figura 1

*Observação e exploração dos objetos/materiais presentes no cesto dos tesouros*



Importa, salientar que tivemos a preocupação e o cuidado de possibilitar materiais com o tamanho adequado para prevenir que as crianças os engolissem, de os lavar e desinfetar devidamente antes de os colocarmos no cesto e que não teriam partes pontiagudas para evitar que se pudessem magoar. Mesmo com esta preocupação, durante a atividade foi adotada uma postura atenta e observadora. Mantivemo-nos no campo de visão das crianças, estando totalmente disponíveis para elas, para que se sentissem seguras durante o momento da exploração. Adotámos uma postura não interventiva, de forma a registar as interações que as crianças estabeleciam umas com as outras, as reações e comportamentos de cada criança e a maneira como manipulavam os vários objetos/materiais, fazendo o registo, recorrendo a notas de campo e fotografias. No decorrer da atividade as crianças brincaram com os vários objetos/materiais disponibilizados pela educadora estagiária (Ed. E).

**Figura 2**

*As explorações/descobertas realizadas pelas crianças*



- ❖ Os lenços coloridos serviram para brincar ao “cu, cu” e para verem tudo de cores diferentes;
- ❖ As penas faziam cócegas;
- ❖ Bateram com os vários materiais uns nos outros para ouvirem o som que estes faziam;
- ❖ As pinhas serviam de bolas;
- ❖ Com as argolas de madeira fizeram enfiamentos no rolo da massa.

(Nota de campo da estagiária, 2 de junho de 2021)

De acordo com Majem (2010) através do cesto dos tesouros as crianças aprendem por si mesmas. Quanto ao adulto, este transmite-lhes segurança e confiança, com a sua atenção e presença.

Verificámos que a aprendizagem através das explorações sensoriais permitiu a descoberta, a exploração e, consequentemente, a construção de conhecimento. Durante o momento da atividade o ambiente criado pelas crianças foi bastante positivo, pois tivemos a oportunidade de observar as várias formas que as crianças utilizaram para manipular os materiais/objetos disponibilizados, bem como as interações que estabeleceram com cada um deles, com o espaço e com os materiais. Nesse sentido, respeitámos o tempo de exploração de cada criança e, por isso, a atividade terminou quando cada uma assim o desejou ou quando chegou a hora de dar continuidade às rotinas implementadas na sala.

Observámos muitas interações entre as crianças e entre estas e os objetos/materiais do cesto dos tesouros o que, na senda de Marchão (2010), é fundamental “para que o processo de desenvolvimento global e de aprendizagem se promova de forma a permitir a ancoragem das sequências futuras da vida da criança” (p. 113).



Foi notória a grande exploração realizada pelas crianças, tal como se verifica na Figura 2, e a utilidade que estas deram aos objetos/materiais por sua iniciativa, visto que sozinhas exploraram, descobriram e, ao mesmo tempo, desenvolveram novas aprendizagens sem que lhes fossem impostas quaisquer formas de usar os objetos que tinham ao seu dispor. O cesto dos tesouros é uma das melhores propostas que podemos proporcionar a crianças destas idades, dado que elas aprendem através dos seus sentidos.

## **Atividade 2 – “Brincar ao ar livre com caixas de cartão e leitura do livro A Caixa, de Min Flyte” (15 de junho de 2021)**

**Objetivos de desenvolvimento/aprendizagem:** usufruir de um espaço e tempo para brincar; desfrutar de um ambiente promotor de exploração motora; explorar as várias caixas de cartão de forma livre; usar a audição; compreender e explorar a história “A Caixa”; usar a imaginação e a criatividade; contactar com diferentes texturas; exercitar a coordenação motora; explorar o material disponível no espaço exterior envolvente e fazer novas descobertas; interagir com os outros.

**Recursos:** caixas de cartão vazias de vários tamanhos e formatos; o livro A caixa, de Min Flyte e paus de giz grosso colorido.

A presente atividade tinha como intencionalidade permitir às crianças a exploração e descoberta livre das várias caixas de cartão dispersas pelo espaço exterior da Instituição (antecipadamente organizado), de forma a proporcionar-lhes tempo para criarem as suas próprias brincadeiras, usando assim a sua imaginação e criatividade e interagindo uns com os outros.

### **Figura 3**

*Espaço exterior organizado para a exploração livre das caixas de cartão*





**Figura 4**

*Exploração livre e interação entre pares*



Após este momento rico e de grande exploração, seguiu-se a audição e exploração da história “A Caixa”, de Min Flyte. O livro foi colocado dentro de uma das caixas de cartão pela educadora estagiária (Ed. E) com o intuito de deixar que fossem as crianças a encontrar o livro escondido, de forma a criarmos um certo suspense.

**Figura 5**

*Descoberta do livro “A Caixa”, de Min Flyte*





Para tornar este momento da hora do conto ainda mais prazeroso e criativo, solicitamos às crianças que se sentassem dentro de uma das caixas de cartão dispersas pelo espaço envolvente para a audição da história, procedendo à leitura da mesma, de forma muito expressiva e com muita entoação. Esta história falava de quatro amigos que tinham ido visitar um sótão e decidiram brincar com vários brinquedos que se encontravam no interior de algumas caixas de cartão. Estes amigos aperceberam-se de que podiam dar às caixas várias funcionalidades e por isso decidiram fazer com elas diversos brinquedos, dando assim asas à sua imaginação e criatividade.

Durante a leitura da história as crianças estiveram bastante atentas e muito recetivas, pois iam participando, existindo momentos de surpresa e gargalhadas. Tendo em conta as suas reações, pensamos que gostaram da história, pois era muito dinâmica. De acordo com Marchão (2012) “a leitura da história possibilitou um momento de envolvimento e de ‘magia’, mergulhando a sala [o grupo] num ambiente misto de calma e entusiasmo” (p. 266).

**Figura 6**

*Leitura e audição da história "A Caixa"*



Depois da leitura da história, as crianças quiseram continuar a usufruir do espaço exterior e a explorarem livremente as várias caixas de cartão, embora também usassem os paus de giz grosso que antes tínhamos colocado junto das mesmas. Foi um momento bastante rico e prazeroso para as crianças, visto que era algo de novo com o qual nunca tinha estado em contacto, o que fez despertar um enorme interesse e vontade de experimentar, tal como é possível observar na **Figura 7**.

**Figura 7**

*Caixas de cartão pintadas com giz*



- ❖ As caixas de cartão foram usadas como barcos, carros, casinhas...
- ❖ As crianças esconderam-se dentro das caixas;
- ❖ Pintaram as suas próprias construções;
- ❖ Dentro das caixas, as crianças quiseram cantar canções e ouviram a história.

(Nota de campo da estagiária, 15 de junho de 2021)

No decorrer da atividade adotámos uma postura de observador atento e reflexivo, intervindo apenas para estimular a imaginação das crianças e para participar em algumas brincadeiras quando considerámos necessário, com base na nossa intenção pedagógica, ou quando as crianças manifestaram essa vontade. Como ressalta Bitencourt et al. (2018) “durante as sessões, o adulto assume o papel de observador e, se necessário, de facilitador para dar continuidade às investidas das crianças” (p. 96).

Neste sentido, e observando a atitude do grupo, foi possível verificar que as crianças se envolveram e implicaram bastante nos vários momentos da atividade desenvolvida ao ar livre, participando na mesma de forma ativa e interessada. Neste sentido, observámos que as crianças interagiram muito umas com as outras, revelando vontade de brincar em conjunto. Dada a conceção que temos da criança direccionámos o foco para os interesses do grupo, oferecendo às crianças as melhores oportunidades para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Refletindo sobre a oportunidade de aprendizagem desenvolvida, podemos afirmar que foi bem conseguida, por todo o envolvimento e entusiasmo das crianças. Consideramos muito importante que as crianças descubram, de forma autónoma, as potencialidades dos materiais de fim aberto e que criem as suas próprias brincadeiras, o que foi acontecendo ao longo da

atividade. Torna-se, assim, cada mais importante estimular a imaginação e a criatividade das crianças, proporcionando-lhes este tipo de atividades, visto que através das mesmas as crianças se podem expressar.

O feedback do grupo foi bastante positivo no que diz respeito à atividade desenvolvida, visto que algumas das crianças manifestaram interesse para brincar novamente com as caixas de cartão no espaço exterior. Este local tornou-se mágico, encantador e o mais apetecível para momentos de brincadeira, descoberta e exploração ao ar livre, passando as manhãs a desfrutar da Natureza.

### **Atividade 3 – “Cozinhando com terra” (29 e 30 de junho de 2021)**

**Objetivos de desenvolvimento/aprendizagem:** desenvolver diversas formas de interação social e de contacto; explorar materiais naturais e utensílios do dia a dia; desenvolver capacidades adaptativas (motora, cognitiva, emocional e social); explorar livremente o espaço exterior; desenvolver competências linguísticas; usar os sentidos; ser criativo; brincar ao ar livre.

**Recursos:** cozinha de madeira; materiais da natureza (terra, areia, água, folhas, pedras pequenas e pinhas) e objetos do quotidiano (utensílios da cozinha, utensílios de madeira, cestos, alguidares, latas de metal, caixas de cartão, caixas de ovos, entre outros).

Nos dias 29 e 30 de junho, como forma de terminarmos o nosso projeto de investigação-ação, no contexto de Creche, decidimos proporcionar às crianças mais momentos de brincadeira ao ar livre através de uma atividade de brincar ao faz de conta.

As crianças tiveram a oportunidade de explorar livremente vários objetos/materiais. Foi-lhes dado tempo e espaço, permitindo desenvolver a imaginação e criatividade para realizar as brincadeiras. Tendo em consideração a perspetiva de Silva e Sarmento (2017) refere-se que é através da brincadeira que as crianças crescem, descobrem o mundo e ao mesmo tempo, se revelam a si mesmas, por isso, os momentos de brincadeira são considerados poderosos mediadores de socialização.

O espaço exterior foi preparado previamente para o decorrer da atividade, com o intuito de oferecer um ambiente enriquecedor, de forma a que as crianças realizassem as suas próprias explorações e descobertas. No espaço foi colocada uma cozinha de madeira, (recurso da educadora estagiária), assim como os vários utensílios que a constituem sendo que uns se encontravam pendurados na mesma e outros colocados sobre a “mesa”, feita com caixas de cartão, enquanto outros se encontravam dentro de caixas de cartão e plástico ou cestos, de forma a possibilitar às crianças momentos de grandes explorações.



**Figura 8**

*Espaço exterior previamente organizado para a atividade*



A atividade da “Cozinha de terra” foi uma das atividades que mais envolveu e deslumbrou as crianças e da qual estas mais gostaram, despertando o seu interesse e curiosidade, pelo facto de o espaço exterior estar organizado e preparado com materiais/objetos que fazem parte do quotidiano das crianças e com os quais estas puderam brincar, realizando várias explorações, descobertas e brincadeiras.

**Figura 9**

*Momentos de interação e exploração livre na cozinha de terra*



Esta atividade possibilitou à criança desenvolver os vários sentidos, sobretudo através do cheiro, da cor, das sensações da terra molhada, que as crianças tiveram a oportunidade



de amassar, mexer, encher e esvaziar recipientes para com ela fazerem “deliciosos bolos, sopas, papas...”

**Figura 10**

*Fazer bolos de aniversário e lavar a loiça*



- ❖ Com a terra as crianças fizeram bolos para cantarem os parabéns;
- ❖ Prepararam o “nosso” almoço, fazendo sopas;
- ❖ Lavaram a loiça;
- ❖ Colocaram os bolinhos no forno para depois comerem;

(Notas de campo da estagiária, 29 e 30 de junho de 2021)

**Figura 11**

*A preparação do almoço na cozinha de terra*



Com esta oportunidade de aprendizagem, as crianças brincaram ao “faz de conta”, que é, segundo as OCEPE, uma atividade natural da criança, que se inicia desde cedo, e

em que, através do seu corpo, esta recria experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utiliza de uma forma livre objetos, atribuindo-lhes múltiplos significados (Silva et al., 2016). Foram inúmeras as brincadeiras criadas pelas crianças tendo em conta o espaço organizado e a diversidade de objetos/materiais que tinham ao seu dispor. Foi, por isso, importante “a criação de um ambiente educativo em que a criança dispõe de materiais diversificados que estimulam os seus interesses” (Silva et al., 2016, p. 12).

## Figura 12

### *Momentos de muita brincadeira ao ar livre*



O espaço destinado para a atividade foi uma boa opção pois, se envolvia terra, água, areia e outros elementos da natureza, nada melhor do que o fazer ao ar livre. Neste lugar, a atividade tornou-se mais dinâmica e rica, porque tinha o espaço necessário para circular e explorar livremente os objetos/materiais, não ficando os seus movimentos condicionados. Tal como afirma Mitchell e Popham (2008), referidos por Bilton et al. (2017), “o contacto com o meio natural apresenta efeitos positivos para a saúde, potenciando sentimentos de bem-estar, concentração e felicidade” (p. 31).

Durante este momento de grande exploração, descoberta e brincadeira, adotámos uma postura de observador atento, verificando o modo como as crianças utilizavam os materiais, o seu interesse e que brincadeiras criavam, não interferindo, e dando-lhes tempo e espaço para desfrutarem de momentos únicos e só seus.

Salienta-se que, no decorrer da atividade no espaço exterior, se observou uma redução de conflitos entre as crianças; pensamos que esta situação está relacionada com a dimensão do espaço, a multiplicidade de materiais disponíveis, a existência de mais desafios que promoveram a cooperação e a partilha entre crianças, bem como a maior regularidade nas idas ao exterior. Nesse sentido, as crianças foram ganhando mais confiança e autonomia



no espaço, encarando os desafios propostos com entusiasmo e motivação. Pudemos observar ainda a intensidade do envolvimento das crianças e o quanto estavam felizes e satisfeitas, não presenciando por isso a existência de muitos conflitos. Como evidenciam Goldschmied e Jackson (2006), “as crianças absorvidas por suas próprias descobertas não entram em conflito com outras no grupo, em grande parte porque há tantos materiais disponíveis que elas não precisam compartilhar nada” (p. 151).

Na nossa perspectiva, consideramos crucial oferecer oportunidades para que as crianças possam criar experiências geradoras de interesse e facilitadoras de uma ligação com o meio natural, valorizando sobretudo o espaço exterior de forma a proporcionar-lhes momentos de brincadeira ao ar livre, partindo de elementos que a natureza nos dá, bem como objetos/materiais não estruturados e do cotidiano.

No final, as crianças referiram que queriam voltar a brincar na rua com a cozinha, o que leva a crer que esta foi uma atividade do seu agrado. Neste sentido, e nas palavras de Bilton et al. (2017), “o brincar é reconhecido como atividade inata e valiosa na infância, através da qual as crianças adquirem, mobilizam e expandem conhecimentos e capacidades, atribuindo sentido ao mundo que as rodeia” (p. 6).

### **Figura 13**

*Brincar, explorar e descobrir ao ar livre... as vivências da Infância, tornam-se lembranças no futuro*



Refletindo sobre as atividades que proporcionámos, concluímos que concedemos às crianças tempo e espaço para participar, explorar e fazer novas descobertas. Deste modo, em que o brincar foi devidamente intencionalizado, o desenvolvimento e a aprendizagem ocorreram de forma inata e prazerosa. No que respeita à interação e cooperação entre as crianças esta foi bastante visível, bem como a sua imaginação e criatividade.

Foi constante a interação com as crianças e entre as crianças. Ao observarmos o envolvimento e o interesse do grupo durante a realização das atividades confirmamos a sua adequação ao grupo e afirmamos que, desta forma, contribuímos para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças através do contacto com o exterior e com a diversidade de materiais e recursos que aí se encontravam.

Cabe ao/à educador/a respeitar o tempo de exploração que cada criança necessita, por isso, estávamos conscientes de que estando perante um grupo de crianças com idade compreendidas entre um e dois anos, cada uma necessitava do seu tempo, espaço e ritmo. No entanto, procuramos desde sempre aceitar esse mesmo ritmo, interesses e individualidades de cada uma.

De modo geral, importa referir que no início existiu algum receio, pois por um lado era um grupo grande e por outro nunca sentimos grande apoio por parte da educadora cooperante, pelo contrário, algumas vezes desvalorizou o trabalho realizado com o grupo de crianças e a capacidade de gestão do mesmo pela educadora estagiária. Com o passar do tempo, e com as idas regulares para o exterior, esses receios foram ultrapassados, sendo bastante gratificante observar a alegria, o entusiasmo, a vontade para explorar e descobrir o mundo que nos rodeia, vivenciando-o “fora de portas”, num espaço exterior que promove brincadeiras ricas, promotoras de elevados níveis de bem-estar e implicação.

### **3.2 Análise e reflexão das atividades desenvolvidas em Jardim de Infância**

Ao longo do nosso trajeto em contexto de Jardim de Infância foram várias as oportunidades de aprendizagem que implementámos relacionadas com a temática deste Relatório, proporcionando às crianças momentos de criação, brincadeira e exploração livre, quer em contexto de sala de atividades, quer no espaço exterior, sendo que daremos mais realce às oportunidades realizadas ao ar livre. O objetivo era, essencialmente, ter em consideração as ações inatas das crianças, potencializando-as simultaneamente, e oferecer oportunidades para contactarem com o meio natural e desfrutarem deste para criarem as suas brincadeiras e aprendizagens.

Tal como sucedeu na PISC, também neste contexto organizámos a nossa prática, tendo em conta o projeto pedagógico implementado pela educadora cooperante titular de



sala, os objetivos definidos no nosso projeto, as necessidades e características do grupo, bem como a forma como o espaço estava organizado.

Na PISJI foi nossa intenção aproveitar/reutilizar materiais, pensados e escolhidos com rigor e com base na nossa intenção pedagógica, de forma a promover o desenvolvimento da concentração, criatividade e imaginação das crianças. Concomitantemente, as oportunidades de aprendizagem que criamos contribuíram para a formação pessoal e social, privilegiando assim a cooperação entre as crianças e despertando a sua autonomia e a sua vontade de descobrir. Nesse sentido, com as atividades desenvolvidas, as crianças aprenderam de forma natural, através da experimentação e das interações que estabeleceram umas com as outras, bem como através dos vários materiais diversificados que tinham à sua disposição.

Estas oportunidades de aprendizagem basearam-se nos Princípios e Fundamentos Educativos referidos nas OCEPE, nomeadamente: 1) o desenvolvimento e a aprendizagem como vertentes indissociáveis no processo de evolução da criança; 2) o reconhecimento da criança como sujeito e agente do processo educativo; 3) a exigência de resposta a todas as crianças; 4) a construção articulada do saber (Silva et al., 2016).

Em seguida evidenciamos as oportunidades de aprendizagem desenvolvidas no âmbito da temática do presente Relatório em contexto de Jardim de Infância, especialmente: Pintura Sensorial com pincéis feitos com elementos da Natureza; Olhares sobre o espaço exterior; Construir uma maquete alusiva ao espaço exterior; (Re)construir um espaço exterior com qualidade.

### **Atividade 1 – “Pintura Sensorial com pincéis feitos com elementos da Natureza” (29 de novembro de 2021)**

**Objetivos de desenvolvimento/aprendizagem:** descobrir as texturas dos materiais; explorar os diferentes materiais pela descoberta - tocar, sentir, olhar e conhecer; construir pincéis sensoriais utilizando elementos da Natureza; desenvolver os sentidos, através da experimentação; criar as próprias tintas; exprimir a sua personalidade e singularidade, desenvolvendo a curiosidade e imaginação, através do brincar; alargar as suas experiências, de modo a desenvolver a imaginação e as suas possibilidades de criação; usufruir de um ambiente promotor de exploração sensorial; contribuir para uma pintura coletiva; participar num diálogo em grande grupo sobre os pincéis construídos e a pintura criada.

**Recursos:** papel de cenário; elementos da natureza para a construção dos “pincéis” sensoriais (galhos e folhas variadas de árvores); elásticos para prender as folhas ao galho; “tintas” feitas com especiarias (canela, açafrão, pimentão doce, cominhos, pimenta preta, gengibre em pó, entre outras), borras de café moído e chocolate em pó; frascos de vidro para colocar as várias tintas; rodela de madeira.

No dia 29 de novembro, como forma de iniciar o nosso projeto de investigação-ação no Jardim de Infância, decidimos propor às crianças a realização de uma pintura coletiva com pincéis criativos feitos por elas, utilizando elementos da Natureza. O objetivo era possibilitar

o contacto com materiais heurísticos, de forma a levá-las a compreender outra forma de dar utilidade a este tipo de materiais.

A atividade decorreu no período da tarde, com intenção de oferecer às crianças um momento de expressão e criação livre, alargando o espaço da sala de atividades para o exterior, por considerarmos uma estratégia benéfica para as aprendizagens das crianças, permitindo uma maior liberdade e contacto direto com a natureza.

Visto que as crianças usufruem do espaço exterior na hora após o almoço para desenvolvermos esta oportunidade de aprendizagem, o grupo permaneceu no mesmo, onde se desenvolveu a atividade.

Optámos por dividir as crianças em pequenos grupos de quatro crianças cada, de forma a dar uma atenção mais individualizada a cada uma delas, visto que era necessário prestar alguma ajuda na construção dos pincéis sensoriais, bem como na utilização das tintas durante a pintura. Esta forma organizativa possibilitou estarmos mais disponíveis para as crianças que estavam connosco. Enquanto cada grupo realizava a atividade, as restantes crianças encontravam-se a brincar pelo espaço exterior com os vários materiais disponíveis no mesmo, aguardando assim a sua vez para a realização da exploração e pintura sensorial.

Primeiramente, as crianças fizeram a exploração livre de diversos elementos da Natureza muito diversificados (de várias cores, tamanhos e formatos), os quais foram apresentados e colocados à disposição das crianças, tendo sido feito em grande grupo uma exploração sensorial acerca dos mesmos. Estes foram organizados de forma apelativa, com o intuito de captar a atenção das crianças, aspeto que foi bem-sucedido, pois ficaram eufóricas quando se depararam com os diversos materiais. As “tintas” feitas de especiarias também foram produzidas com as crianças, para que estas pudessem observar como estas eram feitas, envolvendo-as no seu processo. Nesta parte da atividade, as crianças partilharam ideias e interagiram umas com as outras, o que possibilitou o desenvolvimento das relações entre crianças e das suas competências sociais, fortalecendo os laços entre elas. “(...) estas situações ampliam e enriquecem a sua aprendizagem e as suas competências sociais” (Silva et al., 2016, p. 28).

A escolha do espaço para a atividade foi uma boa opção, pois, se o grupo estava a explorar materiais naturais, nada como o fazer em contacto direto com a Natureza. Neste sentido, a atividade tornou-se mais apelativa, dinâmica e com um maior significado, pelo que tinham espaço suficiente para poderem circular e explorar de uma forma livre os vários materiais, não ficando os seus movimentos condicionados num espaço fechado.

As fotografias seguintes retratam o desenvolvimento da exploração livre em grande grupo.

**Figura 14**

*Apresentação e exploração de materiais da Natureza*



Ao observarem os vários materiais, as crianças ficaram deslumbradas, visto que observámos nos seus rostos a sua alegria; percebemos que os materiais despertaram muito a atenção das crianças. Após a exploração dos materiais foram construídos com as crianças os pincéis com os elementos da Natureza, com recurso a outros materiais para prender os elementos, como os elásticos. Durante este processo as crianças deram diversas utilidades aos materiais, fazendo assim várias descobertas e explorações, recorrendo à sua imaginação e criatividade.

Atendendo ao facto de as crianças terem a oportunidade de fazer o pincel à sua própria maneira, a implicação demonstrada foi notória, revelando motivação e orgulho pelo que conseguiram fazer.

Colocámos às crianças duas questões iniciais, nomeadamente, questionámo-las sobre o que achavam que podíamos fazer com os elementos da Natureza e que materiais costumavam utilizar para pintar no dia a dia na sala de atividades. Através do diálogo em grande grupo as crianças disseram de imediato que achavam que iam pintar, mas de forma diferente, com outros pincéis e tintas feitas por elas próprias.

Os diversos materiais apelaram deveras aos seus sentidos, pois, permitiram às crianças o contacto com diversas texturas, revelando interesse em explorá-los, senti-los e cheirá-los.

Tal como afirmam Woolley e Lowe (2013), citados por Bilton et al (2017), “os elementos naturais apresentam-se como multissensoriais, possibilitando inúmeras possibilidades de utilização, em função dos interesses e características de cada criança” (p. 48).

Tornou-se fundamental escutarmos e valorizarmos as ideias e as opiniões das crianças, visto que isso fez com que sentissem vontade em participar na atividade e contribuiu para o seu bem-estar. Neste sentido, valorizámos as suas respostas e fomos dando um reforço positivo, elogiando as suas explorações e criações, elevando desta forma a sua autoestima. Assim, de acordo com as OCEPE (2016), “a construção da autoestima depende, (...) da forma como os adultos, nomeadamente o/a educador/a, intencionalmente valorizam, respeitam, estimulam a criança e encorajam os seus progressos” (Silva et al., p. 34).

De seguida, evidenciam-se as escolhas e explorações das crianças antes do momento da pintura:

### **Figura 15**

*Sentir e utilizar os materiais da Natureza*



Posteriormente as crianças tiveram a oportunidade de experimentar o seu pincel, em que inseriram a parte das folhas na tinta feita com especiarias e outros alimentos (borras de café e chocolate em pó) e, de seguida, pintaram no papel de cenário que estava exposto numa das paredes do espaço, adequado ao alcance das crianças. Fizeram uma pintura coletiva livre, uma vez que tinham a liberdade de utilizar as cores, bem como os cheiros das especiarias que mais gostassem e pintarem da forma que pretendessem, ou seja, algumas crianças pintaram em pé e outras preferiram ficar sentadas; cada uma levou o tempo que considerou suficiente, tendo em consideração os seus interesses, implicação e entusiasmo.



**Figura 16**

*Explorar e experimentar – Pintura coletiva*



Durante este momento mantivemos uma postura de observador atento, verificando a forma como as crianças utilizavam os materiais, o seu interesse e criatividade na aplicação dos materiais da Natureza (pincéis sensoriais e tintas naturais). Damos-lhes espaço, tempo e muita liberdade, deixando ao seu critério a forma como desejavam explorar os materiais, pelo que podiam deixar a sua imaginação fluir.

**Figura 17**

*Momentos de exploração – Pintura Sensorial*



Por meio da observação, das notas de campo e do registo fotográfico é possível avaliar que esta foi uma atividade que proporcionou ao grupo momentos prazerosos, na qual a alegria, a entrega e a satisfação foram notórias, permitindo às crianças vivenciarem experiências e realizarem aprendizagem diferentes das que habitualmente eram

proporcionadas. Estas estavam bastante felizes e orgulhosas da sua pintura, divertindo-se muito a experimentar o seu pincel de diversas formas.

As interações das crianças referiam:

**Criança A:** “Que pintura gira, estou a adorar!”  
**Criança B:** “Que divertido pintar com estes pincéis feitos por nós!”  
**Criança C:** “As cores das tintas são parecidas e a nossa pintura tem um cheiro maravilhoso!”  
**Criança D:** “É uma pintura feita com muito amor!”

(Nota de campo da estagiária, 29 de novembro de 2021)

Ao longo da atividade percebemos que as crianças manifestaram sentimentos de partilha, amizade e compreensão. Desta forma, esta pintura livre permitiu, num ambiente de exploração, que as crianças desenvolvessem a sua imaginação e criatividade, exercitassem a sua autonomia, bem como a capacidade de saber trabalhar em equipa.

No término da atividade as crianças ajudaram na arrumação do espaço e dos materiais, tal como sempre estimulamos, para que se envolvam e participem nas várias fases das atividades (antes, durante e depois).

Quando realizamos com as crianças a avaliação do dia, estas reportaram que o que tinham gostado mais de fazer durante o seu dia foi esta atividade, pois para elas aquela tarde tinha sido encantadora e diferente. Com isto, podemos concluir que foi uma atividade bastante cativante e única, fazendo com que as crianças se sentissem livres e receptivas a experiências novas e diferentes das que realizam no seu dia a dia, saindo da sala de atividades para o espaço ao ar livre.

Numa fase posterior decidimos mostrar ao grupo novamente a pintura coletiva que tinham realizado, bem como os pincéis que construíram, com o intuito de valorizarmos o seu trabalho, de modo a que todos tivessem uma melhor visualização do resultado final. Questionámos se ainda se recordavam do que tinham feito, como tinham construído o pincel, que tintas usaram e onde gostavam de expor a pintura que realizaram em grande grupo.

De acordo com Silva et al. (2016), “é fundamental que, para além de experimentar, executar e criar, as crianças tenham oportunidade de apreciar, e de dialogar sobre aquilo que fazem (as suas produções e as das outras crianças)” (p. 49).

Consideramos importante salientar as opiniões das crianças alusivas à pintura:

- ❖ “A nossa pintura ficou maravilhosa!”
- ❖ “Adorei pintar com esses pincéis e com essas tintas diferentes!”
- ❖ “A nossa pintura transmite a amizade que temos uns pelos outros!”
- ❖ “As cores são parecidas, mas é uma pintura especial porque tem vários cheiros!”
- ❖ “É uma bela “obra de arte!”
- ❖ “Foi a pintura mais gira que já vi!”
- ❖ “Bárbara, tudo o que tu fazes connosco é maravilhoso, assim como tu!”

(Nota de campo da estagiária, 6 de dezembro de 2021)

Relativamente à exposição da documentação pedagógica, e tendo em conta a opinião da educadora cooperante, optámos por guardar a pintura na sala de atividades e fazer uso da mesma mais tarde, para a elaboração de um painel de Natal, embelezando-a com pequenas figuras alusivas à época, feitas com paus de canela e estrelas de anis, construídas pelas próprias crianças. Colocámos ainda a identificação e uma pequena amostra das respetivas especiarias, dentro de sacos de *organza*, com as quais fizemos as tintas, assim como alguns dos pincéis que as crianças criaram e utilizaram na pintura, identificando-os. Esta documentação pedagógica foi colocada no placard respetivo da sala onde decorreu a PISJI, na entrada do jardim de infância, para que pudesse ser vista por toda a comunidade escolar e também como forma de valorizar a trabalho das crianças.

De seguida, evidenciamos a documentação pedagógica criada, que se revelou ser uma verdadeira exploração sensorial no espaço exterior.

### **Figura 18**

*Pintura Coletiva*





**Figura19**

*Resultado final – placard alusivo ao Natal*



Em geral, esta atividade decorreu de uma forma bastante positiva. Na nossa perspetiva, foi uma excelente forma de iniciar as atividades relacionadas com a temática do nosso projeto, visto ser uma experiência única, diferente e ao mesmo tempo enriquecedora, na qual as crianças se mostraram participativas, envolvidas e interessadas. Foi uma atividade onde foi possível observarmos nas crianças a sua felicidade e curiosidade por tudo o que as envolvia. Deste modo, possibilitou ampliar a imaginação de cada criança, mostrando-lhes uma forma diferente e criativa de construir pincéis e, por sua vez, de pintar; ainda compreenderam que este tipo de materiais apresentavam uma elevada potencialidade, pela possibilidade de criar e experimentar. Assim, usando as palavras de Marchão (2012), salientamos que “as pinturas, essas, ficaram cheias de cor e de traços explícitos de uma criatividade sem fim, elogiada pela educadora” (p. 182).

## **Atividade 2 – “Olhares sobre o espaço exterior”, o início de um projeto (18 de janeiro de 2021)**

**Objetivos de desenvolvimento/aprendizagem:** usar a linguagem oral em contexto, conseguindo comunicar eficazmente de modo adequado à situação; explorar o meio próximo de si, num sentido afetivo e relacional; observar de forma direta e atentamente o espaço exterior, de modo a refletir em grande grupo como este é constituído; construir uma atitude de pesquisa, baseada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade de descobrir, numa perspetiva crítica e de partilha de saberes; desenvolver e criar hábitos de respeito pelo ambiente de modo a compreendê-lo, brincando, interagindo e explorando os espaços, objetos e materiais; disfrutar do espaço exterior e do contacto com a natureza, no sentido de interação e brincadeira livre, embora com intencionalidade pedagógica.

**Recursos:** folha de papel A3 e canetas de feltros.

Uma das atividades que desejávamos desenvolver com as crianças, e pelo interesse que estas manifestavam dia após dia, era o melhoramento do espaço exterior em terra, em que as crianças queriam construir novas áreas e melhorar as que já existiam. Para tal, esta atividade marcou o início do desenvolvimento do projeto, de forma a dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela educadora cooperante, iniciado no ano transato, quando o grupo já mostrava essa vontade<sup>10</sup>.

Esta atividade consistiu na observação atenta do espaço exterior. De forma a despertar na criança o sentido de observação e orientação do espaço, levamos o grupo ao respetivo espaço de terra e foi-lhe pedido o seguinte: que observassem atentamente, pensassem como é que este era construído, ou seja, o que existia no espaço e ainda o que gostavam que pudesse existir. O objetivo era que as crianças olhassem à sua volta e referissem o que existia no espaço, bem como o que gostariam que este tivesse mais e o que podia ainda ser construído com a ajuda dos pais/famílias e comunidade.

Após ter sido dado tempo às crianças para observarem o espaço, reunimos em grande grupo, colocando um plástico no chão para que as crianças se pudessem sentar de forma mais cómoda, criando assim um momento de partilha, registando todas as opiniões das crianças através de uma chuva de ideias.

A primeira chuva de ideias abrangia a opinião/ideias das crianças de como era o espaço exterior e o que continha, já a segunda reunia as sugestões e ideias das crianças acerca de como é que gostavam que fosse o espaço e também o que gostavam de construir e melhorar no mesmo. Tal como refere Komulainen (2007), citado por Bilton et al (2017), é importante que “adotemos uma atitude de respeito, valorização e confiança na criança, escutando-a e incluindo a sua voz/participação no processo aprendizagem” (p. 19). É de

---

<sup>10</sup> Mas que, devido à situação pandémica, não tinha sido possível a sua concretização.

realçar que esta atitude esteve sempre presente ao longo do estágio, sobretudo em momentos como este, de dar voz à criança.

De seguida, ilustramos imagens que refletem o que foi referido:

### **Figura 20**

*Diálogo e partilhas no espaço exterior*

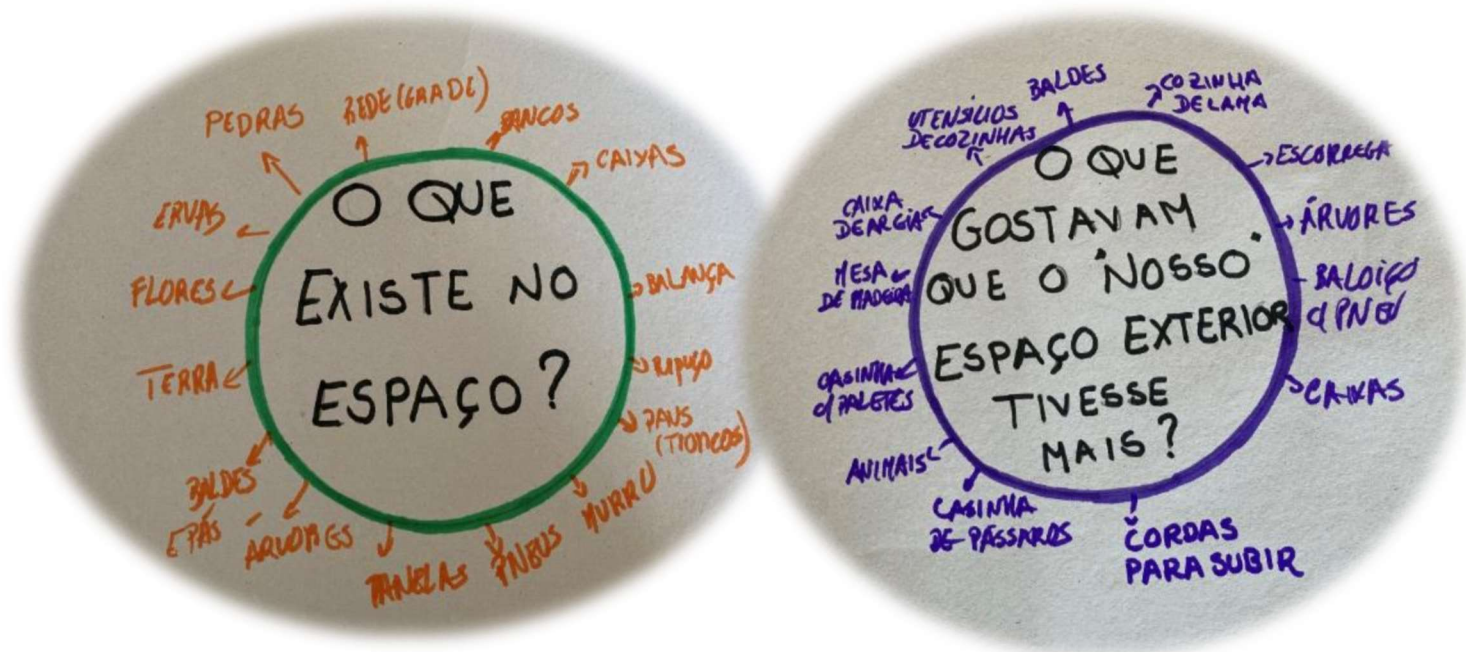


Importa salientar que tudo o que é feito na sala de atividades pode ser ao mesmo tempo realizado no espaço exterior, desde que estejam reunidas condições para tal, construindo assim com as crianças momentos únicos, prazerosos, diferentes e ricos em aprendizagens. Nesta manhã ao ar livre predominaram a alegria, a curiosidade e o desejo de saber das crianças, vivenciando-se momentos de partilha, cumplicidade e descoberta.



**Figura 21**

*Chuva de ideias alusiva ao espaço exterior*



Após a realização da atividade, as crianças puderam usufruir do espaço exterior para brincar livremente com os materiais que tinham à sua disposição, criando assim as próprias brincadeiras, explorações e descobertas, de forma individual ou com os pares. Ao brincar no exterior, as crianças têm a oportunidade de enfrentar riscos, resolver problemas de modo autónomo e de movimentar o corpo e os sentidos durante as suas explorações.

**Figura 22**

*Brincadeiras livres no espaço exterior*



**Figura 23**

*Cada criança vivencia o espaço exterior de uma forma única e espontânea*



**Atividade 3 – “Construir uma maquete alusiva ao espaço exterior” (19 de janeiro de 2021)**

**Objetivos de desenvolvimento/aprendizagem:** cooperar com os outros no processo de aprendizagem; construir uma atitude de pesquisa, baseada na capacidade de observar, no desejo de experimentar, na curiosidade de descobrir, numa perspectiva crítica e de partilha de saberes; construir uma maquete alusiva ao espaço exterior, incorporando já alguns elementos referidos e desejados pelas crianças; desenvolver capacidades expressivas e criativas, através de experimentações e produções plásticas; alargar as suas experiências, de modo a desenvolver a imaginação e as suas possibilidades de criação.

**Recursos:** base em esferovite; galhos de árvores; folhas; erva; serradura; paus de madeira pequenos; cartão; papel kraft; rodelas de madeira de diversos tamanhos e espessuras; rolhas de cortiça; cascas de nozes; cascas de pistachos; caricas; carrinho de linhas; cordel e pompons coloridos.

Primeiramente realizámos um breve diálogo com o grupo de crianças, com o intuito de relembrar a atividade realizada, intitulando-se esta de “Olhares sobre o espaço exterior”, de forma a recordar as ideias e opiniões de cada criança referentes ao espaço exterior, relembrando como é que este está organizado, o que nele existe, bem como o que gostavam que pudesse existir.

Esta oportunidade de aprendizagem consistiu na construção de uma maquete alusiva ao espaço exterior, tendo como principal objetivo a representação desse espaço, o que nele existia, bem como outros materiais/áreas que gostavam que este pudesse vir a ter, de acordo com os seus interesses e preferências, visto que é um espaço pensado e construído para e pelas crianças.



**Figura 24**

*Exploração dos materiais e início da construção da maquete em pequenos grupos*



Como estratégia, optámos por dividir as crianças em pequenos grupos; cada grupo tinha respetivamente seis crianças, de modo a dar uma atenção mais individualizada a cada uma e também permitir que as crianças pudessem participar e envolver-se de uma forma mais ativa no processo da construção da maquete.

Os grupos de trabalho foram construídos atendendo à heterogeneidade do grupo de crianças, ou seja, procurámos incluir nos mesmos, crianças mais velhas com crianças mais novas, com o objetivo de cooperarem umas com as outras, num sentido de entreajuda. Cada grupo colaborou na construção da maquete durante um certo período de tempo, de modo que fosse dado a todos a mesma oportunidade para contribuírem na elaboração da mesma, valorizando a aceitando o que cada criança fez ao longo deste processo.

**Figura 25**

*A maquete em construção, pelas mãos das crianças*



No decorrer desta atividade a nossa postura e atitude incidiu fundamentalmente no auxílio ao longo do processo de construção da maquete, deixando ao critério de cada grupo de crianças a sua construção de acordo com as suas preferências, com a visão que estas possuíam do espaço exterior, da sua orientação, bem como o modo como lhes faz mais sentido. Foi dado às crianças tempo e espaço para usarem a sua imaginação e criatividade no decorrer do processo. Na construção da maquete foram utilizados materiais reciclados e de uso utilitário, de forma a consciencializar as crianças para o reaproveitamento dos mesmos.

**Figura 26**

*O entusiasmo, envolvimento e entreaajuda do grupo durante a construção da maquete*



Com a atividade é possível afirmar que as crianças revelaram uma enorme vontade, interesse e envolvimento neste projeto da construção da maquete alusiva ao espaço exterior, visto que é um dos espaços onde permanecem a maior parte do seu tempo, quer seja para brincar livremente, quer seja para realizar atividades orientadas pela educadora cooperante. Foi uma atividade que se estendeu ao longo do dia; por vezes, as escolhas e decisões feitas pelas crianças necessitaram de ser negociadas, pois em alguns momentos nem todas estavam de acordo.

Nesse sentido, as crianças, durante o processo da construção da maquete, tiveram uma voz ativa, estabeleceram um grande contacto com os vários materiais que foram colocados à sua disposição, usaram a sua imaginação e criatividade, incentivando o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada criança e do grupo.

As crianças ficaram fascinadas com o produto final, uma vez que participaram e envolveram-se em todo o seu processo, de forma natural e com grande sentido e significado, sentindo-se assim orgulhosas de si mesmas. A construção desta maquete foi muito importante para as crianças, pois projetaram as suas sugestões e desejos para o espaço exterior. Estes momentos revelaram-se muito educativos e permitiram que as crianças enfrentassem a escolha, a tomada de decisão e a negociação.



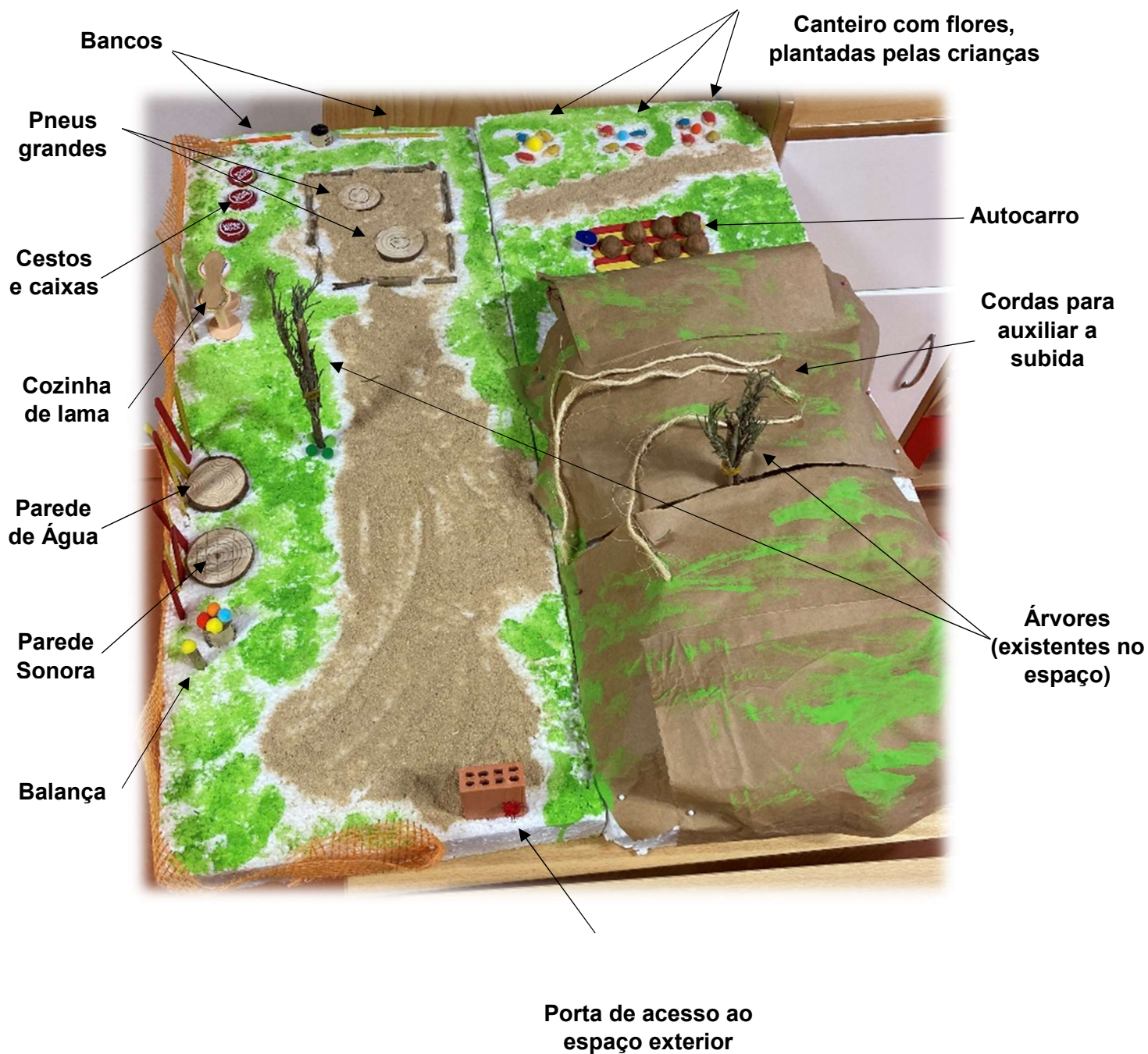
**Figura 27**

*Produto final – Maquete alusiva ao espaço exterior construída pelas crianças de acordo com os seus interesses, ideias e criatividade*



**Figura 28**

*Legenda da maquete – Representação do espaço exterior com a construção de novas áreas e a (re)construção das existentes*





Neste sentido, e de acordo com a opinião das crianças, a construção da maquete foi uma das oportunidades de aprendizagem em que mais gostaram de participar, verificando-se assim um grande envolvimento e implicação em todo o seu processo. Algumas crianças do grupo ainda referiram que gostaram de todas as atividades que realizaram, mencionando que *“tudo o que trazes e fazes connosco é maravilhoso”* (nota de campo da estagiária, 19 de janeiro de 2022).

Importa ainda destacar que os momentos de brincadeira ao ar livre fizeram as delícias de todas as crianças do grupo, pois as idas ao exterior passaram a ser mais regulares, aproveitando assim o período da manhã ou da tarde para o fazer, ou às vezes, usufruir deste nos dois períodos.

### **Figura 29**

*Eleição, em grande grupo, do nome para o projeto do espaço exterior*



Após a construção da maquete alusiva ao espaço exterior, reunimos com o grupo para um breve diálogo sobre a mesma, aproveitando para mostrar às crianças as novas áreas a (re)construir no espaço exterior (parede sonora, parede de água, cozinha de lama e autocarro, balança e a colocação das cordas), fazendo a respetiva divisão dos grupos, de acordo com as preferências das crianças, pela área que cada uma escolheu previamente. Procedemos à eleição da escolha do nome atribuído ao projeto, designando-se este por

“Alegria na Natureza”, desenvolvido com e para as crianças, com a colaboração, na fase posterior, dos pais/famílias e comunidade escolar.

### **Figura 30**

*Momentos únicos e vivenciados que contribuem para um crescer e aprender feliz*



Brincar ao ar livre continuava a fazer parte dos nossos dias. Para poder usufruir deste espaço de uma forma ainda mais livre, autêntica e vivenciada, as crianças, de forma autónoma, calçavam as suas galochas, algo que se tornou rotina no dia a dia do jardim de infância. O mesmo sucedia quando regressávamos do exterior, cada criança se dirigia ao seu cabide para trocar o calçado e arrumar o vestuário (casaco, capas de chuva e chapéu).



**Figura 31**

*Momentos de rotina – “calçar as galochas”*



**Figura 32**

*Regresso do espaço exterior – momentos de rotina*



Durante estes momentos de rotina, antes e após as idas para o exterior, as crianças demonstraram sempre muita autonomia e independência, pelo que nunca precisaram de ajuda, apesar de algumas, as mais novas, ainda necessitarem de auxílio, sobretudo para atar os sapatos. Na perspetiva de Oliveira-Formosinho (2013), “a independência em relação ao adulto é, sobretudo, para a criança pequena, um caminho de autonomia” (p. 83).

O brincar torna-se uma forma de conquistar uma capacidade de adaptação a situações de natureza motora, percetiva, cognitiva e social, conquistando deste modo ferramentas úteis para a vida futura e ao mesmo tempo, conquistar segurança e autonomia.

#### **Atividade 4 – “E um novo espaço aconteceu, resultado da colaboração entre todos” (a partir do dia 19 de janeiro de 2022)**

Em sequência das atividades apresentadas e descritas, procedeu-se à (re)estruturação do espaço exterior, de acordo com a vontade e interesse das crianças, bem como com as nossas intenções pedagógicas e da educadora cooperante. Continuámos, assim, em trabalho cooperativo entre todos os intervenientes (educadora estagiária, educadora cooperante, educadora de apoio, pais/famílias e crianças).

Com as ideias já definidas realizámos uma reunião de pais, através da plataforma zoom, de forma a partilhar com os mesmos detalhadamente o que se pretendia fazer, no sentido de corresponder e oferecer às crianças uma melhor qualidade no exterior, enriquecendo assim o ambiente educativo ao ar livre. Na reunião de pais evidenciou-se a comunicação aberta e o respeito por todos os intervenientes, pois foi dada oportunidade para partilharem as suas ideias, expetativas e dúvidas, verificando-se deste modo mais confiança, envolvimento e vontade de colaborar.

Apresentamos aos pais os objetivos educativos que tínhamos associado à implementação do projeto, a saber:

- promover a interação e a socialização;
- potenciar a curiosidade e estimular a criatividade;
- permitir a ligação com a Natureza;
- envolver os pais/famílias no processo educativo do jardim de infância;
- permitir à criança participar ativamente no seu processo de ensino-aprendizagem;
- criar aprendizagens significativas e boas memórias.

Na descrição deste trabalho colaborativo consideramos importante descrever e apresentar, através do registo fotográfico, como se encontrava o espaço exterior, quando demos início à PISJI; ao fazê-lo intentamos que se percebam as diferentes possibilidades

que se acrescentaram ao dia a dia da criança através da construção das novas áreas por elas desejadas (autocarro, cozinha de lama e a colocação das cordas), bem como o melhoramento das áreas já existentes no espaço (balança, parede sonora e parede de água).

Ilustramos o espaço exterior e as diversas áreas (balança, parede sonora, parede de água e cozinha de lama) tal como se encontrava no início da PISJI:

**Figura 33**

*Espaço exterior, visto de vários ângulos*





**Figura 34**

*Balança*



**Figura 35**

*Parede sonora*





**Figura 36**

*Parede de água (destruída)*



**Figura 37**

*Cozinha de lama*





Era o espaço onde as crianças passavam grande parte dos seus dias, quer a brincar livremente ou até mesmo a realizar outras atividades orientadas pela educadora cooperante.

Ilustramos algumas brincadeiras/interações das crianças no espaço:

**Figura 38**

*Brincar ao ar livre*



De seguida, destacamos as fotografias alusivas à (re)construção do novo espaço exterior:

**Figura 39**

*Construção do autocarro, com a participação dos pais e crianças*





**Figura 40**

As primeiras explorações e brincadeiras no autocarro



**Figura 41**

Colocação e experimentação das cordas





**Figura 42**

*(Re)construção da balança com a colaboração da educadora cooperante e a mãe de uma das crianças*



**Figura 43**

*(Re)construção e produto final da parede sonora com contributo dos pais e das crianças*





**Figura 44**

*Parede de água construída com materiais reaproveitados*



**Figura 45**

*Processo de (re)construção da cozinha de lama com a cooperação dos pais*





**Figura 46**

*Produto final – cozinha de lama construída e composta com materiais do quotidiano oferecidos pela educadora estagiária*



Consideramos que a concretização deste projeto foi uma ótima forma de terminar a PISJI, pois foi tudo pensado com e para as crianças que, dia após dia, ganhavam mais entusiasmo e mostravam-se envolvidas no processo. É um espaço que ficará para sempre na memória das crianças, visto que nele realizaram as suas próprias descobertas, explorações, aprendizagens, cresceram, enfrentaram desafios, superaram medos, e acima de tudo, foram crianças felizes, porque brincaram muito. Dado que o brincar foi devidamente intencionalizado, o desenvolvimento e a aprendizagem foram acontecendo de forma espontânea e prazerosa. Foi evidente a cooperação entre as crianças, bem como a sua imaginação e criatividade.

Numa perspetiva reflexiva, sentimos o “dever” de missão cumprida pois fizemos o que estava ao nosso alcance, sobretudo para fazer as crianças felizes com algo tão simples, único e encantador. Tornou-se bastante relevante desenvolver as oportunidades de aprendizagem apresentadas e descritas, sendo ainda mais valorizadas pelo facto de terem sido realizadas no espaço exterior, ao ar livre.

Seguidamente, apresentamos um registo fotográficos que retrata momentos de exploração, descoberta e brincadeira livre no espaço exterior, bem como as interações que as crianças estabeleceram umas com as outras nas novas áreas no exterior.



**Figura 47**

*Momentos únicos – brincadeira livre*



**Figura 48**

*Oportunidades para criar, experimentar e vivenciar*





**Figura 49**

*Descoberta e partilha nas experiências de aprendizagem*



Tal como referimos, as crianças manifestaram sempre uma enorme vontade em melhorar o espaço exterior, assim como construir novas áreas, de forma a terem mais opções de escolha durante os momentos de brincadeira no espaço exterior. Deste modo, com a colaboração das educadoras, aluna estagiária, crianças, pais/famílias e comunidade escolar, e após longos meses de trabalho, dedicação e vontade de “mudança”, ou seja, disposição para sair da zona de conforto e apostar em novos modos de pensar e agir em educação de infância, tornou-se possível a concretização de “sonhos”, deixando assim as crianças ainda mais felizes e curiosas.

Importa realçar que a participação e o envolvimento dos pais/famílias tornaram-se bastante relevantes ao longo de todo este processo, uma vez que se procurou promover uma articulação entre o contexto familiar e educativo, num espírito de entreaajuda e compreensão. Os pais mostraram-se sempre disponíveis para colaborar, estando sempre presentes em todo o projeto.

Todavia, este projeto pautou-se por ser único, desafiante, exigente, divertido e sobretudo muito positivo pelo seu produto final. As crianças adoravam passar os seus dias no espaço exterior, pois era naquele espaço que se sentiam bem e encontravam diversos desafios potenciadores de aprendizagem. Com isto é possível afirmar que ao ar livre as oportunidades de aprendizagem surgem de formas diferentes e decorrem do brincar da própria criança. Neste projeto nem tudo decorreu como idealizamos, mas, apesar das

dificuldades que por vezes atravessámos, o foco principal sempre foram as crianças, os seus interesses e necessidades, contribuindo assim para o seu bem-estar de e para a promoção de experiências de aprendizagem.

Foram vários os momentos de brincar, descoberta e exploração, nos quais mantivemos uma postura atenta, observadora, facilitadora e reflexiva em torno de cada criança e situação. Foi um projeto gratificante, pois o que estruturamos com e para as crianças foi concretizado, contribuindo assim para a (re)construção de um espaço exterior de qualidade.

## **4. Entrevistas Semiestruturadas**

### **4.1 Análise e interpretação dos dados da entrevista às Educadoras Cooperantes**

No início das entrevistas às Educadoras com que realizámos a PES em Jardim de Infância, apresentámos a temática em estudo, bem como os principais objetivos que pretendíamos alcançar com a realização da entrevista, nomeadamente, conhecer as suas conceções relativas ao aprender e ao brincar ao ar livre. Seguidamente, começamos por apresentar, de uma forma sumária, a identificação de cada entrevistada, em termos académicos e profissionais:

- A Ed. C1. tinha 59 anos e possuía Complemento de Formação (Licenciatura). Tinha 38 anos de serviço e pelo menos 20 no agrupamento onde realizámos a PES. Nunca trabalhou em contexto de Creche, apenas realizou o estágio e sempre exerceu a sua função em contexto de Jardim de Infância. Não baseava a sua ação num modelo pedagógico específico.
- A Ed. C2. contava 44 anos e possuía mestrado em Educação Especial, mais concretamente na área do desenvolvimento cognitivo e motor. Contava com 17 anos de serviço, sendo que esteve 5 anos em Creche e 12 em Jardim de Infância. Sustentava a sua prática em vários modelos; em Creche baseava-se no modelo High Scope e em Educação Pré-Escolar, baseava-se em Montessori e no Movimento da Escola Moderna (MEM). Nestes três últimos anos, sustentava-se pela Pedagogia de Waldorf e de momento, no modelo de Reggio Emilia.

Relativamente às questões associadas ao Bloco C do guião de entrevista, questionámos as Educadoras Cooperantes sobre quais as suas conceções acerca da importância que atribuem ao brincar e ao brincar ao ar livre. Assim:

A Ed.C1. referiu que a base e o foco principal da sua prática incidem no brincar, pois todas as aprendizagens podem ser feitas através deste; na sua ótica, enquanto brincam, as crianças aprendem, quer sozinhas, quer em interação umas com as outras. Reforça ainda que acredita e defende que o brincar é fundamental na vida das crianças, porque é através deste que a criança se desenvolve na sua globalidade, isto é, em todas as dimensões do seu ser, destacando que *“a criança usa o brincar em todos os momentos da infância, através da curiosidade e da exploração”* (Ed. C1.).

A Ed. C2. aludiu que o brincar é crucial na vida de uma criança, pois permite que esta se desenvolva de uma forma positiva e global, ou seja, possibilita-lhe desenvolver a nível emocional, social e cognitivo. A educadora destacou que as brincadeiras preparavam as crianças para a vida adulta, sendo que ao brincar a criança aprende, resolve conflitos, gere as suas emoções e desenvolve a sua imaginação e criatividade.

O facto de as educadoras beneficiarem o brincar e lhes atribuírem uma grande importância, é crucial para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, contribuindo para a sua independência e, sobretudo, para que cresçam mais felizes. Com isto, é possível referir que, pelo que pudemos observar ao longo da nossa prática, e tendo em conta as respostas dadas pelas educadoras, estas valorizam muito o brincar, incluindo-o no seu quotidiano educativo-pedagógico.

Questionadas sobre de que modo o brincar, mais concretamente o brincar ao ar livre, contribui para a o desenvolvimento e aprendizagem das crianças, a Ed. C1. afirmou que é através do brincar ao ar livre que as crianças constroem a sua aprendizagem de uma forma ativa e participativa, sendo estas agentes da sua própria aprendizagem. Por exemplo, *“quando trepam, quando descobrem um bichinho e nos vêm mostrar o que encontraram, quando escavam a terra, quando sobem e descem rampas, quando caem e sozinhas se levantam, quando cooperam no trabalho, estando presente a cooperação entre pares”* (Ed. C1.). Destacou que ao ar livre as crianças interagem mais umas com as outras, verificando-se menos conflitos, e desenvolvendo mais a linguagem. Considera fundamental levar as crianças para o espaço exterior e dar-lhes oportunidades para poderem brincar livremente, criarem as suas próprias brincadeiras e serem crianças livres e felizes.

A Ed. C2. mencionou que o brincar ao ar livre está um pouco esquecido por parte dos/as educadores de infância. Na sua opinião, antigamente as crianças brincavam muito na rua, criavam brincadeira com os amigos e familiares e de tudo faziam um brinquedo. Hoje em dia, cada vez mais as crianças passam pouco tempo ao ar livre, são muito protegidas, *“é como se vivessem numa bolha”* (Ed. C2.). Reporta-nos que muitas vezes as crianças sentem-se perdidas no espaço exterior, sem saber o que fazer, não conseguem arranjar formas de brincar sem que lhes sejam dadas quaisquer indicações, por parte do adulto; não conseguem atribuir utilidades aos objetos/materiais que a Natureza lhes oferece e essa ida ao exterior para elas, é uma grande aprendizagem, pois permite-lhe ter noção do que existe à sua volta. Ressaltou ainda que é preciso saber dar às crianças liberdade para que possam criar as suas próprias brincadeiras sem que seja necessário a intervenção do adulto, constantemente, para que com isso, este possa observar o que esta é capaz de fazer ou não sozinha.

Um aspeto que quis evidenciar, recai sobre o facto de as crianças terem estado demasiado tempo fechadas em casa, devido à situação pandémica que atravessámos, o que prejudicou em parte, o seu desenvolvimento motor. *“É na rua que a criança aprende os limites e onde se defronta com os perigos, os quais terá que enfrentar para poder crescer”* (Ed. C.2).

Reportou ainda que na sua prática pedagógica, sempre que é oportuno, vai com o grupo de crianças para o espaço exterior, com o objetivo de proporcionar novas aprendizagens e momentos únicos de grande descoberta e exploração. Não podia deixar de evidenciar que *“não é por estar frio ou a chover que deixámos de ir brincar ao ar livre, pois*

*não existe tempo mau, existe sim vestuário adequado. Por isso, não podemos deixar que as condições atmosféricas sejam a “desculpa” para manter crianças fechadas todo o dia em salas de atividades”* (Ed. C2.).

Ainda dentro deste bloco da entrevista, questionámos se valorizavam mais os brinquedos industrializados ou os materiais não estruturados

A Ed. C1. respondeu que ambos são viáveis e necessários. Por um lado, é possível reaproveitar os materiais, por outro, como vivemos num mundo tecnológico, a parte da tecnologia (computadores) também se torna importante, desde que contribua para a aprendizagem das crianças. Na sua opinião, o importante é que a criança perceba que os materiais do quotidiano podem ser reutilizados e com eles serem criados novos brinquedos, jogos, tendo em conta a sua imaginação e criatividade. A educadora referiu ainda que esses materiais quando já não estão em bom estado são colocados na reciclagem e são substituídos por outros, incentivando as crianças para a preservação do meio ambiente.

Por outro lado, a Ed.C2. referiu que os *“brinquedos industrializados são de mais fácil acessibilidade”*. Estes tipos de brinquedos oferecem às crianças estímulos, devido a serem brinquedos automáticos, monitorizados que prendem a atenção das crianças, através do som, das luzes que transmitem, mas que *“são feitos para aquele efeito e nada mais, são muito monitorizados e quando se estragam vão para o lixo, não têm outro reaproveitamento”* (Ed. C2.). Já os materiais não estruturados encontram-se facilmente no nosso quotidiano, são de fácil substituição, o que faz com que a criança perceba que os objetos/materiais podem ter outras utilidades, basta ter criatividade e imaginação. Salientou ainda que é importante envolver os pais/famílias nesta recolha de materiais, assim como criar na sala de atividades uma área com este tipo de materiais. Assim, a partir desses materiais não estruturados as crianças *“aprendem mais por elas próprias, é importante deixá-los pensar, imaginar e criar de forma a que possam desenvolver o seu raciocínio lógico, científico, matemático... (...), é deixá-los pensar, mais concretamente, ensiná-los a pensar (...)”* (Ed. C2).

No Bloco D do guião da entrevista, começámos por perguntar às educadoras sobre se no seu planeamento tinham por hábito incluir oportunidades de aprendizagem no espaço exterior.

A Ed.C1. respondeu que tudo o que é feito na sala de atividades pode ser também realizado no espaço exterior, afirmando que é *“a nossa segunda sala”* (Ed.C1.), pois neste espaço é possível proporcionar às crianças muitas oportunidades de aprendizagem e brincadeiras. Referiu que disfrutam do espaço exterior sempre que é oportuno e que as condições atmosféricas o permitem. A educadora mencionou alguns exemplos de atividades que proporciona ao grupo neste espaço, sendo estas as seguintes: *“pinturas, digitinta, observar e explorar a Natureza, cuidar das plantas, contar histórias, cantar canções, desenho à vista desarmada, tiram fotografias ao que gostam, fazem-se jogos, canções de roda...”* (Ed.

C1.). Reforçou ainda que é importante criar condições para proporcionar oportunidades e momentos únicos às crianças fora da sala de atividades e que, para isso, é necessário que os adultos estejam disponíveis e dispostos a “*saírem da sua zona de conforto*” (Ed. C1.). Considerou essencial referir que o espaço exterior da instituição foi (re)construído<sup>11</sup>, criando novas áreas nesse espaço, tendo em conta os interesses das crianças, uma vez que é importante envolvê-las, escutar as suas ideias e valorizá-las, sendo esta uma forma de as motivar. Referiu ainda que as várias áreas (re)construídas foram a parede sonora, a parede de água, a cozinha de lama, o autocarro e ainda umas cordas para colocar na rampa, de forma a auxiliar as crianças quando sobem/trepam. Salientou ainda que eram disponibilizados às crianças diversos materiais/objetos não estruturados e do quotidiano, bem como outros que facilmente encontravam na Natureza.

A Ed. C2. referiu que, tendo em conta a faixa etária do grupo, assim utiliza e desenvolve oportunidades de aprendizagem no espaço exterior. Mencionou que usufrui do espaço exterior com as crianças sempre que as condições atmosféricas permitem, sempre que as crianças manifestem esse interesse e, sobretudo, para realizarem atividades de educação física, assim como fazerem caminhadas à serra situada junto da instituição, aproveitando para recolher materiais que a Natureza oferece.

A Ed.C1. possibilita duas a três horas do tempo diário para que as crianças possam usufruir do espaço exterior para momentos de brincadeira ao ar livre. Reforçou que mesmo quando faz frio ou chove usam vestuário adequado, não deixando que as condições atmosféricas sejam motivo para não brincar no exterior.

A Ed. C2 ressalta que as crianças usufruem do espaço exterior no período da manhã ou da tarde, nas horas do recreio, ou até mesmo nas horas de almoço, acompanhados pela assistente operacional. Salientou que o tempo mais estipulado era na hora de almoço ou no período da tarde, possibilitando às crianças brincarem livremente no parque ou no campo de futebol em terra da própria instituição.

Uma das questões deste bloco estava relacionada com as brincadeiras que as crianças mais gostam neste espaço, bem como quais os objetos/materiais que suscitam maior interesse.

A Ed.C1 declarou que os espaços mais desejados pelas crianças e as brincadeiras que mais gostam realizam-se nas novas áreas (re)construídas, pois era nestes espaços que as crianças criavam as suas brincadeiras com os materiais disponíveis e outros que encontravam na Natureza e lhes atribuíam significados. Reforçou ainda que as crianças pediam muitas vezes para lanchar ao ar livre.

---

<sup>11</sup> As entrevistas foram realizadas depois do projeto de (re)construção do espaço exterior.



A Ed.C2. referiu que as brincadeiras que as crianças mais gostavam eram as seguintes: correr, jogar à bola e jogar à apanhada, sobretudo os meninos, enquanto as meninas gostavam de brincar às casinhas, brincar aos restaurantes (apanham paus, flores, folhas, e com areia e água criam os seus próprios pratos) e gostavam de desenhar na terra. Quando iam para o parque brincar gostavam de brincar ao faz conta na casinha que lá se encontrava, gostavam de andar de escorrega, subir e descer escadas. Salientou que as crianças gostavam de fazer jogos embora, no que toca às brincadeiras de *roda*, “*estas só com a orientação e intervenção da educadora ou da assistente operacional*” (Ed.C2.).

Pretendíamos também perceber se as educadoras, ao observarem o brincar livre das crianças no espaço exterior, notavam se estas concediam novas finalidades aos objetos/materiais disponíveis no espaço.

Ambas as educadoras responderam de imediato que sim. A Ed. C.1 evidenciou que as crianças, por serem bastante criativas, facilmente dão uso aos objetos, transformando-os e criando novas brincadeiras. Já a Ed.C2. salientou que o grupo dava utilidade aos vários objetos com facilidade, atribuindo-lhes significado e sentido, transformando-os. Ainda assim, destacou que é importante que as crianças consigam atribuir aos objetos várias utilidades, bem como criar brincadeiras, permitindo a sua criatividade e a sua imaginação.

Uma outra questão deste bloco da entrevista, recaía sobre as competências das crianças quando estas brincam de forma livre no espaço exterior.

A Ed.C1 realçou várias competências que considera importantes, tais como “*competências motoras (grossa e fina), competências linguísticas, interação e cooperação, destreza (encher e esvaziar), o desenvolvimento da autonomia (calçar e descalçar as galochas, vestir e despir os casacos)*” (Ed. C1). Ainda reportou que é a responsabilização pelas “*coisas que os envolve*” (Ed. C1.) bem como a comunicação e interação que estabelecem uns com os outros, tornando-se crucial o espaço exterior.

A Ed. C2. mencionou a interação social, a criatividade e imaginação, bem como a parte psicomotora, “*ainda existem muitas mais, mas as que referi são as que considero mais importantes*” (Ed. C2). Destacou ainda que as interações sociais ao ar livre ocorrem de um modo diferente, referindo que no espaço exterior “*as crianças sentem-se mais livres, porque estão fora do contexto de sala de atividades, num espaço diferente, e acabam por ser mais elas próprias e exprimem-se muito mais, sobretudo quando o adulto não está envolvido nas suas brincadeiras*” (Ed. C2.).

A última questão deste bloco da entrevista objetivava saber se as educadoras, futuramente e no seu planeamento, tencionavam proporcionar às crianças mais oportunidades de aprendizagem e brincadeira livre, fora de portas da sala de atividades. A esta questão a Ed.C1, respondeu que pretendia “*desenvolver e envolver as crianças nas práticas ao ar livre*” (Ed. C1.), possibilitando-lhes aprendizagens através da brincadeira, visto

que de acordo com a sua opinião, *“a brincar a criança aprende, e por isso, é importante sair fora da caixa”* (Ed. C1.), de forma a proporcionar às crianças vivências, aprendizagens diversificadas, desafiadoras e provocadoras. Enquanto educadora de infância revê-se como uma educadora *“desafiadora, provocadora e “brincadora”, sempre a olhar para a criança como a figura central da minha prática”* (Ed. C1.), respondendo sempre aos interesses e necessidades das crianças. Neste sentido, afirmou que *“a minha prática será sempre por esta via e cada vez mais procurarei fazer desta forma, desde que tenha possibilidades e sempre que o espaço me permita”* (Ed. C1.).

No caso da Ed. C2. referiu que é bastante importante proporcionar cada vez mais tempo às crianças para estarem ao ar livre e o brincar vem bem expresso nas próprias OCEPE, assim como a importância do brincar ao ar livre. Na sua perspetiva é essencial que os adultos estejam dispostos e recetíveis a novas mudanças. Por isso, destacou que *“as coisas acontecem ao contrário do que muitas pessoas pensam, (...), pois tudo isso exige um grande esforço e trabalho, todos nós sabemos que uma simples ida à rua exige intencionalidade, ou seja, mesmo que a ida ao exterior seja para as crianças poderem brincar, esse brincar é preparado pela educadora e tem intencionalidade pedagógica”* (Ed. C2.).

No Bloco E, questionámo-las sobre qual era, por norma, a sua atitude pedagógica durante a brincadeira livre das crianças. Sobre esta questão, a Ed. C1. asseverou que assume uma atitude pedagógica de observadora/participativa, ficando a observar atentamente, não se envolvendo demasiado nas brincadeiras das crianças; quando o faz, faz por base do questionamento, num sentido de perceber o que as crianças estavam a fazer, o que viram ou descobriram. Na sua ótica adota *“uma forma de estar, mas sem estar, estar por trás, mas sempre atenta e disponível sempre que seja necessário”* (Ed. C1.).

No caso da Ed. C2., esta assevera que assume um papel de observadora atenta e participativa, intervindo sempre que necessário, sobretudo, quando observa que existem conflitos entre as crianças, quando as crianças se sentem perdidas e quando é preciso acalmar o grupo. Referiu que *“nem sempre adoto a mesma postura, tudo depende do momento e da forma de estar do grupo”* (Ed. C2). Considerou importante salientar que é fundamental dar espaço e tempo às crianças ensinando-lhes que *“mesmo ao ar livre também existem regras e limites, porque uma criança sem regras e limites não é feliz nem está bem”* (Ed. C2.).

Perguntámos às educadoras cooperantes se tinham em consideração os interesses e necessidades das crianças de forma a proporcionar-lhes um brincar livre de qualidade.

No caso da Ed. C1. e da Ed. C2. ambas afirmaram que proporcionam ao grupo um brincar de qualidade, manifestando também a preocupação em escutar as crianças, aceitando e valorizando as suas ideias e opiniões. No que toca a esta questão, referimos que a mesma foi sendo respondida ao longo da entrevista, em outras questões colocadas,

uma vez que as educadoras cooperantes salientaram ter em conta os interesses e necessidades do grupo.

Uma das nossas intenções era também compreender que critérios as educadoras cooperantes utilizam na escolha/organização dos materiais e do espaço para facilitar o brincar livre das crianças.

A Ed.C1. procura criar *“oportunidades de abertura ao que são capazes de fazer”*. Nesse sentido, os critérios que referiu foram: critérios de facilitadora, no que diz respeito à exploração dos diversos materiais que disponibiliza, critérios de proteção do meio ambiente, de reutilização, dado que todos os objetos/materiais que se encontravam no espaço exterior da instituição eram reaproveitados e convencionais do nosso dia a dia. Afirmou ainda que é *“importante que as crianças saibam ter respeito umas pelas outras, pois somos mais um ser no mundo, que saibam respeitar o espaço que cabe a cada uma e que saibam viver de forma harmoniosa”* (Ed. C1.).

Segundo a Ed. C2. os critérios utilizados recaem sobre critérios de segurança, podendo as crianças usufruir do espaço exterior de uma forma segura e sem grandes perigos. É importante, de acordo com a educadora, explicar às crianças que os perigos existem e estas podem correr riscos, no entanto, deve-se mostrar às crianças pois *“torna-se fundamental explicar que as pedras não servem para atirar aos outros colegas. Devem e podem ser usadas noutro sentido”* (Ed. C2.).

Uma última questão que colocámos às educadoras remeteu para a importância de integrar os/as pais/famílias nos projetos delineados com as crianças no Jardim de Infância.

A esta questão a Ed.C1. respondeu que a participação e o envolvimento dos pais/famílias tornaram-se essenciais para a (re)construção do espaço exterior da própria instituição, referindo que *“sem elas nada teria sido possível de realizar. Tudo começou com uma reunião na plataforma zoom, de forma a dar conhecimento aos pais das nossas intenções, das preferências das crianças e também quais os nossos receios que poderiam surgir”* (Ed. C1). Verificou-se um grande interesse por parte dos pais para participar, mostrando-se disponíveis a colaborar, envolvendo sobretudo as crianças. Destacou ainda que é necessário criar com as famílias uma relação de trabalho colaborativo, sendo os pais vistos como parceiros dos/as educadores/as de infância e assumindo estes um papel de facilitadores. Segundo a educadora cooperante, *“é essencial que os pais/encarregados de educação/famílias conheçam e estejam a par das intencionalidades do/a educador/a, valorizem o que as crianças fazem no seu dia a dia no jardim de infância e, em conjunto, trabalhem para o mesmo, para a criança”* (Ed. C1.).

Na perspetiva da Ed.C2. *“as aprendizagens das crianças são feitas em contexto escola-família”*. Nesse sentido, salientou que é importante convidar os pais/famílias a participar nas atividades desenvolvidas no Jardim de Infância. Referiu que, muitas vezes, o

que sucede é que os pais/famílias apenas participam nas épocas festivas, não tendo noção que, *“para a criança, a presença dos pais/família no jardim de infância é de extrema importância, pois transmite-lhe confiança, segurança e tranquilidade”* (Ed. C2.). Reforçou que os pais/famílias, ao entrarem na sala de atividades, e poderem observar o que lá acontece, tornam-se famílias mais tranquilas e seguras e permitem que as crianças cresçam de uma forma mais saudável e feliz.

Analisando e refletindo acerca das respostas dadas, apesar de termos entrevistado apenas duas educadoras e cada uma ter a sua própria opinião verificámos que, de um modo geral, as suas respostas foram muito semelhantes, uma vez que dão muita liberdade e autonomia às crianças. As suas respostas remetem para a importância e valorização do brincar, particularmente, o brincar no espaço exterior, acreditando nas suas potencialidades e nos seus benefícios para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças.

Comprovámos também que há um maior conhecimento e uma maior valorização do brincar ao ar livre, por parte da Ed. C1., visto que inclui este tipo de propostas na sua prática pedagógica diariamente e revela uma enorme vontade de continuar a investir nesta área, alicerçando a sua prática na importância do brincar. Além do mais, sempre se demonstrou muito receptiva relativamente às nossas propostas, transmitindo que o grupo só teria a beneficiar com as mesmas.

A Ed. C2., apesar de proporcionar oportunidades de exploração e brincadeira livre no espaço exterior, ainda não o inclui na sua prática do mesmo modo que a Ed.C1., atribuindo-lhe assim outro sentido, aspeto que pudemos comprovar através das suas respostas.

De facto, as educadoras, ao incluírem oportunidades de brincar ao ar livre na sua prática pedagógica, de uma forma ou de outra, estão a possibilitar às crianças aprendizagens significativas, que contribuem para um desenvolvimento harmonioso

Consideramos importante salientar que a entrevista foi realizada a duas educadoras do Jardim de Infância, não sendo possível termos a colaboração da educadora cooperante do contexto de Creche, visto que não mostrou disponibilidade e receptibilidade para partilhar a sua opinião através da entrevista.

#### **4.2 Análise dos dados da entrevista às crianças**

De forma a conhecer a conceção das crianças sobre a importância do brincar ao ar livre foram entrevistadas seis crianças da sala de Jardim de Infância onde decorreu a PISJI, com idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos. A entrevista foi realizada em grupo, numa sala de acolhimento, criando um clima sereno e agradável. De modo geral, as crianças

mostraram-se recetivas à proposta que lhes foi feita. Na tabela seguinte apresentamos a identificação das crianças e a respetiva idade.

**Tabela 3**

*Identificação das crianças entrevistadas*

| Identificação da criança | Idade  |
|--------------------------|--------|
| C1                       | 5 anos |
| C2                       | 5 anos |
| C3                       | 6 anos |
| C4                       | 6 anos |
| C5                       | 6 anos |
| C6                       | 6 anos |

Marchão e Henriques (2018) realçam a importância das entrevistas na escuta das crianças em idade pré-escolar, por consequência, da promoção da “construção mais efetiva do conhecimento das crianças e em educação de infância, obtendo esse conhecimento a partir das suas ideias, ao invés de um conhecimento da infância apenas construído sob a ótica dos adultos” (p. 136). Assim, a entrevista foi realizada à medida que íamos contando a narrativa que nos serviu de base “Como é bom brincar ao ar livre!”, de forma a colocar as questões no seguimento da leitura da narrativa, registando ao mesmo tempo as ideias e opiniões das crianças.

No decorrer da entrevista, em geral, as crianças revelaram-se bastante participativas e colaborantes. Optámos por poucas questões, tendo decorrido num tempo inferior a 30 minutos. Algumas crianças manifestaram as suas ideias acerca das questões colocadas, mencionando aspetos relevantes, outras apenas responderam de forma direta às perguntas colocadas, tendo dificuldades em exprimir corretamente as suas ideias e opiniões.

De forma a obter uma melhor apresentação e perceção dos resultados obtidos, colocámos a respetiva questão e seguidamente transcrevemos as opiniões das crianças (Anexo 14).

Questionámos as crianças relativamente às ideias que tinham sobre o que para elas era brincar; se no espaço exterior do Jardim de Infância gostavam que existisse um baloiço igual ao que surgiu na história; se no mesmo espaço tivessem a possibilidade de ter uma casinha de madeira que brincadeiras criavam; se preferiam brincar na sala de atividades ou ao ar livre e porquê; e se preferiam brincar com os amigos ou sozinhos/as e porquê.

No que concerne à primeira questão, o que é brincar, todas as crianças deram a sua opinião de forma individual, tendo sido obtidas as seguintes respostas:

A C1. referiu sem qualquer hesitação que brincar era o *“trabalho”*, acrescentando mais tarde *“das crianças”* quando questionada *“de quem era o trabalho”*. A C2. respondeu somente que era *“ver os amigos felizes”*. Já a C3. afirmou que brincar era poder estar com amigos, *“criar muitas brincadeiras com os materiais que estão no nosso espaço da terra”*, reforçando que para tal só era preciso ter imaginação. A C5. e C6. aludiram que para elas brincar era *“brincar com os amigos nos trampolins e andar de bicicleta”*, tendo a C4. acrescentado que brincar também era *“divertir e estar com os amigos”*.

Quando questionados se gostavam que existisse um balanço como o referido na história no espaço exterior do jardim de infância, todas as crianças responderam de imediato que *“sim”*, embora somente três crianças argumentassem o porquê. Nesse sentido, a C1. afirmou que era *“divertido andar de balanço”*. A C2. asseverou que, ao andar de balanço de olhos fechados, *“parece que vamos voar como os passarinhos ou que estamos a andar num avião”*, e por isso gostava que os seus amigos pudessem experienciar essa sensação. A C3. deu logo a sua ideia de como poderiam construir no espaço exterior um balanço, dando exemplos de materiais que poderiam usar *“umas cordas e com um pneu ou meter uma tábua de madeira, para servir de banco para sentar”*, referindo ainda que *“não é preciso gastar muito dinheiro, os materiais são fáceis de arranjar e sem dúvida que nos iríamos divertir muito”* (C3.).

Relativamente às questões se gostavam que existisse uma casinha de madeira no espaço exterior e que brincadeiras criariam, apenas duas crianças responderam de imediato e de uma forma bastante criativa, exprimindo com alguma facilidade as suas opiniões. A C1. mencionou que gostava de brincar aos restaurantes, aos pais e às mães e ainda às criadas; no castelo *“eu podia ser a criada da rainha como aparece nos filmes de princesas”*. A C2. fez alusão à realização de festas de aniversário e até atribuiu um novo significado à casinha, transformando-a num castelo onde fariam de conta que eram reis, rainhas, príncipes e princesas.

Uma das nossas intenções prendia-se também em saber se as crianças preferiam brincar ao ar livre ou na sala de atividades e porquê. Unanimemente as crianças responderam sem hesitações que o espaço privilegiado para a brincadeira era ao ar livre. Contudo, as suas justificações foram bem diversificadas conforme podemos verificar nas respostas seguintes.

A C1. disse: *“porque estamos ao ar livre e podemos brincar à apanhada e na sala não, também temos mais coisas para brincar”*. A C2. mencionou que poderiam brincar aos aviões e correr, uma vez que na sala de atividades não é permitido. Acrescentando a esta ideia, a C3. ainda referiu que, para além do espaço ser mais amplo, também era possível fazer jogos mais divertidos que não podem ser concretizados na sala de atividades. A C4. aludiu que *“podemos criar outras brincadeiras que não é possível na sala e com isso ficamos mais*



*felizes*". A C5. e C6. afirmaram que preferem brincar ao ar livre porque respiram ar puro e sentem-se mais livres.

Na última questão deste bloco da entrevista tencionávamos descobrir se as crianças preferiam brincar sozinhas ou com os amigos e porquê. Todo o grupo de crianças respondeu que preferiam brincar com os amigos, no entanto duas delas não conseguiram explicar porquê. A C1. e C3. destacaram o facto de ficarem tristes e não conseguirem realizar algumas brincadeiras sem amigos. A C2. reportou que *"na nossa vida precisamos uns dos outros e só com amigos é que somos felizes"*. A C4. reforçou a ideia de poder criar com os amigos brincadeiras mais divertidas.

No Bloco C do guião tínhamos como objetivo conhecer quais as brincadeiras preferidas das crianças no Jardim de Infância e também em suas casas.

A C1. e C3. revelaram que gostavam muito de jogar à apanhada, sendo que ainda a C3. afirmou que o que mais gostava de brincar no jardim de infância era na cozinha de lama, no espaço exterior, referindo que brincava às *"festas de aniversário, fazer comidas com os elementos que apanhamos na Natureza (paus, ervas, folhas, pinhas, flores, pedras...)"* e *com os objetos que fazem parte da nossa cozinha de lama e outros que temos no espaço (pás, baldes, rolhas, troncos...)"* (C3.). Relativamente às brincadeiras preferidas em casa, ambas destacaram que brincavam ao faz de conta. Neste sentido a C1. ressaltou que brincava com as suas bonecas e peluches, referindo que *"faço de conta que sou a professora e eles os meus alunos"* (C1.); enquanto a C3. destacou que os bonecos eram os seus filhos, a quem dava comida, mudava fraldas e roupa e passeava-os no carrinho.

A C2. referiu que no jardim de infância gostava de brincar no espaço exterior *"ao ar livre, a fazer bolos e comida com terra"* (C2.), já em casa, prefere andar de bicicleta e ainda reforçou que o gostava de o fazer na companhia dos pais. A C4. apenas mencionou que no jardim de infância gostava muito de jogar às escondidas, enquanto em casa, o que mais gostava era brincar ao ar livre, *"no meu quintal"*, com os bonecos, *"aos pais e às mães"* (C4.). A C5. respondeu que no jardim de infância só gostava de brincar *"às mães e aos pais"*, não manifestando a sua opinião no que diz respeito às suas brincadeiras preferidas em casa. O mesmo sucedeu com a criança C6. que apenas destacou a sua opinião sobre a brincadeira preferida no jardim de infância, mencionando que *"Adoro fazer corridas"* (C6.).

Após a análise e reflexão às respostas dadas, podemos verificar que o brincar está bem vincado na personalidade de cada criança, atribuindo um grande valor ao espaço exterior, sendo este um potencializador das suas brincadeiras e aprendizagens, tal como afirmaram as crianças entrevistadas na seguinte citação “*A brincar ao ar livre, estamos a aprender e a crescer felizes!*”.

## **5. Reflexão global da ação educativo-pedagógica desenvolvida na Creche e no Jardim de Infância**

Refletindo sobre o nosso percurso nos dois contextos educativos (Creche e Jardim de Infância), sabemos que foi fundamental estar permanentemente a observar, planear, agir e refletir, com o intuito de adaptar e melhorar a nossa ação educativo-pedagógica. Expomos agora uma reflexão global relativamente ao percurso em ambos os contextos.

### **5.1 Contexto de Creche**

A faixa etária dos 0 aos 3 anos é marcada, segundo Carvalho & Portugal (2017), por “uma grande velocidade, de desenvolvimento e aprendizagem que deve ser necessariamente acompanhada por adultos conscientes das suas ações, que entendam a creche como um espaço de aprendizagem e não apenas de cuidado” (p. 11). Foi nesta perspetiva que demos início à nossa ação na Creche, sendo que a reflexão ao longo da prática, centrada na observação, intervenção e escuta das crianças e o modo como organizámos o espaço pedagógico e as experiências de aprendizagem, se tornou fundamental para a nossa aprendizagem, inclusive para identificar possíveis erros e aprender com os mesmos.

No que se refere ao período de observação e cooperação, estivemos atentas às estratégias utilizadas pela educadora cooperante e ao modo como interagiu com as crianças nos vários momentos do dia, visto que devemos aprender com quem está há mais tempo no terreno. Termos a oportunidade de assistir ao trabalho desempenhado pela educadora cooperante possibilitou-nos conhecer mais o trabalho realizado com as crianças em idade de Creche, o que nos fez perceber a responsabilidade que temos e o papel fundamental que assumimos, de forma a prestar melhores cuidados de educação às crianças.

Ao organizarmos a prática educativa tivemos em consideração diversos aspetos, nomeadamente: o grupo e a criança no grupo, a rotina, a organização da sala de atividades, os materiais disponíveis, bem como os adultos responsáveis.

Tal como salienta Araújo (2013), os dias e as semanas devem ser organizados “de acordo com uma rotina respeitadora dos ritmos, do bem-estar e possibilidades de aprendizagem das crianças, consagrando a sua participação em todos os momentos” (p. 43). Assim, foi-nos dada a oportunidade de participar nas várias rotinas da sala, nomeadamente, na hora da sesta, na parte da higiene e nos momentos de alimentação, criando contacto com as crianças e transmitindo-lhes a segurança necessária, para que sentissem que tinham mais um adulto com quem podiam contar e a quem podiam recorrer sempre que precisassem. Poder observar e colaborar nestas rotinas permitiu-nos ter consciência de como funciona todo

o processo, bem como a logística necessária nestes momentos, de modo a atender às necessidades de todas as crianças e saber como gerir imprevistos.

Optámos por desenvolver as oportunidades de aprendizagem no espaço exterior, sempre que oportuno. Durante a realização das atividades os melhores momentos consistiram em observar o entusiasmo de cada criança e a forma como esta se envolvia e interagia com os pares.

No que concerne ao envolvimento, ao longo deste percurso, tentamos sempre estabelecer uma ligação forte e de confiança com o grupo, de forma a conhecer melhor cada criança, dando extrema importância à escuta das crianças e aos momentos de brincadeira.

Brincar, também fazia parte da rotina deste grupo de crianças. Na Creche, o brincar é visto como uma atividade valiosa e indispensável para o processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança nos primeiros anos de vida, pois participa ativamente na sua própria aprendizagem e, para tal, demos-lhe tempo e espaço para “ser, estar e fazer”, criando-lhe oportunidades de aprendizagem ativa e lúdica, com incentivo à sua imaginação, criatividade e autonomia em construção.

Com base nos objetivos e intenções práticas e pedagógicas deste projeto, apresentamos a reflexão das nossas práticas tendo em conta as finalidades educativas básicas do modelo pedagógico para a Creche (Carvalho & Portugal, 2017). Assim,

- A nível do desenvolvimento de um sentido de **segurança e autonomia positiva**, foi possível verificar nas crianças um progresso no conhecimento sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia, na confiança, na autonomia e competências, ao nível de pequenas realizações bem como na capacidade de realizarem as suas escolhas e tomar decisões;
- a nível do desenvolvimento da **curiosidade e ímpeto exploratório**, foi possível observar, de forma progressiva e positiva, como cada criança explorava, descobria, brincava e interagia com os espaços, materiais e adultos. Foi notório o modo como as crianças iam explorando e manipulando os diversos objetos e materiais, com os quais queriam brincar e fazer as suas próprias descobertas, nomeadamente nas atividades do “Cesto dos tesouros”, do “Brincar ao ar livre com caixas de cartão e leitura do livro *A Caixa*” e do “Cozinhando com terra”. Criaram as suas próprias brincadeiras, livre e autonomamente, uma vez que são momentos como estes que possibilitam a exploração do mundo que as rodeia, estando sempre disposta para novas descobertas. Contudo, importa referir que enquanto profissionais, é importante compreender todas as descobertas como

etapas essenciais no processo de desenvolvimento global e de aquisição de novas competências das crianças.

- Por último, relativamente ao **desenvolvimento de competências sociais e comunicacionais**, tivemos a oportunidade de presenciar diversas aprendizagens, associadas ao desenvolvimento do autocontrolo, estabelecimento de relações positivas entre crianças e estas com os adultos e ainda foram observados momentos de cooperação, bem como o desejo e a capacidade de partilha de experiências.

Refletindo, de um modo geral, este percurso na Creche teve como foco principal ir ao encontro dos interesses, necessidades, ritmos e individualidades das crianças, oferecendo-lhes oportunidades de aprendizagem ricas, diversificadas e estimuladoras e recursos variados, articulando com o nosso projeto de IA, de modo a incentivá-las no que respeita à sua imaginação, criatividade e construção da sua autonomia.

Neste contexto, não existiram momentos em que foram sentidas dificuldades, no que toca à criação de interações com as crianças, sublinhando que é importante criar com as crianças, desde início, uma boa relação de segurança e confiança, pois torna-se uma mais-valia para todo o percurso. Também não foi sentida qualquer dificuldade no que diz respeito ao controlo do grupo durante os vários momentos do dia, bem como na gestão do tempo, conseguindo conciliar o tempo de atividade com as rotinas das crianças/sala e as da instituição.

Estar com, e para as crianças, e podermos colocar em prática o que delineámos, foi bastante gratificante, sobretudo quando as crianças se envolviam e correspondiam totalmente ao que lhes era proposto.

Com este grupo de crianças aprendemos a ser, estar e fazer, tendo sido uma experiência muito enriquecedora, que permitiu consolidar conhecimentos, adquirir novas aprendizagens e ensinamentos que levamos para a vida. Foi um grupo muito especial, do qual nunca nos esqueceremos e que permanecerá para sempre nos nossos corações.

## **5.2 Contexto de Jardim de Infância**

Durante o nosso percurso em contexto de Jardim de Infância a observação continuou a ser fundamental para obtermos informações sobre o grupo, conhecer cada criança na sua individualidade, as suas rotinas e criar uma relação de afetividade com as mesmas, de forma a ficarmos a perceber os seus interesses, necessidades e dificuldades, privilegiando a escuta ativa.

Tivemos também a possibilidade de observar os métodos de trabalho utilizados pela educadora cooperante, bem como as estratégias que utilizava, perante cada situação. Essas informações serviram-nos de bases para a elaboração das planificações e para a implementação das oportunidades de aprendizagem, possibilitando-nos adequar a nossa prática educativa às necessidades e características do grupo.

No planeamento e preparação das oportunidades de aprendizagem conversámos sempre com a educadora cooperante sobre as nossas ideias, com o intuito de adaptarmos o nosso trabalho ao dela, de forma a existir uma complementaridade, tornando-se benéfico para o grupo. Importa referir que as planificações eram flexíveis.

Tendo em consideração o projeto pedagógico da educadora cooperante, que se baseava nas “Ideias para mudar o mundo - brincar com os amigos ao ar livre”, e a vontade manifestada pelas crianças em quererem dar continuidade ao mesmo e (re)construírem novas áreas de brincadeira no espaço exterior, em conjunto com a educadora cooperante iniciámos um novo projeto, “A alegria na Natureza”, direcionado para o espaço exterior, através dos interesses e necessidades das crianças, relacionando-o com a temática do presente Relatório.

De acordo com Silva et al (2016) a organização do ambiente educativo constitui a base do desenvolvimento curricular, dado que as formas de interação no grupo, os materiais disponíveis, a sua organização, distribuição e utilização do tempo são determinantes para as crianças poderem escolher, fazer, aprender e brincar.

Refletindo agora sobre as atividades<sup>12</sup> que realizámos com as crianças relacionadas com a nossa temática, privilegiamos o brincar e aprender no espaço exterior e a exploração livre, proporcionando momentos muito prazerosos, desafiadores, autênticos e ricos ao grupo. Houve a preocupação de elaborar atividades tendo em consideração os interesses das crianças. Todas as oportunidades de aprendizagem planificadas foram pensadas para e com as crianças, envolvendo-as no seu processo de aprendizagem, através da sua participação ativa.

Foram evidentes os diversos contributos que estas atividades acarretaram para o desenvolvimento das crianças, uma vez que nos preocupamos sempre em proporcionar novas experiências, que de certo modo contribuíssem para a sua autonomia, criatividade e imaginação. Pautaram-se por atividades estimuladoras, desafiantes e diversificadas, tendo por base uma intencionalidade pedagógica.

No decorrer das várias atividades construímos e recorremos a vários recursos, de forma a captar e estimular a atenção das crianças, nomeadamente, fantoches, paraquedas,

---

<sup>12</sup> No Anexo 15 estão registos fotográficos que documentam as diversas oportunidades de aprendizagem, além das referidas à temática do presente Relatório.



lenços coloridos, jogos, e outros materiais atrativos, de modo a tornar o processo de aprendizagem ainda mais prazeroso, participativo, dinâmico, e significativo e promovendo a autonomia da criança, bem como a interação social.

Através da realização das atividades e durante outros momentos da intervenção, possibilitámos o contacto das crianças com conteúdos relacionados às diferentes áreas referidas nas OCEPE, procurando que a aprendizagem acontecesse de forma holística. Em todo este trajeto, tencionámos desenvolver com as crianças atividades diversificadas e que estimulassem o pensamento, o raciocínio, a imaginação e a criatividade do grupo. Assim sendo, ao longo da ação educativa trabalhamos a Área de Formação Pessoal e Social, a Área de Expressão e Comunicação, que inclui o domínio da Educação Física, o domínio da Educação Artística, o domínio da Linguagem Oral e a abordagem à Escrita e o domínio da Matemática e também a Área do Conhecimento do Mundo.

A Área da Formação Pessoal e Social, pela sua transversalidade, esteve presente no dia a dia em todo o trabalho educativo-pedagógico. Neste sentido, elaborámos experiências de aprendizagem que permitissem às crianças resolver por si mesmas os próprios conflitos, numa perspetiva das crianças saberem lidar com as adversidades e se relacionarem consigo próprias, com os outros e com o mundo. Desenvolveram ainda diversas competências e demonstraram atitudes de respeito pelas ideias e opiniões dos outros, aprendendo a escutar e a serem escutadas; cooperaram umas com as outras em diversos momentos, revelando uma grande capacidade de ajuda e compreensão; realizaram votações para chegarem a um consenso; partilharam espaços e materiais, aprendendo a esperar a sua vez; assumiram responsabilidades; desenvolveram a sua autonomia, dado que, fizeram as suas próprias escolhas; criaram interações e fortaleceram as suas relações com os colegas e com os adultos.

Segundo as OCEPE (2016), “o desenvolvimento da Formação Pessoal e Social baseia-se na organização do ambiente educativo, construído como um ambiente relacional e securizante, em que a criança é valorizada e escutada, o que contribui para o seu bem-estar e autoestima” (p. 33). Assim, foi possível criar um ambiente educativo onde as crianças tinham voz ativa e eram tratadas de igual modo.

No que alude à Área de Expressão e Comunicação demos mais importância a alguns domínios e subdomínios. No domínio da Educação Física propusemos duas atividades que implicavam “Deslocamentos e Equilíbrios” (como saltar a pés juntos e correr, rastejar, rolar) e “Perícia e Manipulação” (como lançar e transportar), na qual as crianças puderam desfrutar de uma proposta de atividade desafiante, com níveis de dificuldade diferentes, mobilizando o corpo com precisão e desenvolvendo a sua autonomia, coordenação e concentração.

No Domínio da Educação Artística, Subdomínio das Artes Visuais, nas oportunidades de aprendizagem que realizámos com o grupo, as crianças desenvolveram capacidades

expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas. Recorremos a técnicas de pintura diferentes, onde as crianças usaram pincéis feitos com elementos da Natureza e tintas naturais (feitas com especiarias), desafiamos as crianças para a exploração de diversos materiais, incluindo materiais de uso utilitário ou materiais recicláveis. Construíram fantoches (a vaca, o burro e a ovelha) alusivos a uma história que ouviram, recorrendo a materiais reutilizáveis, tintas, cartão, lã, feltro, colheres de pau, entre outros, escolhidos pelas crianças. Deste modo, ampliámos as experiências das crianças, estimulando a imaginação e as possibilidades de criação. No que se refere ao subdomínio do Jogo Dramático/teatro, proporcionámos diversos momentos de histórias com recursos variados – livros e fantoches para interagir com as crianças e captar a sua atenção em determinados momentos. No subdomínio da Música, para além dos momentos musicais presentes nas rotinas do grupo, proporcionámos diversas aprendizagens: as crianças valorizaram a música como fator de identidade social e cultural e ouviram músicas de diferentes géneros, criando também uma coreografia com a música clássica de Tchaikovsky, “O Quebra-Nozes: Marcha”, com recurso a argolas de madeira com fitas de cetim (recurso construído pelas crianças). Este momento foi gravado e oferecido aos pais como lembrança das crianças para celebrar o Natal, uma vez que devido à situação pandémica que atravessávamos os pais/famílias não podiam entrar no estabelecimento educativo para participarem na festa de Natal. Desta forma, proporcionámos a aprendizagem de novas canções. Com estas oportunidades de aprendizagem permitimos que os subdomínios da música e dança se interligassem e proporcionassem aprendizagens significativas.

Referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita demos especial importância aos diálogos que fomos estabelecendo com as crianças durante toda a prática pedagógica, escutando-as, valorizando e aceitando as suas ideias. Estimulámos a comunicação ao longo de todos os momentos de atividades, durante as suas brincadeiras livres, exploração e aprendizagem de lengalengas, contar de histórias, recorrendo a diferentes suportes, exploração de livros e invenção de histórias, despertando assim nas crianças o prazer da leitura. É importante salientar que tivemos sempre em consideração a seleção de livros com qualidade, significativos e adequados às diferentes idades das crianças.

No âmbito deste domínio, propusemos uma atividade em que apresentámos um conjunto de cartões com imagens alusivas ao Natal (prenda, bota, estrela, Pai Natal, bola, árvore de Natal e sino) para que, através da sua imaginação e criatividade, as crianças criassem uma história com as respetivas imagens. Relativamente à escrita, as crianças reconheciam as letras e apercebiam-se da organização das palavras e percebiam o sentido direcional da escrita.

Numa outra atividade procedemos à leitura do livro “A Caixa”, de Min Flyte, que permitiu às crianças explorarem livremente as caixas de cartão dispersas pelo espaço exterior, dando-lhes um significado de acordo com a sua imaginação e criatividade.

No que toca ao Domínio da Matemática, é possível referir que esteve presente no dia a dia do Jardim de Infância e nas vivências das crianças, nomeadamente na marcação de presenças através de uma tabela e da contagem de crianças presentes. Também no registo de cada dia num calendário contactavam com noções temporais (marcação do dia da semana: ontem, hoje e amanhã) e a escolha das áreas fazia parte das vivências, uma vez que cada área só podia conter determinado número de crianças.

Em relação às atividades promovidas neste domínio, permitimos que as crianças procedessem à contagem de elementos e organizassem e interpretassem a informação por meio de um pictograma; identificassem quantidades e desenvolvessem o seu pensamento e raciocínio matemático. Desta forma, possibilitámos que as crianças construíssem noções matemáticas, sobretudo, desenvolvessem o sentido de número através da contagem de objetos, despertando o interesse e o gosto pela matemática.

No que diz respeito à Área do Conhecimento do Mundo, propusemos oportunidades de aprendizagem muito enriquecedoras para as crianças, que as levaram a descobrir o mundo que as rodeia. Na primeira atividade possibilitámos às crianças a realização de uma experiência sensorial que envolve uma explosão de cores. A segunda e terceira atividades relacionavam-se com a temática do Relatório e já foram descritas anteriormente.

Durante a implementação das atividades existiram, por vezes, alguns receios pois não sabíamos quais as reações das crianças no decorrer das mesmas. Quando começávamos deixávamos de parte todos esses sentimentos e focávamo-nos nas crianças, permitindo que estas aproveitassem ao máximo as oportunidades de aprendizagem que lhes proporcionávamos. Em determinados momentos, a ajuda e os conselhos da educadora cooperante foram fundamentais, uma vez que nos transmitiam mais confiança.

No decorrer da prática pedagógica, e na afirmação de uma pedagogia-em-participação, as crianças possuíram sempre uma participação ativa num ambiente educativo que organizámos tendo em consideração as observações e a escuta que fizemos de cada criança, de modo a responder aos seus interesses e necessidades.

Muitas das oportunidades de aprendizagem foram desenvolvidas no espaço exterior, assumindo este um carácter potencializador, pedagógico e intencional. Deste modo, procuramos proporcionar às crianças um ambiente diferente, desafiador e potencializador de novas descobertas e aprendizagens, indo ao encontro dos seus interesses e necessidades.

Todo o período de estágio envolveu análise do contexto, o processo de planificação e as sucessivas reflexões em colaboração com as crianças e com a educadora cooperante,

no intuito de melhorar e oferecer às crianças experiências desafiantes e ricas que possibilitassem o seu crescimento, a sua autonomia e independência.

No que diz respeito ao grupo de crianças foi um prazer termos a possibilidade de fazer parte das suas vidas e, de certo modo, contribuir para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Por ter sido um grupo tão especial, carinhoso, amável, e único, levamos cada criança no nosso coração.

Foi um trajeto do qual nos orgulhamos, não só pelo trabalho que desenvolvemos, mas também por aquilo em que nos fomos tornando, através dos desafios que enfrentámos, recebendo-os sempre de “braços abertos”, estando sempre dispostas a mudanças e a acreditar que conseguimos fazer mais e melhor todos os dias, basta termos força de vontade. Assim, tal como salientam Bilton et al (2017), “Gosto de pensar que na vida, tal como na Natureza, temos sempre oportunidade de nos renovarmos” (p. 106).

### **Figura 50**

*Mais um dos momentos de carinho, partilha, afeto e muita brincadeira que vivemos juntos*



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste ponto refletimos sobre toda a nossa ação pedagógica desenvolvida nos dois contextos onde realizámos a Prática de Ensino Supervisionada, contexto de Creche e Jardim de Infância, sintetizando os momentos que considerámos mais importantes e pertinentes para a concretização do presente Relatório, como as observações efetuadas, as intervenções realizadas, os pontos positivos e as dificuldades com que nos deparamos ao longo do estágio. Pretendemos, também, refletir e sintetizar o processo investigativo que foi concretizado numa relação com a intervenção nos dois contextos.

Ao longo do percurso vivenciámos momentos de desafio, de motivação e de superação, sentindo também algumas dificuldades, receios; mas adaptámo-nos a todas as situações com as quais nos deparámos, retirando destas inúmeros ensinamentos e aprendizagens. Procurámos colocar em prática os conhecimentos que fomos construindo ao longo da nossa formação (em Educação Básica e no Mestrado em Educação Pré-escolar), tentando articular esses conhecimentos com os que fomos construindo em cada contexto educativo.

No decorrer do projeto fomos adotando uma atitude responsiva e consciente, a qual foi essencial para o desenvolvimento da nossa ação educativo-pedagógica. Além disso, as observações e as reflexões realizadas foram imprescindíveis na investigação. Durante o tempo em que permanecemos nos contextos fomos nos apercebendo de algumas exigências da profissão de educador/a de infância. Temos consciência de que esta profissão nos coloca muitos desafios e, como tal, é importante continuar a apostar na formação contínua, assumindo que não sabemos tudo e que ainda temos muito para aprender.

Tivemos sempre a criança como figura central da ação educativo-pedagógica, dado que procurámos sempre trabalhar no sentido da promoção do seu desenvolvimento global e da sua aprendizagem. Foi para as crianças com as quais realizámos a PES que sempre trabalhámos e planeámos/organizámos várias oportunidades de aprendizagem, que fossem ao encontro dos seus interesses e necessidades, com o intuito de as motivar para a realização das mesmas, assim como proporcionar momentos de brincadeira muito prazerosos, que contribuíssem para o seu desenvolvimento harmonioso e lhes possibilitassem aprendizagens significativas. Esta intencionalidade articulou-se com a investigação, onde demos especial atenção ao espaço exterior, de forma a proporcionar às crianças *“o brincar e o aprender ao ar livre”*.

É de extrema relevância que os/as educadores/as criem oportunidades para que as crianças brinquem e que não estejam constantemente a intervir e a protegê-las de todas as adversidades, visto que, se o fizerem estão de certo modo a condicionar o seu brincar. No final deste percurso afirmamos que é urgente dar às crianças autonomia e liberdade, para

que possam brincar e descobrir o mundo por si mesmas, pois, sujar, correr riscos, explorar e cair, faz parte de ser criança e do seu processo de aprendizagem.

Cada vez mais as crianças necessitam de tempo e espaço para explorar, experimentar, criar e de conhecer o mundo através de momentos de brincadeira, sobretudo ao ar livre. Assim, compete aos/às educadores/as aproveitarem essas brincadeiras das crianças, proporcionando-lhes novas aprendizagens, de forma a potenciarem o desenvolvimento de mais competências e capacidades.

É importante promover experiências de aprendizagem ao ar livre. Ao ar livre é possível as crianças realizarem tudo o que fazem no espaço interior, sendo que a exploração dos espaços exteriores e o brincar ao ar livre, oferecem oportunidades de a criança experimentar, explorar, descobrir, imaginar e aprender. O simples ato de proporcionar às crianças a exploração e o brincar no espaço exterior possibilita que estas se desenvolvam e adquiram várias competências essenciais para a sua vida, pois estes espaços contribuem e promovem aprendizagens significativas.

Destacamos que o que tornou estes momentos ao ar livre tão prazerosos e únicos, foi o facto dos materiais/recursos que disponibilizamos oferecerem inúmeras possibilidades de exploração, poderem ser usados/explorados como as crianças preferirem, e de tudo neste espaço, acontecer de forma espontânea, criando-se assim, um ambiente imprevisível, único e fascinante.

Em relação ao contexto de Creche, o nosso objetivo era estimular os sentidos das crianças através de oportunidade de aprendizagem e de momentos de exploração livre, por via do brincar num contexto rico e estimulante, visto que nestas idades, sentem uma vontade intrínseca de explorar tudo o que as rodeia, especialmente, as propriedades dos objetos/materiais. Assim, pretendíamos possibilitar o desenvolvimento da autonomia e da sua imaginação.

Em contexto de Jardim de Infância promovemos atividades livres de verdadeira exploração e brincadeira, bem como experiências de aprendizagem desenvolvidas no espaço exterior. Nesse sentido, assumimos a nossa ação educativo-pedagógica concedendo às crianças um papel central, no sentido de lhes oferecer diferentes experiências e orientá-las no que respeita à sua autonomia, participação, responsabilidade, solidariedade, cooperação e construção de um sentido crítico sobre o mundo que a rodeia. Neste contexto foi possível ressaltar que, em colaboração, procedeu-se à (re)construção do espaço exterior, tendo-se dado lugar a um novo espaço que adquiriu uma vertente ainda mais criativa, propiciatória de mais exploração-descoberta-ação.

As crianças participaram de forma ativa e entregaram-se inteiramente às oportunidades de aprendizagem promovidas, tendo liberdade para realizar as suas escolhas e decidir como explorar os diversos objetos/materiais no momento da brincadeira.



As experiências de aprendizagem promovidas ao ar livre foram planeadas tendo em vista o interesse das crianças, despertando a sua curiosidade e permitindo assim uma aprendizagem rica, prazerosa e autónoma. Em todos os momentos verificámos que as crianças se revelaram recetíveis às atividades, manifestando o seu envolvimento, participação e alegria na concretização das mesmas. As oportunidades de aprendizagem apresentadas tiveram o intuito de proporcionar momentos de aprendizagem diferentes e estimulantes, superando as expectativas das crianças pelo que pensamos que os nossos objetivos foram alcançados.

Ao longo da prática, assumimos constantemente uma postura reflexiva, recorrendo ao diálogo, de forma a melhorar a nossa intervenção, procurando sempre as soluções mais adequadas para dar respostas às crianças. Assim, pretendíamos demonstrar através das oportunidades de brincar ao ar livre que é possível as crianças terem liberdade de escolha, seguirem as suas ideias e motivações e tomarem as suas próprias decisões.

É fundamental salientar a colaboração da educadora cooperante do Jardim de Infância, a qual contribuiu para o nosso enriquecimento pessoal e profissional, dando-nos conselhos, através de críticas construtivas, permitindo assim melhorar as nossas práticas.

Destacamos ainda a importância das entrevistas realizadas tanto às educadoras como às crianças, pois estas contribuíram para uma melhor compreensão relativamente às suas conceções acerca do brincar ao ar livre.

Temos plena consciência de que a implementação de práticas pedagógicas no espaço exterior é um processo longo e difícil, pois implica a mudança de atitude/mentalidade por parte do/a educador/a. Tal como afirma Neto (2020) “o caminho não é fácil, mas é possível. Sair da nossa zona de conforto pedagógico é o primeiro passo. Depois, é trabalhar de forma cooperativa com todos os intervenientes no processo educacional mais próximo ou distante” (p. 147).

Com a realização deste projeto concluímos que, apesar de ser um tema exigente e desafiador, é sem dúvida recompensador, contribuindo positivamente para o desenvolvimento e aprendizagem da criança desde os primeiros anos de vida, pois ao brincar a criança também aprende, sendo o espaço exterior o melhor aliado para “libertar as crianças”; tal como mencionam Bilton et al (2017) “Vão brincar para o exterior!; Sejam inovadores, críticos e reflexivos! e Saiam da vossa zona de conforto e arrisquem novas formas de agir!” (p. 161).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amado, J. (Coord.). (2017). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação* (3.<sup>a</sup> ed.). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Araújo, S. (2013). Dimensões da pedagogia em creche: Princípios e práticas ancorados em perspectivas pedagógicas de natureza participativa. In J. A. Oliveira-Formosinho, *Educação em Creche: Participação e Diversidade* (pp. 30-74). Porto Editora.
- Araújo, S. B. (2018a). A abordagem HighScope para a educação e cuidados em creche. In J. Oliveira-Formosinho, & S. B. Araújo, *Modelos pedagógicos para a educação em creche* (pp. 71-92). Porto Editora.
- Araújo, S. B. (2018b). A proposta pedagógica de Elinor Goldschmied para a educação e cuidados a pessoas entre o nascimento e os três anos. In J. Oliveira-Formosinho, & S. B. Araújo, *Modelos pedagógicos para a educação em creche* (pp. 139-160). Porto Editora.
- Assembleia Geral das Nações Unidas. (2019). *A convenção sobre os direitos das crianças*. Comité Português para a UNICEF. [https://www.unicef.pt/media/2766/unicef\\_convenc-a-o\\_dos\\_direitos\\_da\\_crianca.pdf](https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf)
- Bento, G. (2012). *O perigo da segurança: estudo das perceções de risco no brincar de um grupo de educadoras de infância* [Dissertação de mestrado em Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra]. [Tese Gabriela Bento.pdf \(uc.pt\)](#)
- Bento, G., & Portugal, G. (2016). Valorizando o espaço exterior e inovando práticas pedagógicas em educação de infância. *Revista Iberoamericana de Educación*, 72, 85-104. [rie72a04.pdf \(rieoei.org\)](#)
- Bento, G., & Portugal, G. (2019). Uma reflexão sobre um processo de transformação de práticas pedagógicas nos espaços exteriores em contextos de educação de infância. *Revista Portuguesa de Educação*, 32(2), 91-106. doi:10.21814/rpe.17657
- Bilton, H. B., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre: Oportunidades de desenvolvimento e de desenvolvimento de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Bitencourt, A. F., Dias, F. S., Stein, J. M., Focesi, L. V., Fochi, P., & Menta, S. (2018). Jogo heurístico. In P. Fochi (Ed.), *O brincar heurístico na creche: Percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil – OBECI* (pp. 88-106). Paulo Fochi Estudos Pedagógicos.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Brites, L. (2020). *Brincar é fundamental: Como entender o neurodesenvolvimento e resgatar a importância do brincar durante a primeira infância*. Gente.
- Carmo, H., & Ferreira, M., (1998). *Metodologia da investigação*. Universidade Aberta.
- Carvalho, C., & Portugal, G. (2017). *Avaliação em creche, crechendo com qualidade*. Porto Editora .

- Charles, C. L. (2008). *Children and nature*. <https://boktowergardens.org/wp-content/uploads/2016/08/a-report-on-the-movement-to-reconnect-children-to-the-natural-world.pdf>
- Coelho, P. A. (2019). *O papel do educador de infância na promoção da autonomia nos contextos de creche e de jardim de infância* [Relatório do Projeto de Investigação, Escola Superior de Educação de Setúbal]. Repositório Comum do Instituto Politécnico de Setúbal. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/30518>
- Coutinho, C. P. (2009). Investigação- ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13 (2), 355-379. <http://hdl.handle.net/1822/10148>
- Ferland, F. (2006). *Vamos brincar? Na infância e ao longo de toda a vida* (1.<sup>a</sup> ed.). Climepsi Editores.
- Ferreira, D. (2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 12-13.
- Fochi, P., & Focesi, L. V. (2018). As contribuições de Elinor Goldschmied para a construção da prática pedagógica com bebês e crianças bem pequenas. Em P. Fochi (Ed.), *O brincar heurístico na creche: Percursos pedagógicos no observatório da cultura infantil – OBECI* (pp. 41-57). Paulo Fochi Estudos Pedagógicos.
- Formosinho, J., & Oliveira-Formosinho, J. (2013). *Pedagogia em Participação: A Perspetiva Educativa da Associação Criança*. Porto Editora.
- Ganhão, A. R. (2017). *Brincar sem teto: A importância do Espaço Exterior na Creche e no Jardim de Infância* [Dissertação de mestrado, Escola Superior de Educação de Setúbal]. Repositório Comum do Instituto Politécnico de Setúbal. [Tese-Final.pdf \(rcaap.pt\)](https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/30518)
- Gaspar, M. F. R. F. (2010). Brincar e criar zonas de desenvolvimento próximo. *Cadernos de Educação de Infância*, 90, 8-10.
- Goldschmied, E., & Jackson, S. (2006). *Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche*. Artmed.
- Hanscom, A. J. (2018). *Descalços e felizes*. Livros Horizonte.
- Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. (2011). *A criança em ação*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Homem, C. (2009). A ludoterapia e a importância do brincar: reflexões de uma educadora de infância. *Cadernos de Educação de Infância*, 88, 21-24.
- Kishimoto, T. M. (2010). Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *Anais do I Seminário nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte* (pp.1-20). <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7155-2-3-brinquedos-brincadeiras-tizuko-morchida/file>
- Lino, D. (2013). O modelo pedagógico de Reggio Emilia. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos curriculares para a educação de infância - construindo uma práxis de participação*. (pp. 109- 138). Porto Editora.
- Majem, T. (2010). A cesta dos tesouros. Em M. Tere (Eds), *Descobrir brincando* (pp. 1-35). Autores Associados.

- Marchão, A. & Henriques, H. (2019). Entre a investigação-ação, a supervisão e a reflexão na formação inicial de educadores de infância no Portugal de hoje. *Colloquium Humanarum, Presidente Prudente*, 16(4), 5-17. doi: 10.5747/ch.2019.v16.n4.h443
- Marchão, A. & Henriques, H. (2018). Investigação com crianças: reflexão sobre a escuta das vozes das crianças através de processos de entrevista. *Revista de Pedagogia de la Universidad de Salamanca*, 24, 135-144. <https://revistas.usal.es//index.php/0214-3402/article/view/aula201824135144>
- Marchão, A. (2010). *(RE) Construir a prática pedagógica e criar oportunidades para pensar*. [Tese de Doutoramento. Universidade de Aveiro]. Repositório Institucional da Universidade de Aveiro. <http://hdl.handle.net/10773/3788>
- Marchão, A. (2012). *No jardim de infância e na escola do 1.º ciclo do ensino básico. Gerir o currículo e criar oportunidades para construir o pensamento crítico*. Colibri.
- Marchão, A. (2021). A educação pré-escolar numa perspetiva de igualdade e equidade. Uma reflexão a partir do quadro legal. *Revista EduSer*, 13(2), 17-30. <https://www.eduser.ipb.pt/index.php/eduser/article/view/171/147>
- Martins, C., & Neves, I. (2020). Aprender a brincar ao ar livre num jardim de infância em Portugal: um Estudo de Caso. *Revista Liberato*, 21(36), 121-130. doi:<https://revista.liberato.com.br/index.php/revista/article/view/662>
- Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão panorâmica da investigação-acção*. Porto Editora.
- Mesquita-Pires, C. (2010). A investigação-acção como suporte ao desenvolvimento profissional docente. *EDUSER: Revista de Educação*, 66-83. <https://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/3962>
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças - a urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Oliveira, A. G. (2019). Pedagogias sustentadoras das brincadeiras dos bebês em contexto de creche. Em *Humanidades e Inovação*, 6, 287-302. <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1859>
- Oliveira-Formosinho, J. (2002). *A supervisão na formação de professores I - da sala à escola*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2011). *O espaço e o tempo na pedagogia-em-participação*. Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J. (2013). A contextualização do modelo curricular High-Scope no âmbito do projeto infância. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos curriculares para a educação de infância - construindo uma práxis de participação* (pp. 61-108). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. (2013). Educação em Creche: Participação e Diversidade. In S. Araújo, *Dimensões da pedagogia em creche: Princípios e práticas ancorados em perspetivas pedagógicas de natureza participativa* (pp. 30-74). Porto Editora .
- Oliveira-Formosinho, J., & Formosinho, J. (2013). A perspetiva educativa da associação criança: A Pedagogia-em-Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *Modelos curriculares para a educação de infância - construindo uma práxis de participação* (pp. 25-60). Porto Editora.

- Portugal, G. (2012). *Finalidades e práticas educativas em creche: Das relações, atividades e organização dos espaços ao currículo na creche*. CNIS - Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade.
- Portugal, G. (2017). O currículo em creche. Que Cidadão do século XXI aos 3 anos de idade? *Revista Humanidades e Inovação* 4(1), 56-65.  
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/295>
- Portugal, G., & Laevers, F. (2018). *Avaliação em educação pré-escolar – Sistema de Acompanhamento das Crianças (2 ed.)*. Porto Editora.
- Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebês em infantários*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sarmento, T., Ferreira, F. I., & Madeira, R. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Porto Editora.
- Silva, A. B. (2018). *Ser bebé na creche, viagem maravilhosa para a auto confiança*. Mário Brito Publicações.
- Silva, C. M., & Sarmento, T. (2017). O brincar é um assunto sério.... Em T. Sarmento, I. F. Ferreira, & R. Madeira (Org), *Brincar e Aprender na Infância* (pp. 40-56). Porto Editora.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.
- Sousa, A. (2005). *Investigação em Educação*. Livros Horizonte.

### Documentos Legais

- Lei-Quadro n.º 5/97, Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. Diário da República I Série – A N.º 34 de 10 de fevereiro 1997.
- Portaria n.º 262/2011. Estabelece as normas reguladoras das condições de instalação e funcionamento das creches. Diário da República, I Série – N.º 167 – de 31 de agosto de 2011.
- Código de Ética do Instituto Politécnico de Portalegre. Disponível em <https://pae.ipportalegre.pt/repositoryStream/317977>

## **ANEXOS**



**Anexo 1: “Ficha do Estabelecimento Educativo – Contexto de Creche”**

(Adaptado do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parceria, Bertram & Pascal, 2009)<sup>13</sup>

Nome da Instituição:

Morada:

Código Postal:

Telefone:

E-mail:

Coordenador/ diretor do estabelecimento educativo:

Diretor Pedagógico:

Data:

1. **Qual o tipo de estabelecimento? (Por favor assinale com X no correspondente).**

**a) Público**

Ministério da Educação \_\_\_\_

Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social \_\_\_\_

Outros \_\_\_\_

**b) Privado**

IPSS (Instituição Privada de Solidariedade Social) \_\_\_\_

Particular e Cooperativo \_\_\_\_

Outros \_\_\_\_

2 **Em que tipo de instalações funciona?**

Construção de raiz \_\_\_\_

Edifício integrado na escola do 1.º ciclo \_\_\_\_

Edifício adaptado \_\_\_\_

E.B.I. (Escola Básica Integrada) \_\_\_\_

Outros \_\_\_\_

3. **São os únicos locatários/arrendatários?**

Sim \_\_\_\_

Não \_\_\_\_

Se não são, diga quem são os outros \_\_\_\_\_

---

<sup>13</sup> Bertram, T. & Pascal, C. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. Manual. Lisboa: Ministério da Educação Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual\\_dgp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual_dgp.pdf)

## Crianças

1. Quantas crianças com as idades abaixo indicadas frequentam a instituição?

| 4 -5 meses | 6-7 meses | 8-9 meses | 10-11 meses | 1-2 anos | 3-4 anos | 5-6 anos |
|------------|-----------|-----------|-------------|----------|----------|----------|
|            |           |           |             |          |          |          |

2. Qual o número total de crianças inscritas à data? \_\_\_\_\_
3. Quantas crianças existem em lista de espera? \_\_\_\_\_
4. Quantas crianças estão realmente a frequentar a instituição? \_\_\_\_\_
5. Quantas salas de atividades existem na instituição? \_\_\_\_\_
6. Quantas salas existem para cada valência? \_\_\_\_\_
7. Qual a lotação máxima de cada sala? \_\_\_\_\_
8. Como estão organizados os grupos de crianças? \_\_\_\_\_

Grupos Heterogéneos ( )

Grupos Homogéneos ( )

### 4. Horário do estabelecimento:

Hora de abertura:

Hora de encerramento:

Qual a duração da componente letiva? \_\_\_\_\_

Qual a duração da componente de apoio à família ou de apoio socioeducativo?

Manhã: \_\_\_\_\_

Tarde: \_\_\_\_\_

Qual o horário do almoço?

Quem presta esse serviço?

## Pessoal

1. Organograma do estabelecimento:

2. Horários das pessoas que trabalham na instituição:

| Nomes | Categorias | H. de entrada | H. de saída | H. de almoço | Observações |
|-------|------------|---------------|-------------|--------------|-------------|
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |
|       |            |               |             |              |             |

3. Qual o rácio adulto/criança na instituição?

| Salas | Idades | N.º crianças | N.º educadores | N.º auxiliares | Rácio adulto/criança             |
|-------|--------|--------------|----------------|----------------|----------------------------------|
| 1/2   | 1/2    | 17           | 1              | 2              | 1 adulto por cada 4 a 5 crianças |

4. Qual o grau de participação da família na instituição?

Nula \_\_\_\_ Pontual \_\_\_\_ Frequente \_\_\_\_ Festas \_\_\_\_

Reuniões \_\_\_\_ Atividades e/ou projetos \_\_\_\_

Se a família participa nas atividades e/ou projetos dê um exemplo:

\_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

Existe pessoal de apoio?

Educador de apoio Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

Outros técnicos Sim \_\_\_\_ Não \_\_\_\_

Quais? \_\_\_\_\_

## Financiamento

5. Dê uma estimativa do custo por criança/ano. (Incluindo todas as despesas).

\_\_\_\_\_

6. Contribuição financeira dos pais

Mensalidade única:

7. Outras fontes de financiamento:

Autarquias: \_\_\_\_\_ montante: \_\_\_\_\_

Projetos: \_\_\_\_\_ montante: \_\_\_\_\_

Outros: \_\_\_\_\_ montante: \_\_\_\_\_

## Comunidade Local

8. Qual a localização geográfica da instituição?

Área urbana \_\_\_\_\_

Área suburbana \_\_\_\_\_

Área rural \_\_\_\_\_

9. Indique o número de famílias das crianças que frequentam a instituição que se incluem nos diferentes grupos socioeconômicos: \_\_\_\_\_

10. Existem crianças com necessidades educativas especiais?

Sim \_\_\_\_\_

Não \_\_\_\_\_

Se sim, quantas? \_\_\_\_\_

Que tipo de necessidades educativas especiais apresentam essas crianças?

\_\_\_\_\_

Que técnicos fizeram a avaliação/diagnóstico? \_\_\_\_\_

11. Qual o número de crianças cuja língua materna não é o português? \_\_\_\_\_

12. Qual a proveniência dessas crianças? \_\_\_\_\_

13. Qual o número de crianças de minorias étnicas? \_\_\_\_\_

14. Observações (se desejar acrescentar alguma informação não contemplada nesta ficha, faça-o, por favor, no espaço abaixo):

---

---

---

---



**Anexo 2: “Ficha do Espaço Educativo da Sala de Atividades – Contexto de Creche**

(Adaptado do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parceria, Bertram & Pascal, 2009<sup>14</sup>)

Sala: \_\_\_\_\_

Educadora de Infância titular: \_\_\_\_\_

Faixa etária das crianças: \_\_\_\_\_

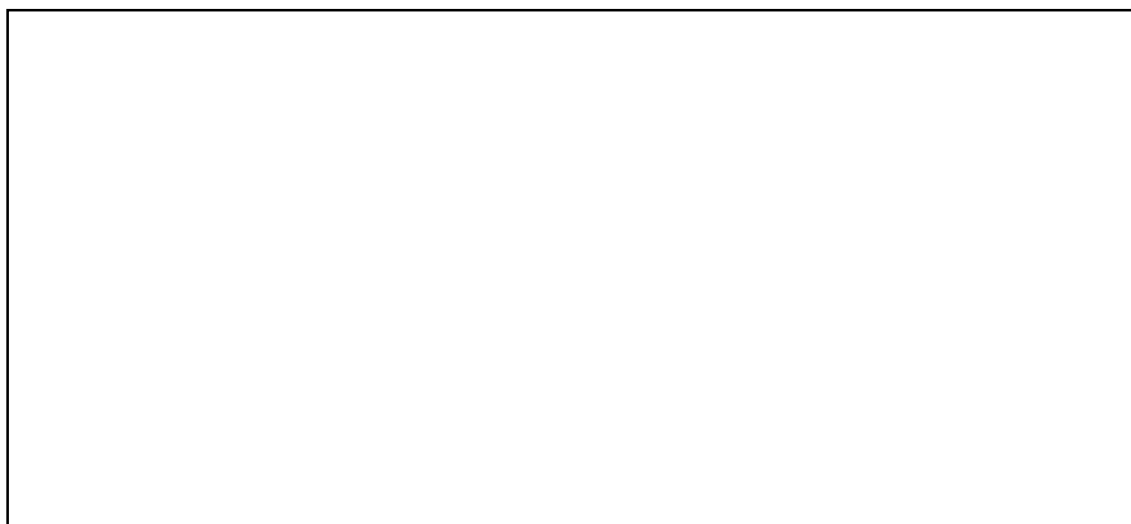
Data: \_\_\_\_\_

## **O Espaço Interior**

- 1.** Dimensões do espaço em  $m^2$ .
- 2.** Áreas em que está organizada e designação.

- 3.** Organização do espaço/sala:

- 3.1.** Planta da sala



---

<sup>14</sup> Bertram, T. & Pascal, C. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. Manual. Lisboa: Ministério da Educação /Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual\\_dqp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual_dqp.pdf)

Obs: Se possível inclua fotografias.

3.2 Diga, em poucas palavras, porque deu essa disposição à sua sala?

---

---

---

4. Assinale com um X os itens disponibilizados na instituição.

☐ Cacifos ou cabides para guardar os pertences da criança;

☐ Vestiários;

☐ Acessos próprios para cadeira de rodas;

☐ Placares/Expositores;

5. Tem acesso a outros materiais/equipamentos existentes na instituição? Quais?

---

---

---

---

6. Descreva as seguintes instalações:

6.1 sanitários para crianças

6.1.2 dormitório(s)

6.1.3 cozinha

6.1.4 refeitório

6.1.5 sala dos/as educadores/as e casa de banho para adultos

6.1.6 Sala destinada aos pais (e à comunidade)

6.1.8 secretaria

### **Espaço Exterior**

1. Tem acesso a uma zona de recreio exterior?

☐ Sim

☐ Não

1.1 Se sim, quantas vezes por dia é utilizado?

\_\_\_\_\_

1.2 Quem dinamiza/supervisiona o recreio? \_\_\_\_\_

1.3 Qual a área do espaço exterior em  $m^2$ ?

Área coberta \_\_\_\_\_. Descoberta \_\_\_\_\_

2. Assinale com um X os materiais de que dispõe o espaço exterior.

☐ Utensílios de exterior (pás, bolas)

☐ Arrecadação exterior

☐ Estrutura para trepar/escorrega/ baloiços

☐ Caixa de areia

☐ Brinquedos de rodas (triciclos, etc.)

☐ Jardim/Horta

Outros? ( ) Quais? \_\_\_\_\_

2.1 Considera os materiais suficientes?

☐ Sim

☐ Não

Porquê? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

### Características gerais do Contexto Educativo

1. Estado de conservação do equipamento e do material.

1.1 Novo ☐

1.2 Velho ☐

1.3 Usado, mas em bom estado ☐

Observações:

2. Existem equipamentos e instalações suficientes para o número de crianças que os utilizam?

☐ Sim

☐ Não

Observações:

3. Medidas de segurança e saúde das crianças e do pessoal:

3.1 Medidas preventivas (Covid-19) das crianças e do pessoal:

4. Medidas de segurança do equipamento:

5. Tem mais alguma informação relevante que queira acrescentar?

☐ Sim

☐ Não

Se sim, qual: \_\_\_\_\_

**Anexo 3: “Ficha do/a Educador/a de Infância – Contexto de Creche”**

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Habilitações:

a) Habilitações académicas/profissionais:

( ) Bacharelato

( ) Licenciatura

Na área de \_\_\_\_\_

( ) Complemento formação

Na área de \_\_\_\_\_

( ) Curso de especialização

( ) Mestrado

Na área de \_\_\_\_\_

( ) Doutoramento

Na área de \_\_\_\_\_

b) Outras qualificações relevantes para a função educativa:

c) Anos de serviço: \_\_\_\_\_

d) Anos de serviço neste estabelecimento: \_\_\_\_\_

e) Anos de serviço em creche: \_\_\_\_\_

## 1. FINALIDADES E OBJETIVOS

a) Na sua opinião, quais são as principais finalidades da creche?

R:

---

<sup>15</sup> Bertram, T. & Pascal, C. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. Manual. Lisboa: Ministério da Educação /Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual\\_dqp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual_dqp.pdf)



**b)** Há crianças com NEE integradas na instituição? Na sua sala? Há alguma preocupação especial com estas crianças? Têm algum tipo de apoio? Se sim, qual?

**R:**

## **2. CURRÍCULO/EXPERIÊNCIAS DE APRENDIZAGEM**

Que referenciais ou modelos pedagógicos utiliza para desenvolver essas experiências de aprendizagem?

**R:**

## **3. ESTRATÉGIAS DE ENSINO/APRENDIZAGEM**

**a)** Que estratégias são utilizadas para promover a aprendizagem de todas as crianças?

**R:**

**b)** Como é que o ensino é adaptado e organizado para apoiar a aprendizagem das crianças com NEE?

**R:**

## **4. PLANEAMENTO, AVALIAÇÃO E REGISTO**

**a)** Como é que as atividades e os projetos são planeados, desenvolvidos, monitorizados e avaliados?

Planeamento:

Desenvolvimento:

Documentação:

Monitorização:

Avaliação:

**b)** Qual o papel das crianças neste âmbito? E dos pais?

**R:**

**c)** Quais os critérios que utiliza na realização da planificação?

**R:**

**d)** Como é que identifica e apoia as crianças com NEE?

**R:**

## **5. PESSOAL**

**a)** Qual é o número de crianças na sua sala? E de adultos? Considera adequado o número de crianças por adulto?

**R:**

**b)** Considera adequada a formação inicial dos adultos?

**R:**

**c)** O estabelecimento dá apoio à formação contínua do pessoal? De que forma?

**R:**

**d)** Teve alguma formação/sensibilização para trabalhar com crianças com NEE?

**R:**

## **ESPAÇOS**

**a)** Considera o ambiente educativo adequado para o grupo de crianças?

**R:**

**b)** Gostaria de o melhorar? Como?

**R:**

**c)** Acha que o espaço está devidamente preparado para crianças com NEE?

**R:**

## **7. RELAÇÕES E INTERAÇÕES**

Como é apoiada a construção e desenvolvimento da equipa educativa? Como é comunicada a visão da instituição?

**R:**

## **8. IGUALDADE DE OPORTUNIDADES**

**a)** Como garante a igualdade de oportunidades para todos, independentemente das diferenças socioeconómicas, de classe, de género, de língua materna, étnicas, de religião, de deficiência física ou mental, ou outros?

**R:**

**b)** O que faz para desenvolver este contexto educativo de forma harmoniosa e inclusiva?

**R:**

## **9. PARTICIPAÇÃO DOS PAIS E DA COMUNIDADE**

**a)** Os pais estão envolvidos na aprendizagem das crianças?

**R:**

**b)** Quais são as relações que se estabelecem entre a creche e as famílias? E entre a creche e a comunidade?

**R:**

**c)** Como é que os pais das crianças com NEE são envolvidos na intervenção e avaliação dos seus filhos?

**R:**

## **10. MONITORIZAÇÃO E AVALIAÇÃO**

O que é feito no estabelecimento para garantir a qualidade?

**R:**

Gostaria de acrescentar mais alguma nota que considere relevante relativamente a este contexto educativo?

**R:**

**Anexo 4: “Ilustração do Espaço da Sala de Atividades de Creche”**

A área do acolhimento era composta por um tapete grande, sendo uma zona muito acolhedora e agradável à qual as crianças recorriam várias vezes durante o dia. Esta área era, sobretudo, utilizada no início da manhã para receber as crianças e para a educadora, em conjunto com o grupo, cantarem o “Bom dia”, marcarem as presenças, explorarem canções, contarem histórias, para momentos de diálogo com o grupo, mas também para as crianças fazerem construções com legos ou mesmo explorarem outro tipo de materiais.

A área da casinha era composta por uma cozinha de madeira, uma cama de bebés, também em madeira, três bonecos e vários utensílios de cozinha (pratos, panelas, copos e alimentos de plástico), um espelho. Esta era uma das áreas preferidas pelas crianças e que mais estimulava e desenvolvia o jogo simbólico, permitindo interação entre as crianças, visto que possibilitava às mesmas representar e imitar comportamentos/attitudes dos adultos e/ou simular situações vivenciadas por elas no seu dia-a-dia.

A área da pintura era constituída por um cavalete, não sendo adequado à altura das crianças, nem sequer usado pelas mesmas. Quando existiam atividades que envolvessem a expressão plástica, estas eram feitas na mesa de atividades e apenas com uma criança de cada vez, dando-lhe tempo e espaço para realizarem as suas próprias explorações e descobertas, com o auxílio da educadora cooperante e da ajudante de ação educativa.

A área da garagem era composta por uma pequena garagem de madeira, diferentes meios de transporte, com os quais as crianças brincavam e desenvolviam o jogo simbólico.

A área dos jogos possuía um armário sem portas com várias divisões onde estavam caixas com jogos de encaixe, estes eram realizados na mesa ou na área do acolhimento, dependendo de onde as crianças se encontravam, permitindo-lhes a estas desenvolver a coordenação visual e a motricidade fina, sendo importante referir que os mesmos não se encontravam ao alcance das crianças, usando-os apenas quando a educadora cooperante e/ou as assistentes operacionais os facultavam, sobretudo em momentos de brincadeira livre, conduzindo assim ao diálogo e à socialização. Algumas dessas caixas possuíam também peças de lego, bonecas, animais e brinquedos. Alguns desses brinquedos eram modelos de utensílios de cozinha (chávenas, copos, pratos e talheres de plástico) que as crianças levavam para a casinha ou para a zona de acolhimento e aí brincavam. Observámos vários momentos de brincadeira livre e de socialização entre pares.

Área do acolhimento



Área da garagem e dos jogos





Área da casinha



Área da pintura



Área da higiene



**Anexo 5: “Ficha do Estabelecimento Educativo – Contexto de Jardim de Infância”**

(Adaptado do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parceria, Bertram & Pascal, 2009<sup>16</sup>)

Nome do Jardim de Infância \_\_\_\_\_

Nome da instituição/agrupamento \_\_\_\_\_

Morada \_\_\_\_\_

Código postal \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

E-mail \_\_\_\_\_

Diretor pedagógico/coordenador do estabelecimento \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_\_

1. Qual o tipo de estabelecimento? Por favor assinale o quadrado correspondente.

a) PÚBLICO

b) PRIVADO

(com ou sem fins lucrativos)

☐ A1 Ministério da Educação

☐ B1 IPSS (Instituição Privada de Solidariedade Social)

☐ A2 Ministério do Trabalho e da  
Solidariedade Social

☐ B2 Particular e Cooperativo

☐ A3 Outros

☐ B3 Outros

2. Em que tipo de instalações funciona?

☐ a) Construção de raiz

☐ b) Edifício adaptado

☐ c) Edifício integrado em escola do 1º Ciclo

☐ d) E.B.I. (Escola Básica  
Integrada)

☐ e) Outros

3. Quantas crianças com as idades abaixo indicadas frequentam o Jardim de Infância?

<sup>16</sup> Bertram, T. & Pascal, C. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. Manual. Lisboa: Ministério da Educação /Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual\\_dqp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual_dqp.pdf)

a) 3 anos ☐

b) 4 anos ☐

c) 5 anos ☐

d) 6 anos ☐

4. Qual o número total de crianças inscritas nesta data? \_\_\_\_\_

5. Quantas crianças existem em lista de espera? \_\_\_\_\_

6. Quantas crianças estão realmente a frequentar? \_\_\_\_\_

7. Quantas salas de atividades existem no Jardim de Infância? \_\_\_\_\_

8. Qual a lotação máxima de cada sala? \_\_\_\_\_

9. Como estão organizados os grupos de crianças?

Grupos heterogéneos ☐

Grupos homogéneos ☐

10. Horário do estabelecimento:

a) Hora de abertura: \_\_\_\_: \_\_\_\_

Hora de encerramento \_\_\_\_: \_\_\_\_

b) Qual a duração da componente letiva?

Manhã das \_\_\_\_ horas às \_\_\_\_ horas;

Tarde das \_\_\_\_ horas às \_\_\_\_ horas.

c) Qual a duração da componente de apoio à família ou de apoio sócio educativo?

Manhã das \_\_\_\_ horas às \_\_\_\_ horas - Tarde das \_\_\_\_ horas às \_\_\_\_ horas

d) Qual é o horário do almoço? Das \_\_\_\_ horas às \_\_\_\_ horas.

e) Quem presta esse serviço?

**Pessoal**

11. Horários da educadora e da auxiliar que trabalham no Jardim de Infância.

| Categoria  | Hora de Entrada | Hora de Saída | Hora de Almoço | Observações |
|------------|-----------------|---------------|----------------|-------------|
| Educadora  |                 |               |                |             |
| Auxiliares |                 |               |                |             |

12. Qual o rácio adulto/criança no Jardim de Infância?

| Salas | Idades | N.º de Crianças | N.º de Educadores | N.º de Auxiliares | Rácio adulto/criança |
|-------|--------|-----------------|-------------------|-------------------|----------------------|
|       |        |                 |                   |                   |                      |
|       |        |                 |                   |                   |                      |
|       |        |                 |                   |                   |                      |

13. Qual o grau de participação da família no Jardim de Infância?

- a) Nula ☐ Pontual ☐ Frequente ☐  
b) Festas ☐ Reuniões ☐ Atividades e/ou Projetos ☐

Se participa nas atividades e/ou projetos dê um exemplo:

---

---

14. Existe pessoal de apoio?

- a) Educador de apoio Sim ☐ Não ☐  
b) Outros técnicos Sim ☐ Não ☐

Especifique que tipo de outros técnicos existem (psicólogo, terapeuta, etc.)?

---

---

---

**Comunidade Local**

15. Qual a localização geográfica do Estabelecimento?

- a) Área urbana ☐ b) Área suburbana ☐ c) Área rural ☐

16. Existem crianças com necessidades educativas especiais?

Sim ☐ Não ☐

a) Quantas crianças?

b) Que tipo de necessidades educativas especiais apresentam?

c) Que técnicos realizaram a avaliação/diagnóstico?

17. Percentagem de crianças cuja língua materna não é o português? %

a) Qual a proveniência dos pais?

**Observações** (se desejar acrescentar alguma informação não contemplada nesta ficha, faça-o, por favor, no espaço abaixo):

---

---

---



**Anexo 6: “Ficha do Espaço Educativo da Sala de Atividades – Contexto de Jardim de Infância”**

SALA \_\_\_\_\_

### **O ESPAÇO INTERIOR**

1. Dimensões do espaço em m2

2. Áreas em que está organizada e designação.

3.

a) Organização do espaço/sala: faça a planta da sala indicando as áreas e os materiais que contém. Se possível inclua fotografias.

b) Diga, em poucas palavras, porque deu essa disposição à sua sala?

4. Dos seguintes itens assinale aqueles de que dispõe: S (sim) ou N (não)

a) Cacifos ou cabides para guardar os pertences da criança ☐

b) Vestiários ☐

c) Acessos próprios para cadeira de rodas ☐

d) Placares/Expositores ☐

5.

a) Tem acesso a outros materiais/equipamentos existentes na instituição? Quais?

---

---

---

---

b) Tem acesso a outros materiais/equipamentos existentes no agrupamento? Quais?

---

---

---

---

<sup>17</sup> Bertram, T. & Pascal, C. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. Manual. Lisboa: Ministério da Educação Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual\\_dgp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual_dgp.pdf)

6. Descreva as seguintes instalações:

a) sanitários para crianças

b) lavandaria

c) cozinha

d) sala para movimento/ginásio

e) refeitório

f) sala de professores e casa de banho para adultos

g) sala destinada aos pais (e à comunidade)

h) secretaria

i) sala de atividades de apoio à família/prolongamentos

j) biblioteca/ludoteca/centro de recursos

### **O Espaço Exterior**

7. Tem acesso a uma zona de recreio exterior?

a) Sim ☐

b) Não ☐

c) Se sim, quantas vezes por dia é utilizado?

d) Partilha esta zona como e com quem?

8. Quem dinamiza/supervisiona o recreio?

9. Qual a área do espaço exterior em m<sup>2</sup>?

Área coberta \_\_\_\_\_ Descoberta \_\_\_\_\_

10. Que tipo de pavimento e de vedação existem?

11. Assinale os materiais de que dispõe.

a) Utensílios de exterior (pás, bolas)

b) Estrutura para trepar/escorrega/baloços ☐

c) Caixa de areia ☐

d) Tanques de água ☐

e) Brinquedos de rodas (triciclos, etc.) ☐

f) Arrecadação exterior ☐

g) Jardim e/ou horta ☐

h) Animais domésticos ☐

i) Outros? ☐ Quais? \_\_\_\_\_

### **Características Gerais do Espaço Educativo**

13. Estado de conservação do equipamento e do material.

a) Novo ☐ b) Velho ☐ c) Usado, mas em bom estado ☐

Observações:

14. Existem equipamentos e instalações suficientes para o número de crianças que os utilizam?

a) Sim ☐ b) Não ☐

Observações:

15. Medidas de segurança do equipamento:

16. Tem mais alguma informação relevante que queira acrescentar? Faça-o, por favor, no espaço abaixo

---

---

---

**Anexo 7: “Ficha do/a Educador/a de Infância – Contexto de Jardim de Infância”**

(Adaptado do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parceria, Bertram & Pascal, 2009<sup>18</sup>)

Nome:

E-mail:

1. Habilitações:

a) Habilitações académicas/profissionais:

☐

Bacharelato

☐

Licenciatura

Na área de \_\_\_\_\_

☐

Complemento Formação

☐

DESE

Na área de \_\_\_\_\_

Curso de especialização

Mestrado

Na área de \_\_\_\_\_

Doutoramento

Na área de \_\_\_\_\_

b) Outras qualificações relevantes para a função educativa (explique detalhadamente):

c) Outra formação/habilitações certificadas:

d) Qualificação para o desempenho de outras funções no sistema educativo:

2.

a) Anos de serviço: \_\_\_\_\_

b) Anos de serviço neste estabelecimento: \_\_\_\_\_

c) Experiência de trabalho com crianças com NEE (explique detalhadamente):

---

<sup>18</sup> Bertram, T. & Pascal, C. (2009). Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias. Manual. Lisboa: Ministério da Educação Direção-Geral da Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Disponível em: [https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual\\_dqp.pdf](https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/manual_dqp.pdf)



d) Formação para trabalhar com crianças com NEE:

3. Descreva as funções que desempenha neste estabelecimento educativo:

4. Comente no âmbito do seu trabalho o que lhe dá:

a) Mais satisfação:

b) Menos satisfação:

5. Razões que o/a levaram a ser educador(a) de infância:

6.

a) Como gostaria de melhorar a sua atividade profissional:

b) Dificuldades que encontra para melhorar a sua atividade profissional:

c) O quê (ou quem) poderia contribuir para essa melhoria:

7. Número de horas por dia que trabalha diretamente com crianças:

8. Está estabelecida uma componente não letiva no seu horário:

Sim ☐

Não ☐

Se sim, como usa as horas da componente não letiva?

---

---

---

Tem outros comentários a acrescentar?

---

---

---

## **Anexo 8: “Ilustração do Espaço da Sala de Atividades do Jardim de Infância**

O acolhimento era realizado no tapete grande da garagem. Neste espaço havia almofadas, de forma a que as crianças se sentissem cómodas, o que possibilitava a concentração e participação nos diversos momentos. Neste local era realizada a hora do conto e aí aconteciam também muitas interações verbais, diálogos entre a educadora e o grupo.

A área do desenho/grafismo, área do recorte/colagem/ modelagem e a área da escrita, eram realizadas no espaço central da sala, nas respectivas mesas de apoio. Estas atividades possibilitavam às crianças desenvolver a sua autonomia, motricidade fina, motivação, criatividade e espírito crítico. Numa bancada, perto da janela e do espaço central, existiam vários materiais do subdomínio das artes visuais, sendo eles: folhas de papel de diferentes tamanhos, lápis de cor, lápis de cera, canetas de feltro, tesouras, colas e revistas (que as crianças podiam cortar e colar nos seus trabalhos) e plasticinas. Os trabalhos podiam ser propostos pela educadora ou podiam surgir da iniciativa da própria criança. É importante frisar que cada criança possuía a sua caixa com os respetivos materiais de desgaste, devidamente identificada, de forma a facilitar o seu reconhecimento.

Relativamente à área da escrita, era nesse espaço que as crianças podiam escrever nos seus cadernos de escrita, recorrendo a uma caixa de palavras que a educadora cooperante construiu com palavras diversificadas e conhecidas pelo grupo. Cada caderno estava identificado com o nome da criança a quem pertencia. Esta área suscitava mais interesse nas crianças mais velhas, sendo escolhida várias vezes por semana.

Na área da pintura existia um cavalete, pincéis, copos de plástico já com tintas, folhas de papel A3, molas para prender as folhas no cavalete e aventais/bibes. Antes de cada criança iniciar a sua pintura, vestiam o avental/bibe e era colocado o seu nome e a data na folha e, no final esta era pendurada num cordel preso com molas para que a pintura pudesse secar. As atividades que ali decorriam possibilitavam o desenvolvimento da criatividade e imaginação, concentração e motricidade fina.

A área da casinha permitia às crianças desenvolver o jogo simbólico. Diversas vezes estas estabeleciam diálogo, imitando e interpretando os comportamentos dos adultos e reproduzindo momentos do seu quotidiano. Esta área possuía uma cozinha com mobiliário semelhante ao real, embora adequado à altura das crianças no centro existia uma mesa com três bancos, com uma toalha e um cesto com frutas de plástico em cima. Contava ainda com um lavatório, utensílios de plástico (copos, pratos, talhares), um forno, um fogão e alimentos de plástico. Existia uma zona que era o quarto, no qual havia uma cama, vestuários e diversos acessórios, bonecos e respetivos carrinhos.

Na área da garagem/construções encontravam-se vários meios de transporte, ferramentas, uma garagem de madeira, um tapete alusivo a uma estrada, legos e outros

elementos de construções. Este espaço proporcionava vários momentos de partilha e interação entre pares e estimulava o jogo simbólico.

Na área dos jogos de mesa, estava um móvel com vários materiais didáticos muito diversificados, como jogos de encaixe e puzzles, existindo muita oferta para as diferentes idades das crianças. Nesta área era estimulada a sua concentração e raciocínio e desenvolvida a motricidade fina e a sua autonomia.

A área dos livros continha um sofá individual, no qual as crianças se podiam sentar de modo confortável e, simultaneamente, explorar e manusear os diversos livros disponíveis no cesto. Este estava adequado à estatura das crianças, de modo a que todas acessem aos livros autonomamente. Além dos livros levados pelas crianças, os livros presentes nesta área eram utilizados pela educadora, várias vezes, para a hora do conto, que não tinha um momento específico para acontecer, tanto podia ser no período da manhã como no da tarde.

No que concerne à área dos fantoches, este espaço não existia, tendo sido criado após a intervenção, no qual existia uma Fantocheiro construído com materiais reciclados. Para além deste havia também vários fantoches elaborados na sala de atividade pelas próprias crianças. Era nesse espaço que as crianças criavam histórias improvisadas e apresentavam os seus “espetáculos”, com recurso aos fantoches disponíveis, bem como manuseavam e exploravam os diversos materiais, dando asas à sua imaginação, estimulando a criatividade.

Área da casinha



Tapete de conversação e área da garagem



Área dos jogos de construção



Área da pintura



Área dos livros





Área dos jogos de mesa



Área do recorte e colagem e Área da modelagem



Área do desenho



*Bonecos das crianças para colocar na área escolhida pela criança*



**Anexo 9: “Pedido de Autorização aos Encarregados de Educação**

**Mestrado em Educação Pré-Escolar**  
**Pedido de Autorização**



Caro/a Encarregado/a de Educação

No âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre que estou a frequentar, encontro-me a desenvolver um trabalho de investigação-ação integrado no estágio em Jardim de Infância cujo tema é “Brincar e Aprender ao Ar Livre na Educação de Infância”. O mesmo é desenvolvido sob a orientação científica e pedagógica da Professora Doutora Amélia Marchão, Professora Coordenadora da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Portalegre. O estudo conta ainda com a consentimento da Educadora Graciela Fernandes que na sala de atividades orienta e supervisiona o meu trabalho.

Para documentar a investigação-ação é necessário proceder a alguns registos fotográficos.

Assim sendo, gostaria de contar com a sua autorização para:

- entrevistar o/a seu/sua filho/filha no contexto sala de atividades, sobre as concepções que as crianças têm relativamente ao brincar e a sua importância para elas. Durante a entrevista será utilizado um aparelho áudio a fim de gravar a mesma a fim de ser tornar mais fácil a sua transcrição.
- registar, através de fotografia, as atividades que o/a seu/sua filho/a irá realizar no contexto do Jardim de Infância.

Quero ainda evidenciar que todos os registos recolhidos serão utilizados dentro da maior confidencialidade e anonimato, sendo exclusivamente usados para a realização deste estudo, nunca sendo exposta publicamente a imagem da criança ou usado o nome ou outro qualquer meio de a identificar. Também me disponibilizo, caso para isso seja solicitada, para prestar qualquer esclarecimento que considere pertinente ou para partilhar consigo o material recolhido com as crianças, bem como mostrar como o utilizarei com as mesmas no estudo.

Agradeço desde já a sua atenção e compreensão,

Com os melhores cumprimentos da aluna estagiária:

Portalegre, 18 de março de 2022

Bárbara Policarpo

### **Autorização do Encarregado de Educação**

Autorizo o meu educando, \_\_\_\_\_ a participar no estudo “Brincar e Aprender ao Ar Livre na Educação de Infância”, a realizar pela estudante Bárbara Policarpo do Mestrado em Educação Pré-escolar da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre.

Data: \_\_\_\_\_ de 2022.

Assinatura do/a Encarregado/a de Educação:

\_\_\_\_\_

**Anexo 10: “Guião de Entrevista Semiestruturada às Educadoras Cooperantes –  
Contexto de Jardim de Infância”**

O presente Guião destina-se à entrevista às educadoras cooperantes com quem realizámos a Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância. Com esta entrevista semiestruturada, de um modo geral, pretendemos conhecer as perspetivas das educadoras de infância acerca do brincar e aprender ao livre na Educação de Infância, a importância que lhe atribuem, que lugar ocupa no contexto da educação de infância e as oportunidades de aprendizagem promovidas relacionadas com a temática. De forma a atribuir uma melhor organização do guião, dividimo-lo em seis blocos, cada um com a respetiva designação, a saber: o Bloco A corresponde à “Validação e apresentação da entrevista”; no Bloco B é referida a “Identificação da Educadora Cooperante”; o Bloco C diz respeito às “Conceções sobre a importância do brincar e brincar ao ar livre”; o Bloco D corresponde às “Oportunidades de aprendizagem desenvolvidas/proporcionadas no espaço exterior/ao ar livre” e o Bloco E refere-se ao “Papel da Educadora de Infância no Brincar, mais concretamente no brincar ao ar livre”. Cada bloco apresenta objetivos e questões orientadoras, com o intuito de tornar a sua interpretação mais perceptível.

| <b>Guião de Entrevista às Educadoras Cooperantes</b>           |                                                                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |                                                                                                                                                                                                                                        |
|----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Blocos</b>                                                  | <b>Objetivos</b>                                                                                                                                                                                                                                                                      | <b>Questões Orientadoras</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               | <b>Observações</b>                                                                                                                                                                                                                     |
| <b>Bloco A:</b><br><br>Validação e apresentação da entrevista. | Validar a entrevista, informar e obter os consentimentos dos entrevistados.<br><br>Demonstrar aos entrevistados a importância da sua participação para o enriquecimento do estudo.<br><br>Assumir um compromisso ético.<br><br>Assegurar a confidencialidade dos dados e o anonimato. | > Informar os entrevistados dos objetivos da nossa investigação e no que esta consiste.<br><br>> Solicitar a colaboração dos entrevistados, a qual é indispensável para esta investigação.<br><br>> Assegurar que a entrevista é apenas utilizada para o desenvolvimento deste estudo.<br><br>> Pedir o Consentimento informado para fazer a recolha dos dados através de gravações áudio. | Realização de entrevistas semiestruturadas, com uma estrutura aberta e flexível, possibilitando uma interação dinâmica entre o entrevistador e os entrevistados.<br><br>Gravar a entrevista (áudio e vídeo através da plataforma zoom) |
|                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                                                       | > Qual a sua idade?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                        |

|                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                             |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------|
| <p><b>Bloco B:</b><br/>Identificação da Educadora Cooperante</p>                                                     | <p>Identificar as educadoras a nível académico e profissional</p>                                                                                                                                                                                 | <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Quais as suas habilitações académicas e/ou profissionais?</li> <li>➤ Quantos anos tem de serviço?</li> <li>➤ Já trabalhou em Creche?</li> <li>➤ E em Jardim de Infância?</li> <li>➤ Quanto tempo?</li> <li>➤ Baseia-se em algum modelo curricular ou pedagógico para desenvolver e sustentar a sua prática pedagógica? Qual e porquê?</li> </ul> |                                                                             |
| <p><b>Bloco C:</b><br/>Conceções sobre a importância do brincar e brincar ao ar livre</p>                            | <p>Conhecer as perspetivas das educadoras de infância relativamente à importância do brincar e brincar no espaço exterior</p> <p>Compreender de que forma o brincar e o brincar no espaço exterior/ao ar livre é valorizado pelas educadoras.</p> | <p>Qual o papel e importância que atribui ao brincar no quotidiano educativo/pedagógico?</p> <p>Considera que o brincar, sobretudo o brincar ao ar livre contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? De que modo?</p> <p>Que valor atribui aos brinquedos industrializados e aos materiais não estruturados? Porquê?</p>                                                | <p>Na sua perspetiva, o brincar é fulcral na vida das crianças? Porquê?</p> |
| <p><b>Bloco D:</b><br/>Oportunidades de aprendizagem desenvolvidas/proporcionadas no espaço exterior/ao ar livre</p> | <p>Conhecer os momentos de brincadeira ao ar livre que são possibilitados às crianças</p>                                                                                                                                                         | <p>➤ Na sua planificação é frequente desenvolver oportunidades de aprendizagem no espaço exterior? Se</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                             |



sim pode referir alguns exemplos e com que regularidade ocorrem essas oportunidades. Caso não o faça diga porquê.

Constatar se são concedidos espaços e tempo para que as crianças possam desenvolver as suas próprias brincadeiras no espaço exterior/ao ar livre, de uma forma livre e autónoma

- Qual o tempo diário ou semanal que estabelece para proporcionar às crianças brincadeira livre no espaço exterior?
- A seu ver, quais são nesse espaço as brincadeiras que as crianças mais gostam? E quais os materiais/objetos que suscitam maior interesse?
- Ao observar o brincar livre das crianças no espaço exterior, repara que estas concedem novas finalidades aos objetos/materiais disponíveis, usando a sua imaginação e criatividade?
- Através da observação ativa das brincadeiras livres das crianças no espaço exterior, o que considera de extrema importância realçar no que diz respeito às competências das crianças?
- Na sua prática futura e no seu planeamento considera importante desenvolver mais oportunidades de aprendizagem e

|                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                 | <p>brincadeira livre e espontânea às crianças fora de portas da sala de atividades?<br/>Porquê?</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       |
| <p><b>Bloco E:</b><br/>Papel da Educadora de Infância no Brincar, mais concretamente no brincar ao ar livre</p> | <p>Compreender qual o papel das educadoras de infância no brincar das crianças no espaço exterior/ao ar livre</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>➤ Durante a brincadeira livre que atitude pedagógica adota? Porquê?</li> <li>➤ Tem em consideração os interesses e necessidades das crianças de forma a proporcionar-lhes um brincar livre de qualidade?</li> <li>➤ Que critérios utiliza na seleção dos materiais e dos espaços ao ar livre que disponibiliza às crianças para estas desenvolverem as suas brincadeiras?</li> <li>➤ É importante integrar as famílias nos projetos delineados com as crianças no Jardim de Infância?</li> </ul> |

## **Anexo 11: “Guião de Entrevista às Crianças”**

**Docente Orientador:** Professora Doutora Amélia Marchão

**Discente:** Bárbara Policarpo

### **Guião de Entrevista às Crianças**

A presente entrevista insere-se num trabalho de investigação sobre as questões do Brincar e Aprender ao ar livre na Educação de Infância no contexto da Educação Pré-Escolar, sob a orientação científica e pedagógica da Professora Doutora Amélia Marchão.

Tem como principal objetivo conhecer e interpretar a opinião das crianças relativamente à importância do brincar ao ar livre no Jardim de Infância.

A opinião das crianças é fundamental para a realização deste estudo. Os dados recolhidos serão tratados de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato das crianças, sendo deste modo utilizados unicamente no contexto do estudo e sendo precedidos de consentimento informado, junto dos encarregados de educação, e de assentimento junto das crianças.

#### **Identificação:**

Idade \_\_\_\_\_

Data da entrevista \_\_\_\_\_

Tipo de entrevista: entrevista de grupo

| Guião de entrevista às crianças                               |                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                  |                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Blocos                                                        | Objetivos                                                                                                                                | Questões Orientadoras                                                                                                                                                                                                            | Observações                                                                                                                       |
| <b>Bloco A:</b><br><br>Validação e apresentação da entrevista | Validar a entrevista e motivar os entrevistados.                                                                                         | Esclarecer os entrevistados sobre conteúdo da entrevista e qual o seu objetivo.                                                                                                                                                  | Entrevista semiestruturada, de perguntas abertas, permitindo a livre expressão da entrevistada<br><br>Gravar a entrevista (áudio) |
|                                                               | Demonstrar aos entrevistados a importância da sua participação para o enriquecimento do estudo.                                          | Solicitar a colaboração dos entrevistados, a qual é indispensável para esta investigação.                                                                                                                                        |                                                                                                                                   |
|                                                               | Garantir o anonimato e a confidencialidade                                                                                               | Assegurar que a entrevista é apenas utilizada para o desenvolvimento deste estudo.<br><br>Solicitar autorização para registar a entrevista através de áudio.                                                                     |                                                                                                                                   |
| <b>Bloco B:</b><br><br>Ideias das crianças sobre o brincar    | Conhecer as perspetivas das crianças relativamente ao brincar.<br><br>Identificar o espaço onde as crianças preferem brincar e com quem. | O que é para ti brincar?<br><br>No vosso espaço exterior gostavam de ter um baloiço como o da história? Porquê?<br><br>Se tivessem uma casinha de madeira no vosso espaço exterior como a da história, que brincadeiras criavam? |                                                                                                                                   |

|                                                                                                                                                                                                    |                                                          |                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------|
| <p>No Jardim de Infância, preferes brincar na sala de atividades ou no espaço exterior/ao ar livre? Porquê?</p> <p>No jardim-de-infância, preferes brincar com os amigos ou sozinho/a? Porquê?</p> |                                                          |                                                                                |
| <p><b>Bloco C:</b></p> <p>Brincadeiras preferidas das crianças</p>                                                                                                                                 | <p>Conhecer as brincadeiras preferidas das crianças.</p> | <p>Quais as tuas brincadeiras preferidas no Jardim de Infância? e em casa?</p> |

**Anexo 12 “Narrativa para introduzir a entrevista com as crianças”**

### **Como é bom brincar ao ar livre!**

Numa linda tarde de primavera, o Diogo, a Marta e o Gonçalo brincam no jardim da sua escola. Estes três amigos gostam muito de brincar no espaço exterior/ao ar livre, porque podem criar as suas próprias brincadeiras, descobrirem novos materiais/objetos, assim como o mundo que os rodeia, sem quaisquer limitações, usando a sua imaginação e criatividade. E para vocês, o que é brincar?

O Diogo descobriu que ao fundo do jardim havia uma um balanço feito no ramo de uma árvore, por isso decidiu chamar os seus amigos, que quiseram logo experimentá-lo, ajudando a balançar o Diogo. No vosso espaço exterior, gostavam de ter um balanço como este? Porquê? Se tivessem no lugar destes três amigos, teriam também curiosidade e vontade de experimentar este balanço?

A Marta como é uma menina muito aventureira subiu uma pequena colina e no cimo desta estava uma linda casinha feita de madeira que tinha sido construída, uns dias antes, pela educadora com a colaboração das crianças e suas famílias.

De seguida, abriu a porta e pôs-se a imaginar que estava numa cozinha e aprontou-se a apanhar ervas, paus, folhas, pedras, pinhas, terra, juntou um pouco de água e começou a fazer o jantar para todos. E se vocês tivessem uma casinha destas no espaço exterior do jardim de infância, que brincadeiras criavam?

O Gonçalo que não gostava de brincar às casinhas, dirigiu-se ao pequeno lado que ficava situado no meio do jardim. É neste espaço que o Gonçalo preferia brincar porque era aí que descobria novos animais, brincava com eles, alimentava-os com pequenas ervas que encontrava ali por perto do lado. E para vocês, quais são as vossas brincadeiras preferidas no Jardim de Infância? e em casa?

Depois de uma bela tarde bem passada a brincar no espaço exterior/ao ar livre, os três amigos regressaram à sua sala e realizaram maravilhosos trabalhos sobre a primavera. Assim que terminaram, a educadora deu-lhes a oportunidade de escolherem para qual das áreas gostavam de ir brincar. E vocês, preferem brincar no espaço exterior/ao ar livre ou na sala de atividades? Porquê?

No Jardim de Infância, o Diogo, a Marta e o Gonçalo gostam muito de brincar juntos, porque divertem-se mais, criam novas brincadeiras, partilham e aprendem a aceitar as ideias uns dos outros. E vocês, no jardim de infância, gostam mais de brincar sozinhos ou com os vossos amigos? Porquê?



**Anexo 13: “Transcrição da Entrevista às Educadoras Cooperantes – Contexto de Jardim de Infância”**

**Contexto educativo:** Pré-Escolar

**Participantes:** Educadora Estagiária e Educadora Cooperante<sup>1</sup>

**Bloco B:** Identificação da Educadora Cooperante

➤ **Qual a sua idade?**

Tenho 59 anos.

➤ **Quais as suas habilitações académicas/profissionais?**

Complemento de Formação (Licenciatura).

➤ **Quantos anos tem de serviço?**

Tenho 38 anos.

➤ **Já trabalhou em Creche? E em Jardim de Infância? Quanto tempo?**

Em Creche nunca trabalhei, só realizei estágio e em Jardim de Infância trabalho há 38 anos.

➤ **Baseia-se em algum modelo curricular ou pedagógico para desenvolver e sustentar a sua prática pedagógica? Qual e porquê?**

Não sigo um modelo específico. Existe alguns com os quais eu me identifico e onde gosto de apanhar e reunir aquilo que é a minha maneira de estar e trabalhar, reconhecendo sempre a criança como uma centralidade, nomeadamente o modelo de Reggio Emilia, o Trabalho Projeto associado ao modelo de Reggio Emilia. A meu ver, para se seguir um modelo específico é necessário existir uma boa estrutura, desta forma, todos eles se interligam em determinados pontos e é assim que através dos mesmos vou atualizando a minha prática pedagógica ao longo dos anos.

### **Bloco C:** Concepções sobre a importância do brincar e brincar ao ar livre

➤ **Qual o papel e importância que atribui ao brincar no cotidiano educativo/pedagógico?**

A base e o foco principal recai no brincar, pois todas as aprendizagens podem ser feitas através do brincar, ao mesmo tempo que brincam as crianças aprendem, quer sozinhas, quer em interação uns com os outros.

**Ed. E.** - Na sua perspectiva, o brincar é fulcral na vida das crianças? Porquê?

**Ed. C1-** Sim acredito e defendo que o brincar é fulcral na vida das crianças, porque é através dele que a criança se desenvolve na sua globalidade, isto é em todas as dimensões do seu ser; quando brinca a criança prende o mundo físico, o mundo das emoções, o mundo experiencial, o mundo social e cooperativo e tudo o resto que é o seu meio envolvente; a criança usa o brincar em todos os momentos da infância através da curiosidade e da exploração...as cem linguagens da criança.

➤ **Considera que o brincar, sobretudo o brincar ao ar livre contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? De que modo?**

Sim, porque através do brincar ao ar livre as crianças fazem toda uma aprendizagem de forma ativa e participada, sendo elas os agentes da sua aprendizagem, quando trepam, quando descobrem um bichinho e nos vêm mostrar o que encontraram, quando escavam a terra, quando sobem e descem rampas, quando caem e sozinhas se levantam, quando cooperam no trabalho, estando presente a cooperação entre pares. Um exemplo desta cooperação é quando por exemplo estão no cimo da rampa e querem transportar um tronco pesado cá para baixo, então colocam-no a rolar pela rampa e uma outra criança espera-o cá em baixo, estando sempre envolvida nestas ações a parte motora.

Importa ainda referir que quando as crianças regam as plantas, estão a cuidar da Natureza, em interação direta com o meio e a darem importância aos seres vivos, bem como à prevenção do nosso planeta. Até mesmo quando brincam com os materiais nós aproveitamos para o espaço exterior, de forma a incutir na criança a importância de reaproveitar. Ao ar livre, as crianças interagem mais umas com as outras, havendo menos brigas, desenvolvem mais a linguagem quando cantam e fazem rodas por iniciativa própria e até mesmo quando a educadora se envolve na brincadeira, ao observar que é oportuno fazê-lo. Também quando brincam com a água estão a realizar experiências da vida ou da ciência, por exemplo quando transferem água de um lugar para outro, quando estão a tocar música nos baldes de metal ou nas latas, estão de certo modo a apurar o sentido crítico e musical. Por isso, brincar ao ar livre, a meu ver, desenvolve-as em todos os sentidos, sendo fundamental, cada vez mais, leva-las para a rua e é no jardim de infância que isso deve acontecer, uma vez que a maior parte das crianças só brincam na rua quando vão aos parques onde existem aquelas estruturas já montadas, não permitindo que sejam elas a criarem as suas próprias brincadeiras e serem livres e felizes.

➤ **Que valor atribui aos brinquedos industrializados e aos materiais não estruturados?**

Ambos são viáveis e necessários. Por um lado, podemos rentabilizar material, ou seja, reaproveitar/reutilizar, por outro, a parte da tecnologia também se torna importante, os computadores neste caso, visto que hoje em dia vivemos num mundo industrializado, num mundo tecnológico.

No que se refere aos jogos para crianças, que já existem ou que possamos construir, estes são facilitadores e se os soubermos aproveitar e usá-los com qualidade é uma mais valia, deixando-os ao alcance das crianças como mais um recurso para estas usarem. É importante explicar-lhes como se usam esses recursos, de modo a que os possam utilizar de forma autónoma. Assim, pretende-se que as crianças percebam que se podem reaproveitar e reutilizar materiais do nosso quotidiano e que depois quando já não estão em bom estado, vão então para a reciclagem e são substituídos.

Um exemplo ilustrativo recai sobre a brincadeira com caixas de cartão, e muitas mais podiam ser mencionadas, devido ao nosso dia a dia no jardim de infância.

**Bloco D:** Oportunidades de aprendizagem desenvolvidas/proporcionadas no espaço exterior/ao ar livre

➤ **Na sua planificação é frequente desenvolver oportunidades de aprendizagem no espaço exterior? Se sim pode referir alguns exemplos e com que regularidade ocorrem essas oportunidades. Caso não o faça diga porquê.**

Sim, tudo o que se faz dentro da sala de atividades pode ser feito no espaço exterior, ao ar livre, por isso este espaço é como se fosse a nossa segunda sala e é lá que lhes proporciono inúmeras oportunidades de aprendizagem e brincadeiras, sempre que é oportuno e que as condições atmosféricas permitem. Alguns exemplos de atividades que desenvolvo neste espaço com as crianças são as seguintes: pinturas, digitinta, observar e explorar a Natureza, cuidar das plantas, contar histórias, cantar canções, desenho à vista desarmada, tirar fotografias ao que gostam, fazem-se jogos, canções de roda..., basicamente quase tudo o que se faz na sala pode ser feito lá fora, basta que se criem condições para tal e que as educadoras estejam dispostas a saírem um pouco da sua zona de conforto, não tenham medo dos riscos e que sobretudo oiçam os interesses e necessidades do seu grupo. Para além das atividades anteriormente mencionadas, criámos várias áreas para as brincadeiras e disponibilizamos diversos objetos/materiais de fim aberto, bem como os que estão disponíveis na Natureza com os quais as crianças gostam bastante de brincar.

Relativamente às várias áreas criadas, de acordo com os interesses das crianças, posso referir que temos uma cozinha de lama, um autocarro, uma parede de água, uma parede musical e ainda cordas para que as crianças possam subir/trepar a rampa que se encontra no nosso espaço.

Considero importante envolver as crianças e pedir a sua ajuda quer seja para transportar os materiais para o exterior, quer seja para colaborarem na organização do espaço, escutando sempre as suas ideias de forma a aceitar e valorizar as mesmas, sendo esta uma forma de as motivar.

- **Qual o tempo diário ou semanal que estabelece para proporcionar às crianças brincadeira livre no espaço exterior?**

Sempre que o tempo permite, normalmente, 2/3 horas por dias. Mesmo quando estamos no outono/inverno, que o frio e a chuva já se fazem sentir, vestimos roupa adequada, como casacos, capas de chuva, galochas e lá vamos nós, brincar e aproveitar o que a Natureza nos tem para oferecer e proporcionar.

- **A seu ver, quais são nesse espaço as brincadeiras que as crianças mais gostam? E quais os materiais/objetos que suscitam maior interesse?**

Os espaços mais desejáveis pelas crianças sempre que vão para o exterior, são aqueles que foram (re)construídos com a sua participação e colaboração dos pais e comunidade, entre estes: a cozinha de lama, o autocarro, a parede sonora e a parede de água. Nestes espaços, as crianças brincam com os vários objetos/materiais estruturados e não estruturados disponíveis, criando também as suas próprias brincadeiras com terra, sobretudo o brincar ao faz de conta, estabelecendo inúmeras interações uns com os outros. As crianças dispersam-se pelos vários espaços disponíveis, não se verificando conflitos entre as crianças pela disputa dos mesmos, bem como dos materiais. Aproveitamos muitas vezes o espaço exterior para lanchar ao ar livre, pois é solicitado pelas crianças. Para este efeito, usamos os pneus e os bancos para as crianças se sentarem e comerem o seu lanche da manhã.

- **Ao observar o brincar livre das crianças no espaço exterior, repara que estas concedem novas finalidades aos objetos/materiais disponíveis, usando a sua imaginação e criatividade?**

Sim, as crianças são bastante criativas quando utilizam e brincam com os objetos/materiais nos vários espaços, têm a capacidade de transformar e criar muitas brincadeiras. Misturam terra com água e dizem que estão a fazer bolos de aniversários ou comida, misturando também algumas ervas e ainda imaginam que os troncos dispersos pelo espaço são lenha e andam sempre a transportá-los de um lado para o outro....

- **Através da observação ativa das crianças no espaço exterior, o que considera de extrema importância realçar no que diz respeito às competências das crianças?**

Relativamente às competências, importa realçar competências motoras (grossa e fina), competências linguísticas, interação e cooperação, destreza (encher e esvaziar), o desenvolvimento da autonomia (calçar e descalçar as galochas, vestir e despir os casacos), a responsabilização pelas coisas que os envolve e a comunicação uns com os outros torna-se essencial quando as crianças estão nestes espaços.

- **Na sua prática futura e no seu planejamento considera importante desenvolver mais oportunidades de aprendizagem e brincadeira ao ar livre e espontânea às crianças fora de portas da sala de atividades? Porquê?**

Procuro sempre desenvolver e envolver as crianças nas práticas ao ar livre, proporcionando muitas aprendizagens por via da brincadeira, pois a brincar a criança aprende, e neste sentido, a minha prática será sempre por esta via e cada vez mais procurarei fazer desta forma, desde que tenha possibilidades e sempre que o espaço me permita.

É importante “sair fora da caixa”, proporcionar vivências e aprendizagens diversificadas, desafiadoras e provocadoras, pois é assim que me vejo enquanto educadora de infância (...). Uma educadora desafiadora, provocadora e “brincadora”, sempre a olhar para a criança como a figura central da minha prática, indo ao encontro dos seus interesses e necessidades, pois todos os dias aprendo com elas. As aprendizagens realizadas pelas crianças ocorrem de forma espontânea e natural.

**Bloco E:** Papel da educadora de infância no brincar, mais concretamente no brincar ao ar livre

- **Durante a brincadeira livre que atitude pedagógica adota? Porquê?**

A minha atitude é de observadora/participativa. Realizo uma observação atenta, baseada no questionamento, cooperação e ajuda, sempre na perspetiva de não me envolver demasiado no que as crianças estão a fazer, ou seja, adoto uma forma de estar, mas sem estar, estar por trás, mas sempre atenta e disponível sempre que seja necessário.

A meu ver, considero importante no final da brincadeira ou mesmo no decorrer da mesma e se necessário, questionar as crianças, despertando um maior interesse sobre o que estas viram ou descobriram.

- **Tem em consideração os interesses e necessidades das crianças de forma a proporcionar-lhes um brincar livre de qualidade?**

Sim, preocupo-me sempre em escutar as crianças, aceitando e valorizando as opiniões das crianças, tendo em conta os seus interesses e necessidades.

- **Que critérios utiliza na seleção dos materiais e dos espaços ao ar livre que disponibiliza às crianças para estas desenvolverem as suas brincadeiras?**

Procuo criar oportunidades de abertura ao que são capazes de fazer (...), criando critérios de facilitadora, na exploração dos diversos materiais, critérios de defesa do meio ambiente, fazendo com estas saibam respeitar o planeta e os seres vivos, critérios de reutilização, pois todos os materiais/objetos que se encontram no nosso espaço são reutilizados e reaproveitados, existindo porém outros materiais mais convencionais, do nosso quotidiano. É deste modo importante que as crianças saibam ter respeito umas pelas outras, pois somos mais um ser no mundo, que saibam respeitar o espaço que cabe a cada uma e que saibam viver de forma harmoniosa.

- **É importante integrar as famílias nos projetos delineados com as crianças no Jardim de Infância?**

Sim, neste projeto da (re)construção do espaço exterior foi bastante visível e fundamental o envolvimento e participação das famílias, sem elas nada teria sido possível de realizar. Tudo começou com uma reunião na plataforma zoom de forma a dar conhecimento aos pais das nossas intenções, das preferências das crianças e também quais os nossos receios que poderiam surgir. Após esta reunião, os pais mostrarem-se sempre disponíveis para colaborar no que era solicitado, envolvendo sobretudo as crianças.

Considero importante realçar que é fundamental existir e criar com os pais uma relação e trabalho colaborativo, pois os/as educadores/as são apenas vistos como facilitadores nessa relação e os pais são os nossos parceiros, são eles os principais educadores e o interesse de ambos é o bem-estar e desenvolvimento da criança, através de aprendizagens ativas e significativas.

Neste sentido, é essencial que os pais/encarregados de educação/famílias, conheçam e estejam a par das intencionalidades do/a educador/a, valorizem o que as crianças fazem no seu dia a dia no jardim de infância e, em conjunto, trabalhem para o mesmo, para a criança.

**Contexto educativo:** Jardim de Infância

**Participantes:** Educadora Estagiária e Educadora Cooperante2

**Bloco B:** Identificação da Educadora Cooperante

- **Qual a sua idade?**

Tenho 44 anos.

➤ **Quais as suas habilitações académicas/profissionais?**

Mestrado em Educação Especial, mais concretamente desenvolvimento cognitivo e motor.

➤ **Quantos anos tem de serviço?**

Tenho 17 anos.

➤ **Já trabalhou em Creche? E em Jardim de Infância? Quanto tempo?**

Em Creche trabalhei 5 anos e em Jardim de Infância 12 anos.

➤ **Baseia-se em algum modelo curricular ou pedagógico para desenvolver e sustentar a sua prática pedagógica? Qual e porquê?**

Sim, em Creche baseio-me no High Scope e em Pré-Escolar, procuro desenvolver a minha prática muito baseada em Montessori e no Movimento da Escola Moderna (MEM), nestes três últimos anos, baseio-me também na Pedagogia de Waldorf, e neste ano letivo, pela primeira vez, no modelo de Reggio Emilia (com linguagens da criança). Considero importante referir que a escolha dos modelos pelos quais irei basear a minha prática depende de ano para ano, atendo ao grupo de crianças e à sua faixa etária, aos temas dos projetos, entre outros critérios que considero relevantes. Quero deixar bem claro que não sigo um modelo específico ao pormenor, retiro algumas coisas de cada um e adapto tendo em consideração os meus objetivos e os interesses e necessidades das crianças. Nunca trabalho um modelo só, para mim faz mais sentido a junção deles todos, de forma a proporcionar um melhor desenvolvimento à criança. Antes de se escolher qualquer modelo, deve-se observar o grupo, embora já se tenha uma ideia do que pretendemos, é necessário sempre adaptar ao contexto e situações com as quais nos deparamos diariamente na nossa prática pedagógica.

**Bloco C:** Concepções sobre a importância do brincar e brincar ao ar livre

➤ **Qual o papel e importância que atribui ao brincar no quotidiano educativo/pedagógico?**

O brincar é essencial na vida de uma criança, dado que permite que esta se desenvolva de forma positiva e global, é através do brincar que a criança desenvolve todo e qualquer tipo de habilidades, sejam elas sociais, emocionais, cognitivas. Por outro lado, também favorece a atividade cerebral, a autonomia e a segurança.

**Ed. E. - Na sua perspetiva, o brincar é fulcral na vida das crianças? Porquê?**



**Ed. C2-** Sim, porque é através das brincadeiras que as crianças se preparam para a vida adulta e é também no brincar que estas aprendem a resolver conflitos, a gerir emoções e a desenvolver a imaginação e a criatividade. Neste sentido, o jogo simbólico ajuda no desenvolvimento motor, bem como os jogos no exterior, favorecendo assim a autonomia, a atividade cerebral e a segurança.

➤ **Considera que o brincar, sobretudo o brincar ao ar livre contribui para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças? De que modo?**

Sim, cada vez mais, e acho que está um pouco esquecido, porque se fizermos uma retrospeção na nossa vida como adultos, neste momento é impossível e difícil esquecer as brincadeiras que fazíamos por exemplo com os nossos irmãos, vizinhos, primos..., nos encontros familiares, essas jamais esqueceremos e o quão felizes eramos. Para nós tudo era um brinquedo, de tudo se fazia uma brincadeira e (...) e aí ganhamos destrezas motoras que já mais foram esquecidas, ganhamos também mais confiança, o respeito pelo outro, saber partilhar e aceitar a opinião e as ideias dos outros. A importância do contacto com a Natureza, o mexer nisto, o mexer naquilo, a descobertas das diferentes texturas, através das várias brincadeiras criadas ao ar livre e o quanto essas eram importantes para a nossa imunidade, do sistema imunológico, estávamos mais protegidos das doenças, apanhávamos muita vitamina D e é isso que faz falta às crianças, ganharem imunidade. Hoje em dia, as crianças vivem numa bolha, demasiado protegidas pelos próprios pais, é fundamental que tenham oportunidade para brincarem na rua, estarem em contacto com o meio, sem haver aquele medo da criança se sujar, cair, trepar, rebolar, brincar com o que não brincam em casa...

A meu ver, observo muitas vezes que as crianças quando chegam à rua correm sem destino, sentem-se perdidas no espaço, correm sem olharem para trás, um correr sem sentido, porque lá está não estão familiarizadas ao meio que as rodeia. Outra observação que quero evidenciar é que a maior parte das crianças não conseguem atribuir um valor aos objetos/materiais não estruturados (paus, pedras, folhas...). Nós, antigamente, também corríamos, mas era um correr diferente, depressa inventávamos um jogo ou imaginávamos uma brincadeira, algo diferente do que nos dias de hoje não acontece. É importante correr, para de algum modo podermos libertar as raivas, e a agressividade que existe dentro de nós, sobretudo para soltarmos a adrenalina que existe dentro do nosso corpo.

Um outro exemplo que gostava de referir é que as crianças hoje vão para o espaço exterior, principalmente as que não estão habituadas, e não sabem o que fazer, com o que brincar e essa ida à rua é também para elas uma aprendizagem. São essas pequenas coisas que “nós” enquanto adultos e educadores temos que saber observar e parar para refletir o que se pode fazer com essas crianças numa ida futura ao exterior.

Há brincadeiras que são estruturadas, outras não, e “nós”, temos que saber dar liberdade à criança para que esta consiga criar as suas próprias brincadeiras sem que seja preciso o adulto estar sempre a interferir, ou seja, ver o que a criança é ou não capaz de fazer sozinha para, se necessário intervir.

Ahhh (...) as crianças levam algum tempo até descobrirem que no exterior existem objetos/materiais e elementos com os quais podem brincar, manipular, criar e isso tem se verificado cada vez mais, sobretudo nestes dois últimos anos que em parte, prejudicaram as crianças nesse sentido. Nota-se cada vez mais que existem crianças que não têm equilíbrio, coordenação motora e o seu desenvolvimento psicomotor está muito afetado, devido à situação pandémica que atravessámos, em que as crianças estiveram demasiado

tempo fechadas em casa. É na rua que a criança aprende os limites e onde se defronta com os perigos, os quais terá que enfrentar para poder crescer.

Na minha prática, procuro sempre que possível, levar o meu grupo de crianças para o espaço exterior de forma a proporcionar novas aprendizagens e momentos únicos de grande descoberta e exploração.

Quero apenas frisar que não é por estar frio ou a chover que deixámos de ir brincar ao ar livre, pois não existe tempo mau, existe sim vestuário adequado. Por isso, não podemos deixar que as condições atmosféricas sejam a “desculpa” para manter crianças fechadas todo o dia em salas de atividades.

➤ **Que valor atribui aos brinquedos industrializados e aos materiais não estruturados?**

Olha... eu acho que os brinquedos industrializados são de mais fácil acessibilidade, por exemplo, existem brinquedos mais elaborados que proporcionam outros estímulos às crianças, permitindo que estas desenvolvam mais a criatividade e imaginação e depois são também brinquedos muito automáticos que prendem a atenção da criança através do som, das luzes (...), são feitos para aquele efeito e nada mais, são muito monitorizados e quando se estragam vão para o lixo, não têm outro reaproveitamento.

Desde cedo, as crianças têm que ser sensibilizadas para a ecologia, e esses materiais a nível ecológico não são nada favoráveis ao ambiente.

Relativamente aos materiais não estruturados, acho que esses dão asas às crianças para fazerem o que quiserem, são brinquedos que se encontram facilmente no nosso quotidiano, tal como em casa, na natureza, não sendo dispendiosos. Um brinquedo não estruturado não se resume apenas ao que a natureza nos dá... (não são só paus, pedras, folhas...) é preciso sensibilizar as crianças para tal e isso, cabe-nos a nós enquanto adultos. É assim, por exemplo, uma garrafa de plástico, em vez de ir para o lixo pode ser reaproveitada para outro fim, assim como as caixas de cartão, as caixas dos ovos, objetos de cozinha já menos usados, como colheres de pau, taparueres, tachos, utensílios de cozinha, escurredores, alguidares, molas de roupa, entre outros. Outros exemplos, é que podemos construir e criar fantoches com colheres de pau, basta sermos criativos, a partir de uma caixa de ovos é possível construir um jogo de forma a promover a motricidade fina e quando este se estragar, essa caixa pode-se transformar numa flor, por exemplo.

Estes tipos de materiais são mais fáceis de se substituírem do que os brinquedos industrializados e isso faz com que a criança perceba que os materiais podem ter outra utilidade e que as coisas não têm que ser todas compradas, é possível criarmos brinquedos e brincadeiras, basta usarmos a nossa imaginação e criatividade.

A colaboração dos pais também é fundamental, pois é importante sensibilizá-los para reunirem esse tipo de materiais em casa para as crianças poderem levá-los para o jardim de infância. Criar na sala de atividades uma área com este tipo de materiais também se torna interessante, de modo a que a criança ter contacto com esses materiais no seu dia a dia.

Houve-se e fala-se tanto de educação ambiental, mas não a colocamos em prática. Nesse sentido, deve partir de “nós”, enquanto profissionais de educação para que possamos dar o exemplo às crianças.

Tenho consciência de que é um longo caminho para percorrer, mas é necessário que todos estejam interligados e caminhem na mesma direção, o que nem sempre acontece. É verdade que temos que ter recursos para tal.

Através destes materiais não estruturados as crianças aprendem mais por elas próprias, é importante deixá-los pensar, imaginar e criar de forma a que possam desenvolver o seu raciocínio lógico, científico, matemático... é tudo, tudo, tudo isso (...), é deixá-los pensar, mais concretamente, ensiná-los a pensar, acho que deve passar por aí!

**Bloco D:** Oportunidades de aprendizagem desenvolvidas/proporcionadas no espaço exterior/ao ar livre

- **Na sua planificação é frequente desenvolver oportunidades de aprendizagem no espaço exterior? Se sim pode referir alguns exemplos e com que regularidade ocorrem essas oportunidades. Caso não o faça diga porquê.**

Sim, embora dependa da faixa etária do grupo, por exemplo, costumamos ir á rua observar o meio envolvente. Na primavera, as crianças gostam de ir ouvir as andorinhas, ver se encontram algum ninho, enquanto que no inverno gostam de ir observar, sentir e brincar na chuva. Muitas vezes pedem-me para desenhar o que estão a observar e depois partilham com os colegas o que cada um desenhou.

Quando as condições atmosféricas permitem, as atividades de educação física são realizadas no exterior, com caminhas à serra que se situa perto do jardim de infância e aproveitamos sempre para brincar lá com os materiais que a Natureza nos oferece.

As regularidades com que isto acontece, depende sempre do que as crianças querem e têm interesse, mas tento fazê-lo sempre que haja oportunidade.

- **Qual o tempo diário ou semanal que estabelece para proporcionar às crianças brincadeira livre no espaço exterior?**

É assim, todos os dias à hora de almoço ou no período da manhã ou até mesmo ao final da tarde, as crianças vão para o parque, embora seja coberto e com uma estrutura para as crianças poderem brincar, sempre saem do espaço da sala e veem com a assistente operacional para o espaço exterior.

Todas as segundas-feiras, vamos regar uma árvore que plantámos na nossa horta, e os restantes dias é sempre que haja dissipabilidade e quando os momentos se proporcionam, não havendo tempo estipulado para tal.

O tempo mais estipulado é na hora de almoço e à tarde até à hora do lanche que brincam no parque ou no campo de futebol em terra e por vezes saímos fora do jardim de infância para ir passear pela cidade (deslocam-se ao parque municipal, ao mercado, ou a outros eventos programados).

- **A seu ver, quais são nesse espaço as brincadeiras que as crianças mais gostam? E quais os materiais/objetos que suscitam maior interesse?**

As brincadeiras que as crianças mais gostam são as seguintes: correr, jogar à bola e jogar à apanhada, sobretudo os meninos, enquanto que as meninas gostam de brincar às casinhas, brincar aos restaurantes (apanham paus, flores, folhas, e com areia e água criam os seus próprios pratos) e gostam de desenhar na terra.

Quando vão brincar para o parque, aí, brincam ao faz de conta na casinha com as bonecas, gostam de andar no escorrega, subir e descer escadas e muitas corridas.

Gostam bastante de fazer jogos, como o jogo do lenço, jogo da mamã dá licença, imaginam que estão numa floresta e que uma ou duas criança é o lobo mau e as restantes têm que fugir para não serem apanhadas, este tipo de jogos fazem sem qualquer orientação, já no que toca às brincadeiras de roda, estas só com a orientação e intervenção da educadora ou da assistente operacional.

- **Ao observar o brincar livre das crianças no espaço exterior, repara que estas concedem novas finalidades aos objetos/materiais disponíveis, usando a sua imaginação e criatividade?**

Sim, sim, quando por exemplo veem paus no chão, vão apanhá-los e começam a escrever ou a fazer desenhos no chão, assim como também os usam para fazer “comida”, São crianças que dão sentido e significado a esses objetos que encontram quando estão no espaço exterior ou então criam e transforma-nos.

É importante que as crianças tenham a capacidade para criarem novas brincadeiras, serem criativas, desenvolvendo assim a sua imaginação. É um grupo que tanto no interior como no exterior gosta muito de brincar ao faz de conta.

- **Através da observação ativa das crianças no espaço exterior, o que considera de extrema importância realçar no que diz respeito às competências das crianças?**

Relativamente às competências, saliento principalmente a interação social, a criatividade e imaginação, assim como a parte psicomotora (...) acho que é tudo de extrema importância e ainda existem muitas mais, mas as que referi são a que considero mais importantes.

No espaço exterior, as interações sociais ocorrem de uma forma bastante diferente, visto que as crianças no exterior se sentem mais livres, porque estão fora do contexto de sala, estão num espaço diferente, ao ar livre, e acabam por ser mais elas próprias e exprimem-se muito mais, sobretudo quando o adulto não está envolvido nas suas brincadeiras.

- **Na sua prática futura e no seu planeamento considera importante desenvolver mais oportunidades de aprendizagem e brincadeira ao ar livre e espontânea às crianças fora de portas da sala de atividades? Porquê?**

Sim, sim, sim, acho que temos que parar e pensar nisso, embora não sejamos só nós, as próprias Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar falam nessa mudança, pois se as formos consultar, o brincar está lá bem vincado, bem como a importância do ar livre, e é aí que começa (...) Agora temos que estar preparados, as coisas acontecem ao contrário do que muitas pessoas pensam, pois tudo isso exige um grande esforço e trabalho, todos nós sabemos que uma simples ida à rua existe intencionalidade, ou seja, mesmo que a ida ao exterior seja para as crianças poderem brincar, esse brincar é preparado pela educadora e tem intencionalidade pedagógica. Assim sendo, a educadora nesse momento assume uma postura atenta, observadora, participativa (se achar oportuno), dando liberdade às crianças e ao mesmo tempo ensinando-lhes que mesmo ao ar livre também existem regras e limites, porque uma criança sem regras e limites não é feliz nem está bem.

**Bloco E:** Papel da educadora de infância no brincar, mais concretamente no brincar ao ar livre

➤ **Durante a brincadeira livre que atitude pedagógica adota? Porquê?**

A minha atitude é de observadora, quando as crianças brincam de forma livre, embora por vezes seja necessário intervir e aí assumo uma atitude participativa, quando vejo que existem conflitos entre as crianças, bem como nas brincadeiras orientadas (jogos, canções de roda), em que é necessário por vezes acalmar o grupo e têm que ser adotadas estratégias para tal, Nem sempre adoto a mesma postura, tudo depende do momento e da forma de estar do grupo,

➤ **Tem em consideração os interesses e necessidades das crianças de forma a proporcionar-lhes um brincar livre de qualidade?**

Sim.

➤ **Que critérios utiliza na seleção dos materiais e dos espaços ao ar livre que disponibiliza às crianças para estas desenvolverem as suas brincadeiras?**

Critérios de segurança, usufruindo do espaço exterior para brincar em segurança e sem perigos;  
É importante nesse sentido dar a conhecer à criança que existem perigos e que estas podem correr riscos, por exemplo torna-se fundamental explicar que as pedras não servem para atirar aos outros colegas. Devem e podem ser usadas noutro sentido.

➤ **É importante integrar as famílias nos projetos delineados com as crianças no Jardim de Infância?**

Sim, visto que as aprendizagens das crianças são feitas em contexto escola-família. É importante convidar os pais a irem à nossa sala para participarem numa atividade com as crianças, como por exemplo: contar uma história, falar da sua profissão, cantar uma canção, não participar somente quando são as épocas festivas. Para a criança a presença dos pais/família no jardim de infância é de extrema importância, pois transmite-lhe confiança, segurança e tranquilidade.  
Um pai, uma mãe, uma avó ou um avô que venha à nossa sala de atividades, passe lá uma manhã ou uma tarde, que interage com as crianças, que vê como as coisas acontecem, transformam-se em pais/famílias mais seguras e confiantes. Esse sentimento de segurança, tranquilidade e confiança é transmitido à criança e torna-se o suficiente para que estas cresçam de uma forma mais saudável e feliz, pois as crianças sentem e veem muito mais do que nós...

#### **Anexo 14: “Transcrição da Entrevista às Crianças”**

**Criança 1 (C1)**

**Criança 2 (C2)**

**Criança 3 (C3)**

**Criança 4 (C4)**

**Criança 5 (C5)**

**Criança 6 (C6)**

---

### **1. O que é brincar?**

**C1-** É o trabalho.

**Ed. E-** De quem?

**C1-** Das crianças.

**C2-** É ver os amigos felizes.

**C3-** É estar com os amigos e ter imaginação para criar brincadeiras com os objetos/materiais que estão no espaço da terra.

**C4-** É nos divertirmos com os nossos amigos.

**C5-** É podermos brincar com os amigos.

**C6-** É brincar com os amigos nos trampolins e andar de bicicleta.

### **2. No vosso espaço exterior, gostavam de ter um baloiço como este? Porquê?**

Sim. (Resposta dada em grande grupo)

**C1-** Porque é divertido andar de baloiço.

**C2-** Porque se fecharmos os olhos e baloiçarmos bem alto, parece que vamos voar como os passarinhos ou que estamos a andar num avião. Eu gostava que os meus amigos também sentissem o que eu sinto quando ando num baloiço.

**C3-** Podemos construí-lo com umas cordas e com um pneu ou meter uma tábua de madeira, para servir de banco para sentar. É bastante fácil, não é preciso gastar muito dinheiro, os materiais são fáceis de arranjar e sem dúvida que nos iríamos divertir muito.

### **3. Se tivessem uma casinha de madeira no vosso espaço exterior que brincadeiras criavam?**

**C1-** Brincávamos aos restaurantes

**C1-** Podíamos brincar aos pais e às mães.

**C2-** Fazíamos festas de aniversários

**C2-** A casinha podia-se transformar num castelo e assim fazíamos de conta que erámos rainhas, reis, príncipes e princesas

**Ed. E-** E o que podia existir mais no castelo?

**C1-** Brincávamos às criadas, eu podia ser a criada da rainha como aparece nos filmes de princesas.

#### **4. Quais as vossas brincadeiras preferidas?**

**C3-** Jogar à apanhada, brincar na cozinha de lama às festas de aniversário, fazer comidas com os elementos que apanhamos na Natureza (paus, ervas, folhas, pinhas, flores, pedras...) e com os objetos que fazem parte da nossa cozinha de lama e outros que temos no espaço (pás, baldes, rolhas, troncos...).

**C2-** Gosto muito de brincar na rua, ao ar livre, a fazer bolos e comida com terra.

**C5-** Gosto de brincar às mães e aos pais.

**C1-** A minha brincadeira preferida é jogar à apanhada.

**C4-** Gosto muito de brincar às escondidas.

**C6-** Adoro fazer corridas.

#### **5. Preferem brincar no espaço exterior/ao ar livre, ou na sala de atividades? Porquê?**

Na rua, ao ar livre (resposta dada pelo grupo)

**C2-** Porque podemos brincar aos aviões e correr (na sala não se pode correr).

**C1-** Porque estamos ao ar livre e podemos brincar à apanhada e na sala não, também temos mais coisas para brincar.

**C4-** Porque podemos criar outras brincadeiras que não é possível na sala e com isso ficamos mais felizes.

**C5-** Porque respiramos ar puro e estamos ao ar livre.

**C3-** Porque temos mais espaço e podemos correr à vontade e fazer jogos divertidos que não dão para fazer na sala.

**C6-** Porque me sinto mais livre.

#### **6. No Jardim de Infância, gostam mais de brincar sozinhos ou com os vossos amigos? Porquê?**

Com os nossos amigos (resposta dada de imediato pelo grupo de crianças).

**C1-** Porque sem os amigos é impossível estarmos alegres.

**C3-** Porque sem amigos não conseguimos brincar a algumas brincadeiras e ficamos tristes.

**C2-** Porque na nossa vida precisamos uns dos outros e só com amigos é que somos felizes.

**C4-** Porque podemos criar muitas brincadeiras juntos e é mais divertido brincar acompanhado.



**7. Em casa, quais as vossas brincadeiras preferidas?**

**C1-** Eu brinco com as bonecas e com os peluches às escolas, faço de conta que sou a professora e eles os meus alunos.

**C3-** Gosto de brincar com os bonecos, faz de conta que são os meus filhos, dou-lhes de comida, mudo as fraldas, mudo de roupas e passeio com eles no carrinho.

**C2-** Quando estou em casa gosto de ir andar de bicicleta com os meus pais.

**C4-** Gosto de brincar no meu quintal com os meus bonecos, aos pais e às mães.

**Anexo 15: “Fotografias que documentam as diversas oportunidades de aprendizagem  
no Jardim de Infância”**

**Figura 51**

*Atividade motora*



**Figura 52**

*Construção de fantoches*



**Figura 53**

Música erudita de Tchaikovsky, "O Quebra-Nozes: Marcha" e dança livre com o objeto sensorial



*Criação de uma história com imagens alusivas ao Natal, através da imaginação e criatividade das crianças*





**Figura 56**

*Construção e interpretação de um pictograma*



**Figura 57**

*Experiências científicas*

